

# O Reiki, a Terapia Vibracional Integrativa e outros tratamentos complementares



Adilson Marques

O Reiki, a Terapia Vibracional Integrativa  
e outros tratamentos complementares

O enfoque da espiritualidade universalista e holonômica







## Apresentação

*O homens! Vossa visão é curta para julgar os desígnios de Deus! Sabei, pois, que nada se faz sem a sua permissão, e sem um objetivo que, freqüentemente, não podeis penetrar.*

O Espírito de Verdade

Em 2001, os membros do Centro de Estudos e Vivências Cooperativas e para a Paz, organização espiritualista que existia na cidade de São Carlos, embrião da ONG Círculo de São Francisco, participaram de um profícuo intercâmbio mediúnico para estudar com a espiritualidade diferentes terapias vibracionais e bioenergéticas. Entre os anos de 2001 e 2003, foram realizadas reuniões semanais onde, com base no método para se entrevistar Espíritos criado por Allan Kardec, no século XIX, e sintetizado em O Livro dos Médiuns, coletou-se as informações que se transformaram em uma trilogia de livros, editada nos anos de 2004 e 2005.

O primeiro livro denominou-se “Dharma-reiki: o aprimoramento espiritual e a caridade como caminhos para a cura”. Nele, relatei uma experiência pessoal, narrando minha iniciação na técnica criada pelo monge budista Mikao Usui; o

contato que tivemos com a espiritualidade através do intercâmbio mediúnicos e a primeira sistematização de um trabalho psicossócio-espiritual que denominei, na época, de Mandala-Reiki e hoje chamo de Terapia Vibracional Integrativa (TVI), unindo REIKI, Danças Circulares, Meditação em movimento e Cromosofia (cromoterapia mental), algumas das terapias e técnicas utilizadas no referido Centro de Estudos.

O segundo livro reuniu os ensinamentos transmitidos pela espiritualidade, enfatizando o aspecto espiritual do REIKI, e denominou-se “Os símbolos do REIKI e seus ensinamentos morais”. Esse livro foi utilizado como recurso didático nos vários cursos de REIKI, ministrados por mim na ONG Círculo de São Francisco (CSF), na Fundação Educacional São Carlos (FESC), na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), e em escolas públicas e particulares do ensino básico e médio, localizadas no município de São Carlos e de outros municípios que solicitaram a nossa presença, sempre gratuitamente.

O último livro da trilogia chamou-se “O REIKI segundo o Espiritismo”. Esse livro foi o mais lido e também o mais criticado. Sua primeira tiragem de 1 mil exemplares esgotou-se rapidamente e, na Internet, sua primeira versão e-book recebeu mais de 3 mil visitas em um ano. O livro gerou muita polêmica, tanto com os que se dizem “reikianos”, como com aqueles que se consideram “espíritas”. Porém, em nenhum momento, os críticos do livro fizeram referências aos ensinamentos e as informações transmitidas pelos Espíritos, não contribuindo, infelizmente, para um debate instrutivo.

Todas as críticas foram respondidas não só por obrigação, mas para se tentar criar um clima de diálogo e um debate frutífero com os interlocutores. Porém, analisando o seu teor foi possível constatar que a maioria dos críticos não compreende o Espiritismo como uma ciência criada, no século XIX, por Allan Kardec, para estudar a vida ativa após a morte e a relação do mundo espiritual com o material, tendo como heurística básica a fenomenologia mediúnica. Os críticos do livro desconhecem que o Espiritismo,

conforme a definição kardequiana, é um importante e atual método de pesquisa para se estudar todos e quaisquer fenômenos sociais ou metafísicos e não uma doutrina religiosa.

Em outras palavras, a maioria dos que criticaram o livro tem a visão do senso comum, ou seja, não importa se eles se consideram “espíritas” ou “reikianos”, para essas pessoas o Espiritismo é mais uma religião.

O Espiritismo, conforme a concepção do próprio Kardec, é uma ciência experimental ou de observação que deriva em uma filosofia de cunho moral. Esta ciência, como salientamos, se realiza através do intercâmbio mediúnico com os Espíritos (os seres incorpóreos), que nada mais são do que todos aqueles que já se desvencilharam do invólucro carnal. E mesmo a Filosofia que derivou desse intercâmbio não é nova, ele afirma, mas se encontra dispersa através dos ensinamentos dos principais mestres espiritualistas da humanidade, no Ocidente ou no Oriente.

Em suma, podemos dizer que a espiritualidade não é monopólio de nenhuma religião e nem mesmo de filosofias espiritualistas codificadas, como é o próprio Espiritismo, pois, como sempre lembrou Kardec, o Espiritismo não inventou os Espíritos, apenas estuda as relações entre o mundo espírita (ou seja, o dos Espíritos) e o mundo material. Com essa compreensão, podemos aceitar com naturalidade que o sentido profundo dos valores espirituais encontra-se sempre em uma dimensão pessoal e intransferível, e que cada Espírito humanizado sempre possui o seu livre-arbítrio para escolher a religião que melhor corresponda ao seu grau de evolução e entendimento espiritual.

Porém, não podemos deixar de assinalar que, paradoxalmente, as doutrinas religiosas (que também são provações para o Espírito humanizado) costumam embaçar nossa experiência única com Deus e, muitas vezes, até a impedem. Ao invés de iluminar, elas ofuscam quando deixamos que o nosso



individualismo (Ego) fale mais alto e começamos a julgar a nossa religião como a “certa” e a condenar as demais como as “erradas”. Quando isso acontece, as religiões que poderiam nos conectar a Deus, ou seja, preparar o neófito para o grande mergulho na realidade suprema e inefável de um Deus vivo, acolhedor e misericordioso, transformam-se em “bezerros de ouro”.

Assim, ofuscados pela luz do Ego, passamos a idolatrar a religião ou seus criadores, esquecendo-se de amar a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a si mesmo. É por isso que Sidarta, o Buda, afirmava que as doutrinas religiosas são como canoas para chegarmos ao outro extremo do rio. Porém, assim que a travessia termina, elas devem ser abandonadas para o uso de outras pessoas, e não carregadas sobre os ombros. A idolatria nos deixa cegos e por isso o Buda também dizia: “não aceite nada daquilo que vos digo; não aceite nada daquilo que está escrito em livro considerado sagrado; aceite somente aquilo que passar por vossa compreensão”.

Em outras palavras, não existe religião verdadeira e religião falsa. Deus é misericordioso e abençoa todos os caminhos que buscam a regeneração da Terra e a purificação do Espírito eterno. Mas todas elas possuem os seus falsos-profetas, que são aqueles que idolatram as doutrinas e esquecem que o importante é o amor universal. Assim, todas as religiões, numa perspectiva mais ampla, se complementam, pois cada uma trabalha com uma determinada faixa energética ou vibratória, adequada para cada alma em provação na Terra. Dessa forma, cada uma possui uma missão cósmica distinta, como se fosse uma especialidade médica preparada para atender as necessidades de cada ser humanizado. E a espiritualidade, por não ser monopólio de nenhuma religião, está presente e atua em todas, mesmo naquelas que negam a mediunidade ou o intercâmbio com os ditos “mortos”.

É por isso que o Espiritismo, conforme a contextualização original de Kardec, não é uma religião. Para Kardec, o Espiritismo é uma disciplina científica que surgiu com a missão de elaborar

uma explicação racional da vida espiritual, explicando os fenômenos antes classificados como sobrenaturais e maravilhosos. Nesse sentido, o Espiritismo kardequiano fornece, tanto para aqueles que já se conscientizaram que são Espíritos eternos passando por experiências humanas, como para aqueles que ainda se apegam às verdades criadas pelo Ego, chaves para explicar a vida ativa após a morte e a relação entre o mundo espiritual e o mundo material, pois, como ele mesmo afirmou, os Espíritos são uma das forças da natureza, atuando tanto no plano moral como material e, na maior parte das vezes, conduzindo as nossas ações de uma forma tão sutil que temos a impressão de estarmos usando o nosso “livre-arbítrio” nos atos que praticamos na Terra, como está evidente nas questões 525 e seguintes em O Livro dos Espíritos.

Quanto ao REIKI, sua prática se constitui em um dos mais importantes “fatos espíritas” do século XX, espalhando-se rapidamente do Japão, onde foi intuído por um monge budista chamado Mikao Usui, para ganhar *status* nos EUA e na Europa, chegando, através da indústria New Age, em meados da década de 1980, ao Brasil. Por seu grande avanço no mundo Ocidental, a Organização Mundial da Saúde (OMS) já o reconhece como “terapia complementar”, junto com outros tratamentos (Florais de Bach, Acupuntura, Homeopatia etc.).

Mas, o que é um “fato espírita?” Seria o trabalho mediúnico que acontece somente em um local que se identifica como “centro espírita?” Não! Segundo a denominação de Allan Kardec, é todo fenômeno causado pela intervenção de inteligências incorpóreas, ou seja, por Espíritos, não importando o seu grau de evolução. Nesse sentido, com a exceção de poucos reikianos que ainda afirmam que a “energia cósmica é inteligente” e é ela que faz os tratamentos, por ser praticamente consenso que sem a participação dos Espíritos, nenhuma cura seria obtida através dessa técnica, podemos afirmar que o REIKI é um “fato espírita”.

Mesmo que alguns reikianos afirmem que não são meros desencarnados que ainda necessitam da reencarnação os que se manifestam durante o atendimento, mas sim os chamados “mestres ascensionados” como Jesus, Maria, Arcanjo Gabriel, Saint Germain, entre outros, não deixa de ser um “fato espírita”, pois esta prática depende da intervenção dessas consciências incorpóreas para se processar.

E como vimos, o Espiritismo kardequiano tem duas faces: a científica e a filosófica. Nesse sentido, não há nada que impeça a pesquisa do tema junto aos Espíritos, sobretudo com aqueles que se manifestam durante sua prática, uma vez que a ciência espírita (que nesse livro será denominada como Espiritologia) é realizada através da fenomenologia mediúnica, consultando-se e entrevistando Espíritos de várias ordens, através de reuniões sérias voltadas para a elaboração de estudos filosóficos, morais etc.

Lembrando o que escreveu Kardec, em O Livro dos Médiuns:

*“Algumas pessoas pensam que é preferível abster-se de colocar perguntas, e que convém esperar o ensinamento dos Espíritos sem provocá-los; há aí um erro. Os Espíritos dão, sem contradita, instruções espontâneas de alta importância, e que seria errado, negligenciar, mas há explicações que se esperaria, freqüentemente, tempo muito longo se não fossem solicitados. O Livro dos Espíritos e O Livro dos Médiuns estariam ainda por fazer, ou pelo menos, seriam bem menos completos, e uma multidão de problemas de grande importância, estaria ainda por resolver.”*

Nesse sentido, ao contrário da maior parte dos espíritas brasileiros que transformaram o pensamento de Kardec em uma religião, este possuía, como já salientamos, uma mentalidade

científica. Seu objetivo era o de estudar todos os fatos sociais e metafísicos através da consulta aos Espíritos, mesmo sabendo que estes não sabiam tudo. E isso fica claro nessa outra passagem, também retirada de O Livro dos Médiuns:

*“A instrução espírita não compreende apenas o ensinamento moral dado pelos Espíritos, mas também o estudo dos fatos; a ela incumbe a teoria de todos os fenômenos, a procura das causas e, como conseqüência, a constatação do que é possível e do que não o é; em uma palavra, a observação de tudo o que pode fazer avançar a ciência. (...) Esses fatos, que seria impossível enumerar, surgem de uma multidão de circunstâncias fortuitas; embora menos salientes, não deixam de ser do mais alto interesse para o observador, que neles encontra, ou a confirmação do princípio conhecido, ou a revelação de um princípio novo, que o faz penetrar mais adiante nos mistérios do mundo invisível.” (grifo meu)*

Nesse sentido, por ser uma disciplina científica, obviamente que ele pode estudar e elaborar teorias sobre o REIKI, sobre a Umbanda, sobre a Apometria ou qualquer outra prática onde o intercâmbio com os Espíritos de todos os graus, de forma oculta ou patente, se realiza, pois todas as técnicas e artes mediúnicas apontadas acima são “fatos espíritas”.

Porém, como salientamos, o livro recebeu duras críticas de “espíritas” que afirmavam ser o REIKI um “elemento estranho ao Espiritismo” e de “reikianos” que afirmavam que o REIKI não tinha relação com a “religião espírita”. Mas entendemos que tais críticas só foram possíveis graças ao total desconhecimento do que realmente Kardec escreveu e chamou de Espiritismo, uma vez que o senso comum confunde o termo

Espiritismo com a prática mediúnica e com o assistencialismo praticado dentro dos chamados “centros espíritas”.

E como o desconhecimento em relação à obra de Kardec é gritante, mesmo entre aqueles que dizem seguir seu pensamento, resolvemos, para evitar maiores confusões, adotar o neologismo Espiritologia para se referir a essa dimensão científica da obra kardequiana, apesar da classificação paradoxal que fazem do Espiritismo como sendo um “espiritualismo científico”, por exemplo, no texto “introdução ao Livro dos Espíritos”, no qual J. Herculano Pires faz um paralelo entre o discurso marxista e o espiritista, apresentando uma afirmação extremamente polêmica:

*“O Livro dos Espíritos’ se apresenta como um divisor de águas. Tudo aquilo que, antes dele, constitui o espiritualismo, pode ser chamado ‘espiritualismo utópico’, e tudo o que vem com ele e depois dele, seguindo a sua linha doutrinária, ‘espiritualismo científico’.”*

Essa separação é ilusória e irreal. Se há algum caráter científico no Espiritismo kardequiano não é na doutrina ditada pelos Espíritos, ou seja, em sua parte filosófica, mas no estudo dos chamados “fatos espíritas”. Estes podem ser transformados em objetos de estudos científicos. Ou seja, sobre eles é possível criar teorias espiritistas.

Por sua vez, sua dimensão filosófica é “dogmática”, uma vez que é formada por ensinamentos incapazes de serem comprovados cientificamente, apesar de serem expostos de forma racional, como, por exemplo, o ensinamento da questão 258 que afirma que o livre-arbítrio foi exercido antes da encarnação, durante a escolha do gênero de provas a ser vivenciado na Terra. Como podemos comprovar cientificamente esse ensinamento da Doutrina espírita? Ou seja, se intuitiva ou sentimentalmente achar que esse ensinamento é verdadeiro, que

faz sentido para mim a crença de que antes de encarnar eu escolhi voluntariamente um gênero de provas e por causa disso nasci homem ou mulher, branco ou preto, rico ou pobre, no Brasil ou na Alemanha etc., então vou me assumir como “espírita” ou espírita, ou seja, como um seguidor da Doutrina espírita. Mas, se eu não aceito esse ensinamento, não posso me considerar “espírita”, mesmo que acredite em reencarnação e participe de reuniões mediúnicas. Em suma, enquanto eu estiver encarnado, posso acreditar nesse ensinamento, mas não comprová-lo.

Através desse exemplo podemos compreender que a dimensão filosófica do Espiritismo não é científica, mesmo que ela tenha sido revelada pelos Espíritos. A Doutrina espírita é uma filosofia espiritualista de cunho moral, obviamente, mas nunca poderá ser classificada como uma teoria científica. É por isso que, atualmente, a Epistemologia diferencia o que é teoria e o que é doutrina. Mas não é aqui que abordaremos esse assunto. Para ele dedicamos um capítulo específico neste livro.

Assim, e reafirmando o que salientamos acima, apenas os “fatos espíritas” podem ser tratados como um objeto de estudo científico. E todas as diferentes formas de comunicação ou intercâmbio com o mundo espiritual são “fatos espíritas” e podem ser estudadas cientificamente, não apenas as que acontecem dentro de um “centro espírita”.

É por isso que, para se evitar maiores confusões, faz-se necessário distinguir a pesquisa científica, que chamaremos de Espiritologia, e o Espiritismo, ou seja, os ensinamentos que formam a Doutrina espírita, apresentados em O Livro dos Espíritos.

Nesse sentido, não tem lógica afirmar que o REIKI, a Umbanda ou a Apometria não são “fatos” ou “manifestações espíritas”. São e podem ser estudados pela Espiritologia sem nenhum preconceito. Porém, para dizer se tais práticas seriam “elementos estranhos” ao Espiritismo teríamos que estudar o que ensinam os Espíritos nessas práticas e compará-las com os ensinamentos que formam a Doutrina espírita que, de forma

resumida, é composta pelos seguintes ensinamentos:

- que Deus é a causa primária de todas as coisas (questão 01);
- que a inteligência é atributo do Espírito (questão 24);
- que a matéria resulta de uma única e mesma substância primitiva (questão 32);
- que todos os globos que circulam no espaço são habitados (questão 55);
- que expiar é passar pelas vicissitudes da vida humanizada ou encarnada (questão 132);
- que o livre-arbítrio foi exercido antes da encarnação (questão 258);
- que os Espíritos superiores exercem uma autoridade irresistível sobre os inferiores (questão 274);
- que freqüentemente são os Espíritos que dirigem nossos pensamentos e nossas ações (questão 459) e também os acontecimentos da vida (questão 525);
- que um homem mau, com o auxílio de um mau Espírito não pode fazer o mal ao seu próximo (questão 551);
- que um talismã ajuda a dirigir o pensamento, mas que é a intenção e a elevação dos sentimentos que importam para atrair os Espíritos, pois a verdadeira adoração é a do coração, mas que a adoração exterior é útil, se não for um simulacro (questão 653);
- que Deus julga a intenção e não os fatos (questão 747);
- que a fatalidade só existe em função do gênero de provas escolhido pelo Espírito antes da encarnação, traçando para si uma espécie de destino após a encarnação (questão 851);
- que ninguém morre antes da hora, não importa o perigo (questão 853);

- que a caridade consiste em ser benevolente, indulgente e perdoar (questão 886);
- que é do egoísmo que deriva todo o mal (questão 913), etc.

Em suma, apesar do encaminhamento lógico e racional, estes ensinamentos que compõem a Doutrina espírita ou o Espiritismo, não podem ser comprovados cientificamente, por isso, como já salientamos, preferimos afirmar que o Espiritismo é uma doutrina e não uma teoria científica, mas podemos estudar cientificamente o fenômeno mediúnico, seja aquele praticado nos chamados “centros espíritas”, como aqueles que acontecem em um terreiro de umbanda ou qualquer outra forma de intercâmbio com o mundo espiritual. Aliás, foi do estudo das famosas “mesas girantes” que Kardec descobriu a existência de inteligências incorpóreas e a possibilidade de comunicação com elas.

Assim, não importa o meio. Se os Espíritos manifestarem concordância com os ensinamentos acima, estarão de acordo com o Espiritismo. Mas, para sabermos, é importante, antes de tudo, estudar.

E, nesse sentido, através do estudo, é possível encontrar inúmeros “centros espíritas” que, mesmo filiados às Uniões de Sociedades Espíritas ou Federações, não praticam os ensinamentos da Doutrina espírita. Por exemplo, todos aqueles que difundem que, por imprudência ou outro motivo qualquer, alguém morre antes da hora, contradizem o ensinamento presente na questão 853. Encontramos em livros, revistas e até na Internet artigos de “espíritas” dizendo que Airton Senna, por exemplo, morreu antes da hora. Mesmo que o próprio Espírito que vivenciou essa personalidade na Terra se manifestar em um centro espírita e falar que morreu antes do tempo planejado, ele está contradizendo o ensinamento da Doutrina espírita, pois, “não importando o perigo, ninguém morre antes da hora”.



Também é comum encontrar no meio espiritista a divulgação de que expiar é sofrimento, contradizendo a questão 132. E podemos falar também do ativismo assistencialista que move vários centros, realizando diversos atos materiais (dar sopa para mendigos, roupas etc.), mas se esquecendo que é a intenção com que o ato é vivenciado que importa, contradizendo, assim, os ensinamentos das questões 747 e a 886.

Da mesma forma, poderá estar em sintonia com o Espiritismo, ou seja, com a Doutrina dos Espíritos, o terreiro de umbanda que usa objetos materiais (congé com imagens, etc.) ou símbolos (pontos riscados e cantados) seguindo os ensinamentos que aparecem na questão 653.

Em suma, a Doutrina espírita é um conjunto de ensinamentos morais e não define como esses ensinamentos devem ser vivenciados. E Kardec, por ter essa compreensão profunda, afirmou que o católico, o maometano, o brâmane etc., apesar de seguirem todos os rituais de suas religiões, também poderiam ser espíritas, se acreditassem na manifestação e nos ensinamentos dos Espíritos. Ou seja, o Espiritismo, como doutrina, não define como devem ser as manifestações mediúnicas, mas quais os ensinamentos que o compõem. Porém, sempre será uma doutrina espiritualista não-científica, já que seus ensinamentos não podem ser comprovados, apenas aceitos como “dogmas”, no sentido pleno dessa expressão.

Em suma, o leitor deste livro poderá notar que em nenhum momento ele vai de encontro à essência do Espiritismo kardequiano, mas, para evitar confusões, vamos chamar de Espiritologia a ciência que consiste em estudar os “fatos espíritas” e a relação do mundo espiritual com o material através da consulta e sistematização de informações transmitidas pelos Espíritos em reuniões mediúnicas sérias e instrutivas.

Além disso, o livro que o leitor tem em mãos é muito mais do que uma revisão da trilogia que anteriormente publicamos sobre o REIKI. Resolvemos também inserir uma

reflexão sobre o Mandala-REIKI, atualmente identificado por nós como Terapia Vibracional Integrativa (TVI) e também os ensinamentos dos Espíritos sobre outras terapias vibracionais e bioenergéticas como os Florais, a Cromoterapia etc.

Assim, para os que praticam o REIKI e as demais terapias, o livro é, sem dúvida, uma fonte de informações elucidativas para ajudar a melhor conduzir o trabalho terapêutico, possibilitando uma melhor compreensão de como se processam as trocas energéticas e os tratamentos de seus pacientes.



## Introdução

*“As comunicações instrutivas são as comunicações sérias que têm por objetivo principal um ensinamento qualquer, dado pelos Espíritos, sobre as ciências, a moral, a filosofia, etc. Elas são mais ou menos profundas segundo o grau de elevação e de desmaterialização do Espírito. Para retirar dessas comunicações um fruto real, é preciso que sejam regulares e continuadas com perseverança. (...) É apenas pela regularidade e freqüência dessas comunicações que se pode apreciar o valor moral e intelectual dos Espíritos com os quais se conversa e o grau de confiança que merecem.*

*O Livro dos Médiuns, capítulo X.*

Em 1857, Allan Kardec publicava O Livro dos Espíritos, obra que trazia uma série de questões formuladas aos seres incorpóreos (desencarnados) e suas respectivas respostas. Esse trabalho pioneiro de história oral e transcendentalismo, ou seja, de entrevista com os Espíritos, deu origem à Doutrina espírita (dos Espíritos) ou, simplesmente, Espiritismo.

O neologismo espírita se referia às manifestações dos

Espíritos. Assim, podia-se falar em “arte espírita” quando se constatava que um Espírito, através de um médium, pintava quadros, escrevia poesias etc. Com o passar do tempo e, particularmente, no Brasil, a Doutrina espírita virou religião. E, como toda religião, atraiu fanáticos e irracionais seguidores. A experimentação e o intercâmbio saudável com os Espíritos foram trocados pela paranóia em distinguir o que é “doutrinário” e o que não é “doutrinário” no intercâmbio mediúnico.

Por exemplo, em técnicas mediúnicas como a Apometria, codificada pelo médico brasileiro José Lacerda, temos manifestações espíritas, ou seja, de Espíritos; mas não é uma técnica aceita pela maioria dos que se rotulam como “espíritas”. Outros “espíritas” chamam de “mistificação” a informação de que possuímos sete dimensões energéticas ou corpos sutis, pois Kardec só escreveu que existem três: o físico, o perispírito e o Espírito, como se tais informações fossem contraditórias e não complementares; e temos também aqueles que não aceitam de forma alguma que no trabalho mediúnico chamado por eles de “espiritismo” se manifestem Espíritos na forma de índios ou de ex-escravos (os chamados pretos-velhos).

Porém, apesar de fortemente arraigado ao eurocentrismo e ao positivismo do século XIX, Kardec tinha uma compreensão muito mais ampla do que seria o Espiritismo. Por exemplo, na revista espírita de abril de 1858, Kardec entrevista um Espírito que viveu a personalidade de um antigo paxá no Egito, chamado Méhémet-Ali. Em determinado momento da entrevista, Kardec pergunta ao Espírito: “os sacerdotes do antigo Egito tinham conhecimento da Doutrina Espírita?” E a resposta do Espírito foi a seguinte: “era a deles”. Ou seja, para Kardec fazer essa pergunta ou ele tinha uma concepção de “doutrina espírita” muito mais ampla que a dos “espíritas” atuais ou quis fazer uma “pegadinha” com o Espírito, algo pouco provável. Poderíamos usar outros exemplos, como o da revista espírita de janeiro de 1864, no qual Kardec afirma que santo Atanásio era espírita sem saber. Ou seja, o patriarca de Alexandria, um dos responsáveis

pela Igreja Grega, que viveu no século IV da era cristã foi chamado de “espírita” por Kardec apenas pelo fato de afirmar que a alma sobrevive à morte física.

Atualmente, o senso comum, e muitos que se dizem “espíritas”, acreditam que só pode ser chamado de “espiritismo” a religião mediúnic praticada nos chamados “centros espíritas”. Esse é um ledor engano que precisa ser esclarecido. Hoje em dia, a maior parte dos “centros espíritas” pratica formas distintas de mediunismo, não importando se é através do passe, da água fluidificada, da conversa com Espíritos, da psicografia ou até da cirurgia espiritual. Porém, são raros os que praticam o Espiritismo no sentido proposto por Kardec, ou seja, realizando a ciência espírita (Espiritologia) ou vivenciando os ensinamentos que formam sua filosofia.

Todas as práticas apresentadas acima são “manifestações espíritas”, na linguagem de Kardec, mas não, necessariamente, Espiritismo. Uma cirurgia espiritual, enquanto “fato espírita”, tem o mesmo valor que uma “mesa girante” e o diálogo com um “preto-velho”. Por isso, o Espiritismo, no sentido kardequiano, estuda todas essas manifestações espíritas. Sobre essa questão, encontramos na introdução de O Livro dos Espíritos uma frase esclarecedora: “a ciência espírita compreende duas partes: uma experimental, sobre as manifestações em geral, outra filosófica, sobre as manifestações inteligentes.” E vai além, “o estudo do espiritismo é imenso, toca em todas as questões da metafísica e da ordem social, e é todo um mundo que se abre diante de nós”. Assim, dizer que há “elementos estranhos ao espiritismo” é mostrar total desconhecimento em relação à obra de Allan Kardec. Porém, como já salientamos, e vamos reforçar ao longo desse livro, para não confundirmos mais a Ciência espírita com a Doutrina espírita, chamaremos a primeira de Espiritologia, deixando o termo Espiritismo apenas para a segunda, lembrando, também, que nem tudo o que acontece em um centro espírita tem relação com o Espiritismo, mas são manifestações mediúnicas, ou seja, espíritas.

No atual contexto histórico, o espíritólogo não se forma na Universidade. Ele é um autodidata, um livre pensador que coloca em prática o método criado por Kardec. Assim, o espíritólogo estuda todas as manifestações mediúnicas que acontecem nos chamados “centros espíritas”, como em outros locais, por exemplo, os chamados “terreiros de Umbanda” e os diversos “espaços holísticos”. Por isso, não importa se a espiritualidade que se manifesta em um centro opta em trabalhar apenas com água fluidificada e passe (envio de energia através das mãos) e, em outros, apóia que o grupo mediúnico use a Apometria, técnica de tratamento espiritual e desobsessão criada pelo médico brasileiro Dr. Lacerda. Também não importa se a espiritualidade usa a cromoterapia ou faça cirurgias espirituais e receite remédios homeopáticos através da psicografia. Nada disso é a Espiritologia, apenas manifestações mediúnicas (espíritas), porém, todas elas podem e devem ser estudadas pela Espiritologia, ou seja, pela ciência espírita.

E como dissemos, até a manifestação espírita que ocorre em um terreiro de umbanda é objeto de estudo da Espiritologia. Obviamente que a Umbanda não se organiza e se pratica de forma similar ao mediunismo dos “centros espíritas”. A Umbanda possui uma integração com a natureza e uma arte própria que necessita de uma outra organização, ou seja, de uma específica *psiconomia*, mas não se pode dizer que a Umbanda negue o Espiritismo (a filosofia espírita) ou que não seja uma “manifestação espírita”. Em outras palavras, temos que compreender que a Umbanda é um objeto de estudo privilegiado para o cientista espírita, ou espíritólogo, assim como também é a Transcomunicação Instrumental, a Apometria, o REIKI etc., pois, como vimos acima, a ciência espírita estuda as manifestações dos Espíritos em geral.

Feita essa pequena digressão, podemos afirmar que todas as informações que compõe esse livro foram realizadas, como já salientamos, através da consulta aos Espíritos, seguindo rigorosamente o método criado por Kardec e exposto em O Livro

dos Médiuns. Não há, obviamente, a pretensão de dizer que tudo o que os Espíritos dizem é a verdade absoluta. Somente os ingênuos têm tamanha pretensão. Porém, não resta dúvida que os Espíritos estão por todos os lugares. Uma pessoa sensitiva é capaz de sentir a presença de Deus e dos Espíritos em todas as coisas e se maravilhar, caso seja agraciado pelo Dom da vidência (seja por mérito ou por prova), ao ver em uma igreja evangélica o trabalho dos Espíritos dando passes nos freqüentadores, quando estes oram e colocam as mãos em recipientes com água que os pastores dizem que é para curar. Ou, ao adentrar em uma casa holística que aplica REIKI, observar vários Espíritos protetores utilizando a forma perispiritual de samurais, protegendo a entrada do lugar, e uma equipe de médicos desencarnados utilizando diferentes recursos de tratamento como fitoterapia, cromoterapia etc., enquanto enfermeiros vestidos como monges fazem curativos no perispírito dos pacientes.

Da mesma forma, em uma casa que pratica YOGA, um vidente tem a oportunidade de observar vários Espíritos volitando sobre coloridas almofadas e pulverizando nos praticantes luzes coloridas (verdes, douradas, lilases etc.) enquanto estes meditam. Sei de sensitivos que já presenciaram até operações espirituais durante a prática de Hatha-YOGA, realizadas de forma tão sutil que o praticante nem percebeu que passou por uma cirurgia.

Quanta relação existe entre o mundo espiritual e o material, ou quanta coisa existe entre o Céu e a Terra que nossa vã filosofia não consegue compreender. Não foi à toa que Kardec escreveu:

*Ela (a ciência espírita) exige um estudo assíduo e, freqüentemente, longo demais; não podendo provocar os fatos, é preciso esperar que eles se apresentem e, no geral, eles são conduzidos por circunstâncias das quais nem ao menos se sonha. Para o observador atento e*

*paciente, os fatos se produzem em quantidade, porque ele descobre milhares de nuances características que são, para ele, rasgos de luz. Assim o é nas ciências vulgares; enquanto que o homem superficial não vê numa flor senão uma forma elegante, o sábio nela descobre tesouros pelo pensamento. (...) Portanto, não nos enganemos, **o estudo do Espiritismo é imenso, toca em todas as questões da metafísica e da ordem social, e é todo um mundo que se abre diante de nós** (LE, p. 32. Grifo meu).*

Para Kardec não havia assunto que não poderia ser pesquisado pelo Espiritismo, em sua dimensão científica. Portanto, o cientista espírita (espiritólogo) possui uma infinidade de temas para observar e estudar, compreendendo melhor as ações que os Espíritos exercem tanto sobre o mundo moral como sobre o mundo físico, pois eles agem sobre a matéria e sobre o pensamento, constituindo-se, como afirmou Kardec, em uma força da natureza. Assim, para a Espiritologia, não há qualquer “fato espírita” que não possa ser observado e estudado, ou seja, não existe “elemento estranho” à Espiritologia.

Em outras palavras, a Espiritologia é o estudo sistematizado da ação dos Espíritos no mundo material ou de sua vida ativa após a morte. Nesse sentido, a Espiritologia é uma das disciplinas científicas que podem ajudar a explicar as curas que acontecem durante um atendimento de REIKI, esclarecendo, através da própria consulta aos Espíritos que atuam nessa prática espiritualista, como é que eles manipulam a bioenergia disponibilizada pelos atendentes e realizam as curas nos pacientes que possuem merecimento, desconstruindo, assim, a teoria vigente que afirma ser o desenho de um símbolo gráfico o responsável pelas curas.

O fato de a Espiritologia ser capaz de criar uma teoria espírita (ou dos Espíritos) sobre o REIKI, não quer dizer que essa técnica



precise ser praticada nos chamados “centros espíritas”, onde já se pratica o “passe”, que é, na essência, a mesma coisa.

Os fundamentos da Espiritologia também podem ser encontrados no livro Obras Póstumas de Kardec, no qual lemos:

- O elemento espiritual e o material são dois princípios, duas forças vivas da natureza, complementando-se e reagindo, incessantemente, uma sobre a outra. A missão da ciência é o estudo das leis da matéria e o **Espiritismo (*Espiritologia, em nosso caso*), o estudo do elemento espiritual em suas relações com o elemento material** (grifo meu).
- Sendo o elemento espiritual um estado ativo da natureza, os fenômenos espíritas são tão naturais quanto os que têm sua fonte na matéria neutra.

Com base nos argumentos acima oferecidos por Kardec, podemos dizer que a Espiritologia é a ciência de observação e análise dos fatos espíritas, ou seja, daqueles provocados pelos Espíritos, não importando o seu grau de evolução.

Felizmente, as luzes da espiritualidade, nesse momento de regeneração da Terra, estão intensas. Muitas correntes de Espíritos agem nos bastidores da vida humanizada com brandura e (co)movendo os corações para aliviar tantos sofrimentos e pré-conceitos atávicos. E os Espíritos estão dispostos a espalhar ainda mais suas luzes para aqueles que desejam recebê-las, ouvindo o que eles têm para nos dizer. Compreender e divulgar esse trabalho é a missão da Espiritologia neste limiar de século XXI, ou de transição da Terra do estágio de “provas e expiações” para o de “regeneração”.

As siglas que aparecem neste livro são referentes aos seguintes livros:

- LE – O Livro dos Espíritos. Araras/SP: IDE, 138ª edição, 2002.
- OE – O que é Espiritismo. Araras/SP: IDE, 33ª edição, 1974.
- LM – O Livro dos Médiuns. Araras/SP: IDE, 59ª edição, 2001.
- OP – Obras Póstumas. Araras/SP: IDE, 1ª edição, 1993.
- EE – O Evangelho segundo o Espiritismo. São Paulo: Petit, 1997.
- G – A Gênese. Araras/SP: IDE, 3ª edição, 1992.

# PRIMEIRA PARTE

## Capítulo I



### *Afinal, o que é a Espiritologia?*

*O Espiritismo é, pois, a doutrina fundada sobre a existência, as manifestações e o ensinamento dos Espíritos.*

Kardec (O que é Espiritismo)

*O Espiritismo, melhor observado depois que se vulgarizou, veio lançar luz sobre uma multidão de questões até aqui insolúveis ou mal compreendidas. **Seu verdadeiro caráter, pois, é o de uma ciência, e não de uma religião; e a prova disso é que conta entre seus adeptos homens de todas as crenças, que não renunciaram por isso às suas convicções.***

Kardec (O que é Espiritismo)

Nestas duas epígrafes podemos compreender os dois aspectos que compõem o Espiritismo kardequiano, ou seja, a dimensão filosófica (Doutrina espírita) e a ciência experimental que estuda **todos os assuntos** que interessam à Humanidade através de perguntas formuladas aos Espíritos, cujas respostas são recolhidas e coordenadas com cuidado (OE, p.186). Infelizmente, ambas são ignoradas pelo atual movimento espírita que transformou o “espiritismo” em uma religião medianímica na qual o praticante vai para tomar passe e beber água fluidificada. Curiosamente, é comum ouvir pessoas dizendo que freqüentam o “espiritismo”. Ou seja, ele se tornou um lugar para ser freqüentado e não mais uma ciência que estuda a relação entre o mundo material e o espiritual ou mesmo uma Doutrina filosófica de cunho moral.

Para resgatar a essência do pensamento kardequiano, a partir desse livro vamos denominar como Espiritologia a ciência experimental que permite estudar sem preconceitos a Umbanda, a Apometria, a Transcomunicação Instrumental, as diferentes terapias vibracionais etc., em suma, todos os assuntos e fatos espíritas que interessam à humanidade.

A Espiritologia, a herdeira da ciência espírita kardequiana, possui consciência histórica e enfatiza que a História e o mundo se transformam, assim como as imagens que as pessoas têm desse mesmo mundo. É por isso que há um fosso significativo e quase intransponível entre a ciência e a religião. A primeira deve ser feita, sobretudo, com consciência. Ela deve ser dinâmica, neg-entrópica, e seus métodos, suas heurísticas e seus objetos sempre renovados, quando necessários. E mesmo que essa ciência ainda não seja reconhecida pelos donos do saber acadêmico e não obtenha recursos para pesquisas<sup>1</sup>, ela segue o

---

<sup>1</sup> Aliás, hoje em dia, é mais fácil obter recurso para congelar corpos em decomposição e esperar o dia em que a ciência poderá “ressuscitá-los”, do que para realizar pesquisas sérias sobre reencarnação e imortalidade da alma, por exemplo.

mesmo axioma anunciado por Kardec, pois, se hoje temos “fatos espíritas” se produzindo em quantidade, ou seja, temos todo um mundo se abrindo diante de nós para ser estudado e conhecido, não mudou o papel dos Espíritos e, portanto, a Espiritologia compreende que:

*Os Espíritos não estão encarregados de nos trazerem a ciência pronta. Seria, com efeito, muito cômodo se nos bastasse perguntar para sermos esclarecidos, poupando-nos assim o trabalho de pesquisa. (...) Os Espíritos não vêm nos livrar dessa necessidade: eles são o que são e o **Espiritismo tem por objeto estudá-los, a fim de saber, por analogia, o que seremos um dia** e não de nos fazer conhecer o que nos deve estar oculto, ou nos revelar as coisas antes do tempo* (OE, p. 68, grifo meu para ressaltar a dimensão científica do Espiritismo kardequiano, sua Espiritologia).

E como todo campo científico, a Espiritologia também deve se aprimorar, mudar de paradigmas, de heurísticas etc. quando necessário. E, no âmbito científico, a única conclusão cabal que se pode tirar da Espiritologia é que há *influência do mundo invisível sobre o mundo visível*. E que já se pode definir algumas *das relações que existem entre eles*.

Como já nos referimos, as pesquisas de Kardec trouxeram conseqüências importantes, sobretudo para o âmbito filosófico e moral. Ou seja: “*A prova patente da existência da alma, da sua individualidade depois da morte, da sua imortalidade e do seu futuro*”. (OE, p. 70) E, preferindo seguir seu estudo pelo campo da cientificidade, Kardec reforçou, freqüentemente, que “*há duas coisas no Espiritismo: a parte experimental das manifestações e a doutrina filosófica*” (OE, p. 78). É importante ressaltar que ele fala sempre em doutrina filosófica e nunca em doutrina religiosa.

Além de não defender o Espiritismo como religião, Kardec afirma que foi a Igreja Católica que tentou transformá-lo em uma nova religião:

*Pela natureza e veemência de seus ataques, ela alargou a discussão e a conduziu para um terreno novo. O Espiritismo não era senão uma simples doutrina filosófica e foi ela mesma que o engrandeceu apresentando-o como um inimigo terrível; enfim, foi ela que o proclamou como uma nova religião. Foi uma imperícia, mas a paixão não raciocina (OE, p. 86).*

Porém, se foi a Igreja Católica que tentou transformar o Espiritismo em religião, está na hora de reconduzir a discussão para a esfera proposta por Kardec para que a “imperícia” não se torne ainda mais grave. Está explícito na obra de Kardec que o Espiritismo não é religião, mas uma das fases do espiritualismo. E, em sua dimensão científica, estuda a vida ativa após a morte e a relação do mundo espiritual com o material.

Isso não quer dizer que a ciência espírita, a Espiritologia, não acarrete em significativas e importantes conseqüências morais e éticas, pois toda ciência feita com consciência deve ter tais conseqüências. E para que não reste nenhuma dúvida, analisemos a passagem abaixo de Kardec para desfazer qualquer mal-entendido a esse respeito:

*O Espiritismo está fundado sobre a existência de um mundo invisível, formado de seres incorpóreos que povoam o espaço, e que não são outros senão as almas daqueles que viveram sobre a Terra, ou em outros globos, onde deixaram seu invólucro material. São a esses seres que damos o nome de Espíritos. Eles nos rodeiam permanentemente, exercendo sobre os homens,*

com o seu desconhecimento, uma grande influência; eles desempenham um papel muito ativo no mundo moral, e, até um certo ponto, no mundo físico. O Espiritismo, pois, está na Natureza e pode-se dizer que, em uma certa ordem de idéias, é uma potência, como a eletricidade o é em outro ponto de vista, como a gravitação o é em outro. Os fenômenos, dos quais o mundo invisível é a fonte, são efeitos produzidos em todos os tempos; eis porque a história de todos os povos deles faz menção. Somente que, em sua ignorância, como para a eletricidade, os homens atribuíram esses fenômenos a causas mais ou menos racionais, e deram a esse respeito livre curso à imaginação.

O Espiritismo, melhor observado depois que se vulgarizou, veio lançar luz sobre uma multidão de questões até aqui insolúveis ou mal compreendidas. **Seu verdadeiro caráter, pois, é o de uma ciência, e não de uma religião; e a prova disso é que conta entre seus adeptos homens de todas as crenças, que não renunciaram por isso às suas convicções: católicos fervorosos que não praticam menos todos os deveres de seus cultos, quando não são repelidos pela igreja, protestantes de todas as seitas, israelitas, muçulmanos, e até budistas e brâmanes. Ele repousa, pois, sobre princípios independentes de toda questão dogmática. Suas conseqüências morais estão no sentido do Cristianismo, porque o Cristianismo é, de todas as doutrinas, a mais esclarecida e a mais pura, e é por essa razão que, de todas as seitas religiosas do mundo, os cristãos estão mais aptos a compreendê-lo em sua verdadeira essência. Pode-se, por isso, fazer-lhe uma censura? Cada um, sem dúvida, pode fazer uma religião de suas opiniões, interpretar à vontade as religiões conhecidas, mas daí à constituição de uma nova igreja, há distância.**

*(...) Procedemos em nossos trabalhos com calma e recolhimento, porque é uma condição necessária para as observações e, em segundo lugar, porque conhecemos o respeito que se deve àqueles que não vivem mais sobre a Terra, qualquer que seja sua condição, feliz ou infeliz, no mundo dos Espíritos. Fazemos um apelo aos bons Espíritos porque, sabendo que há bons e maus, resulta que estes últimos não vêm se misturar fraudulentamente nas comunicações que recebemos. **O que tudo isso prova? Que nós não somos ateus, mas isso não implica, de nenhum modo, que sejamos religiosos.** (OE, p. 89 e seguintes. Grifos meus)*

Apesar de ser uma longa citação, ela é importante para desfazer qualquer dúvida. Aliás, se Kardec estivesse encarnado e escrevesse tal passagem no século XX, possivelmente teria acrescentado a Umbanda entre as religiões cujos adeptos seriam espíritas, pois o umbandista acredita, mais do que os fiéis de outras religiões, nas manifestações dos Espíritos, pois se trata de uma religião que utiliza o intercâmbio com os Espíritos de forma patente e não latente como as demais.

A passagem abaixo torna ainda mais evidente tal reflexão:

*... Uma vez que, por toda parte que haja homens, há almas ou Espíritos, que as manifestações são de todos os tempos, e que o relato se encontra em todas as religiões, sem exceções. **Pode-se, pois, ser católico, grego ou romano, protestante, judeu ou muçulmano, e crer nas manifestações dos Espíritos, e por consequência, ser Espírita; a prova é que o Espiritismo tem adeptos em todas as seitas.** (OE, p. 189, grifos meus).*



Está claro na passagem acima que o Espiritismo não é uma nova seita religiosa e que espírita, na acepção sugerida por Kardec, é aquele que acredita na manifestação dos Espíritos. Assim, como afirmar que o umbandista não segue uma religião espírita? Somente quem não conhece a obra de Kardec pode fazer tal afirmação pueril.

E mesmo no texto publicado na Revista Espírita, de dezembro de 1868, no qual Kardec defende que o “Espiritismo é religião”, devemos procurar interpretar com mais cuidado tal texto e contextualizá-lo para não deturpá-lo. Kardec, com seu rigor lógico-positivista, enfatizou que há duas concepções para o vocábulo religião. Uma é no sentido clássico de *religare*, ou seja, enquanto uma comunidade de sentimentos, princípios e crenças, na qual há laços morais que unem mentes e corações. É nesse sentido também que antropólogos contemporâneos estudam o marxismo, por exemplo, e o classificam como uma “religião política”, pois é uma doutrina que agregou e ainda agrega mentes e corações, constituindo-se em um sistema de fé dos mais fanatizados e intolerantes.

Nesse sentido mais amplo, o Espiritismo seria uma “religião”. Mas Kardec enfatiza que há o sentido mais restrito e usual, em que o vocábulo religião significa uma espécie de culto, onde há a necessidade de uma casta sacerdotal, hierarquias, rituais etc. Por não ter esse segundo sentido, Kardec enfatiza que é melhor denominar o Espiritismo como uma doutrina filosófica.

Nada temos contra aqueles que pretendem transformar o Espiritismo em religião. Apesar de usarem o nome de Kardec como palanque para doutrinação e proselitismo, é preciso lembrar sempre que o campo de atuação do Espiritismo kardequiano sempre foi o científico e o filosófico.

E um exemplo positivo de como a ciência espírita (que chamamos de Espiritologia) é importante e pode até ajudar na renovação dos cultos religiosos, temos o pioneiro trabalho do médium Zélio de Moraes, no início do século XX, no Rio de

Janeiro, no qual, baseando-se nos ensinamentos dos Espíritos que se manifestavam como Pretos-velhos, índios etc., aboliu, na Umbanda até então existente, o sacrifício de animais, a cobrança pelos serviços socorristas, enfatizou que essa arte medianímica deveria praticar a caridade e seguir o preceito cristão “*daí de graça o que de graça recebestes*”, entre outras mudanças significativas.

Assim também será com o REIKI, uma espécie de “*passê*” nascido no Oriente, mas que ganhou destaque no Ocidente justamente por seu caráter universal e não-religioso. Através dos ensinamentos transmitidos pelos Espíritos e reunidos nesse livro, tomamos consciência que esta forma de “*fluidoterapia*” envolve o mundo espiritual através de uma equipe de médicos desencarnados, preparados para esse trabalho socorrista e que é, sobretudo, através do amor incondicional que se forma um verdadeiro reikiniano, independentemente do número de “*sintonizações*” que o mesmo faça.

Quanto aos símbolos, os Espíritos ensinam que nenhuma serventia metafísica eles possuem, mas trazem valiosos ensinamentos morais baseados no Budismo e em outras filosofias orientais, além de servirem para dar confiança ao atendente ou estimular a Fé, através do emprego de símbolos gráficos, informação que não contraria o ensinamento da questão 653 de O Livro dos Espíritos.

Segundo a espiritualidade, o avanço do REIKI no mundo todo estava previsto para o século XX, mas que chegou a hora de romper com esse viés mercadológico que o incentivou, resgatando sua verdadeira dimensão sagrada. Da mesma forma que do lazer proporcionado pelas mesas girantes, em meados do século XIX, Kardec evidenciou a existência de consciências incorpóreas, o mesmo deve acontecer com o REIKI no mundo todo. Gradativamente, a revelação espiritual chegará a todos os cantos do planeta e essa técnica, que já é reconhecida pela Organização Mundial da Saúde (OMS), vai se transformar em um trabalho de cura espiritual importante, generalizando-se nos diferentes agrupamentos humanos. Porém, será praticado

gratuitamente no mundo regenerado, mesmo que passe a ter um outro nome.

Se o procedimento adotado no REIKI é um pouco diferente do “passe” (o paciente não é tratado de forma impessoal e recebe energia em uma maca; permite-se o uso de música ambiente, de aromas etc.), a essência do trabalho é a mesma. Ou seja, o tratamento é realizado pela espiritualidade socorrista através do ectoplasma fornecido pelos reikinianos. E todo o tratamento envolve a questão do “merecimento”, desfazendo as mistificações que apresentam o REIKI como uma terapia miraculosa capaz de curar todas as doenças físicas, mentais, emocionais e espirituais.

Além da ONG Círculo de São Francisco, nós já recebemos notícias de outros núcleos onde a espiritualidade já passou esclarecimentos semelhantes, como na cidade de Santa Rita do Passa Quatro, em uma das mais conhecidas casas de Umbanda do estado de São Paulo, como também em centros espiritualistas de Pernambuco e do Rio Grande do Sul. Possivelmente, em outros locais também a espiritualidade vem esclarecendo essa questão, apesar de não termos ainda conhecimento do fato.

Mas é necessário ressaltar que, quando uma verdade é revelada, ela não acontece em apenas um único local. Ela acontece de forma ampla e em vários locais diferentes. Talvez por isso que, não só no Brasil, mas também na Europa, aumenta o número de grupos que praticam gratuitamente o REIKI. Em breve, a mistificação e o comércio espiritual que ainda existem serão extintos, assim como, no século XIX, aconteceu com as mesas girantes estudadas por Kardec.

E tudo isso é possível porque a Espiritologia, seguindo os passos do Espiritismo kardequiano:

***Vem confirmar por novos testemunhos, demonstrar por fatos, verdades desconhecidas ou mal compreendidas, restabelecer, em seu verdadeiro***

***sentido, aquelas que foram mal interpretadas.***  
(OE, p. 188, grifo meu)

Ou seja, no caso do REIKI, o ensinamento dos Espíritos nos ajuda a compreender melhor essa técnica, desmistificando o uso dos símbolos e outras informações mal interpretadas. Como afirmou Kardec, no Livro dos Médiuns:

*Muitas pessoas pensam que o Livro dos Espíritos esgotou a série de perguntas de moral e de filosofia; é um erro; por isso, é talvez útil indicar a fonte de onde se pode tirar assuntos de estudo por assim dizer, ilimitados.*

*(...) O valor da instrução que se recebe sobre um assunto qualquer, moral, histórico, filosófico ou científico, depende inteiramente do estado do Espírito que se interroga; cabe a nós julgar. (LM, p. 402)*

Assim, fazer perguntas sobre o REIKI aos Espíritos, mesmo sabendo que eles não sabem tudo, pois são apenas as almas das pessoas que deixaram seu envoltório terrestre, não é desmerecer Kardec ou manchar a “pureza” doutrinária do Espiritismo como pensam alguns, mas compreender que a história é dinâmica, que os temas se atualizam. E aqui entra a Espiritologia, como disciplina científica, para acompanhar tal processo.

## Capítulo II



### *A Espiritologia e sua cientificidade*

*Do ponto de vista epistemológico, há uma dicotomia entre fato e valor, quer dizer, não há uma ponte de dedutibilidade entre ambos: de um fato não se segue um valor; tampouco de um valor se segue um fato. (...) Não obstante, na vida real, fato e valor não se dissociam.*

Hilton Japiassu. O mito da neutralidade científica.

Apesar de todas as evidências, não temos ainda como afirmar, categoricamente, a sobrevivência e a eternidade da alma, ou afirmar que o fenômeno mediúnico é, de fato, a comunicação entre o plano material e o espiritual, e não uma psicopatologia, como afirmam os cientistas materialistas. Para os verdadeiros espiritistas, a reencarnação não é uma teoria, é uma realidade. Aliás, o espiritista não deve crer em Espíritos. Ele deve ter certeza que eles existem. Mas como (com)provar tudo isso cientificamente?

Kardec afirma em O Livro dos Médiuns que o Espiritismo é a demonstração patente da existência dos Espíritos, uma vez que estuda as manifestações espíritas, sejam elas “físicas” ou “intelectuais”. Afirma ainda que os adversários do Espiritismo (os materialistas) cobram dos espíritas que provem a realidade das manifestações, o que seria provado pelos fatos e pelo raciocínio. Porém, será que os fatos são tão positivos assim, como acreditava Kardec?

Se a própria ciência contemporânea destruiu a matéria, demonstrando que tudo aquilo que chamamos de “mundo exterior” não está fora, mas, ao contrário, dentro de nossas próprias mentes, podemos afirmar, categoricamente, que existem fatos positivos?

Por exemplo, no momento em que escrevi esse livro, eu vivi uma experiência pessoal acreditando que estava dentro de um escritório, sentado em uma cadeira e, em frente à tela de um computador, escrevia esse texto no teclado, enquanto, do lado de fora, caía uma forte chuva. Porém, tudo isso só existia dentro da minha mente. Ou seja, a chuva, o escritório, o computador e o meu próprio corpo físico só se tornaram perceptíveis por causa dos órgãos destinados a criar no cérebro (que também não existe independentemente dos órgãos de percepção) tais formas materiais. Ou seja, o que vemos é uma “miragem” e não a Realidade, que é uma massa informe de energia cósmica.

E nesse momento em que o leitor tem a certeza de estar com um livro em suas mãos, lendo o que ele traz impresso, na verdade está apenas tendo uma experiência pessoal que só existe em sua própria mente. É isso que as ciências quânticas descobriram. Todo o mundo exterior é fruto das percepções e das sensações criadas em nossas mentes. Aliás, há milênios mestres como Lao Tsé, Krishna e Buda já ensinavam que as formas materiais, as percepções, as sensações e as formações mentais eram criações imaginárias da mente humana.

Se não fossem as sensações e percepções que criam a ilusão

das formas materiais, nada perceberíamos do mundo exterior. Sem a sensação física e a percepção visual, não existiria este livro. Em suma, este livro é uma miragem, ou seja, uma realidade imaginária. Todos nós enxergamos livro onde, essencialmente, existe apenas energia. Esta, a energia que compõe o livro, é Real; já o livro não passa de uma miragem.

Mas tal miragem é necessária para a vida na Terra. Nosso cérebro, que vive em um ambiente escuro, foi programado para criar imagens a partir dos inúmeros fluxos elétricos que chegam até ele.

Assim, se falamos que esse livro é ilusório, como todas as formas materiais, não estamos dizendo que ele seja irreal. Ele existe como uma realidade imaginária, uma vez que enxergamos livro onde existe apenas energia cósmica.

Nesse sentido, não basta mais dizer que a ciência espírita é diferente da ciência materialista, pois ela seria fruto da revelação dos Espíritos. Atualmente, com a ciência destruindo a matéria, compreendendo que o mundo material só existe em nossa mente, a epistemologia da ciência espírita que, no século XIX, seguia os pressupostos cartesianos-newtonianos precisa também se renovar. A positividade dos fatos que, para Kardec, era real, hoje não passa de miragem.

Nesse sentido, apesar de resgatar o pensamento cientificista kardequiano, a Espiritologia está mais próxima das ciências contemporâneas, como a Física Quântica e outras que desconstroem o paradigma clássico-positivista ainda dominante na época em que Kardec publicou seus livros.

Por outro lado, os espiritólogos também precisam seguir o caminho contrário ao dos marxistas. Se estes últimos queriam chegar à cátedra para transformá-la em púlpito de pregação doutrinária, o que, realmente, conseguiram fazer durante boa parte do século XX, o espiritólogo necessita buscar a “neutralidade científica” como valor, no sentido weberiano, para se ater a uma certa “objetividade” e se distinguir de suas

derivações empíricas (psiconomias) que são também seus objetos de estudo, como é o caso da Umbanda, do mediunismo dos centros espíritas ou da Apometria. Esse é o paradoxo que os espiritólogos precisam enfrentar. Se a ciência hoje depende eminentemente do observador, portanto, ela também é algo subjetivo, como buscar uma “neutralidade”?

Como afirma Hilton Japiassu, um dos significativos estudiosos da ciência contemporânea, é mais fácil conceituar a ciência do que defini-la. Mas uma coisa parece consenso: não existe uma definição objetiva e, muito menos, neutra do que é ciência. Os conhecimentos ditos objetivos e racionalizados estão sempre engendrados pela ambiência sócio-cultural e histórica. É por isso que a razão científica é mutável, histórica e variável. E mesmo as revelações espirituais não são imunes ao tempo e às injunções do contexto em que foram transmitidas pela espiritualidade, já que elas acontecem no momento permitido por Deus, de acordo com a necessidade e capacidade de compreensão do Espírito humanizado.

Em suma, em matéria de ciência ou de revelação espiritual, não há objetividade absoluta. A linguagem, os temas, os modelos de um conhecimento técnico ou valorativo são sempre o reflexo da imagem do mundo no qual se originaram. Em outras palavras, ela é uma interpretação sempre passível de mudanças, pois é sempre marcada pela cultura em que se insere. E Kardec soube disso, pois sempre afirmou que o Espiritismo, como ciência, só surgiu no momento em que a civilização ocidental estava pronta para compreendê-lo, apesar de “fatos espíritas” sempre terem existido, em todas as culturas e civilizações.

Nesse sentido, a Espiritologia não é obra de um único indivíduo, nem a revelação miraculosa feita pelos Espíritos, mas ela se realiza através do trabalho constante de vários experimentos mediúnicos, de onde surgem inovações conceituais e teorias. Caberá ao espiritólogo fazer escolhas, correr riscos e adotar atitudes críticas. Mas isto deve ser feito com estudo sério e não com pré-conceitos.



Os pressupostos axiológicos da ciência espírita foram apresentados por Kardec e ainda permanecem válidos para a Espiritologia. E, se do ponto de vista epistemológico, o mais adequado, hoje em dia, é falar na existência de *práticas científicas*, não faz sentido as pessoas que orientam a “política científica” no Brasil não aceitar a Espiritologia, pois esta possui critérios que a validam como uma prática científica sobre a intervenção dos Espíritos na vida material. E também é capaz de formular técnicas para a coleta de dados, para não ficar apenas no domínio da pura especulação, como também constituir um corpo teórico de contextualização e construir seus objetos científicos.

Assim, o valor científico dos produtos intelectuais da Espiritologia é evidente. E, se na ordem do saber contemporâneo, a atividade científica deve ser diversa do senso comum, da percepção imediata, das atividades ideológicas e isentas de “achismos”, a Espiritologia, como campo de pesquisa, é muito mais científica que a Pedagogia e muitas das Ciências Humanas hoje existentes.

Talvez o maior problema enfrentado pelo Espiritismo no século XX, como já salientamos, foi o de perder seu *status* de ciência, sendo confundido e tratado como uma nova religião. Esse fato acabou com sua cientificidade original e tornou mais difícil o seu uso como um método válido de pesquisa, ao contrário do que aconteceu com o marxismo, uma ideologia aceita naturalmente como método de pesquisa na área das ciências humanas.

Se, por definição, toda atividade científica encontra-se em estado de constante inacabamento, ou seja, a produção científica acabada é um absurdo epistemológico, a insistência em transformar o Espiritismo de Kardec em religião dificultou o avanço da ciência espírita, o que, modestamente, procuramos recuperar com o advento da Espiritologia.

No âmbito científico, tudo é objeto de discussão. Nem todo conhecimento é perenemente válido. Todo critério absoluto

de verdade é um absurdo do ponto de vista científico. E é por isso que a atividade científica baseia-se no campo fértil do pluralismo conceitual. Um parâmetro universal de objetividade é mais adequado para proselitismo religioso e não para se fazer ciência.

Porém, quando um órgão de fomento à pesquisa ou uma Faculdade impede que uma pesquisa acadêmica utilizando o método kardequiano seja realizada, está agindo com má-fé e impedindo o avanço da ciência. Como justificar pesquisas sobre congelamento de corpos, sobre marxismo, sobre contos de fadas e proibir uma pesquisa sobre reencarnação ou algum “fato espírita”?

Porém, enquanto “espíritas” ficarem afirmando que o “espiritismo” é o “único” caminho para favorecer “a paz entre os homens”, que é o “consolador prometido pelo Cristo” etc., emitindo apenas juízos de valor, terá sua cidadania acadêmica sempre adiada.

Se o pensamento de Kardec for retomado, os “fatos espíritas” (ou causadas pelos Espíritos) podem se tornar, realmente, objetos científicos. Mas, enquanto o objetivo for fazer prosélitos, menos científico será o discurso “espírita”.

Por isso é sempre bom lembrar uma reflexão importante que aparece no texto de J. Herculano Pires, intitulado “introdução à ‘o Livro dos Espíritos’”, já comentado em outra passagem deste livro. Naquele texto, escrito quando a Doutrina espírita completou 100 anos de existência, em 1957, encontramos a seguinte afirmação:

*“Não se pode confundir o método doutrinário com os métodos de investigação científica dos fenômenos espíritas. No trato mediúnico, a premissa da existência do Espírito e da possibilidade da comunicação já está firmada. O que importa é o controle da legitimidade da comunicação. Na pesquisa científica, tudo ainda está para ser descoberto e provado. As investigações científicas podem variar*

*infinitamente de processos e métodos de acordo com os investigadores”.*

Em outras palavras, é importante que consigamos distinguir o Espiritismo da Espiritologia. O Espiritismo é “uma doutrina filosófica que tem conseqüências religiosas, como toda doutrina espiritualista; por isso mesmo toca forçosamente às bases fundamentais de todas as religiões, (...) mas não é uma religião constituída” (OP, p. 250). A filosofia espírita está pronta e contida em O Livro dos Espíritos. Uma nova informação pode vir a esclarecer ou a aprofundar um ensinamento ali contido, mas não pode contradizê-lo. Assim, as mensagens psicografadas ou transmitidas pelos Espíritos através de romances, etc. serão classificadas como espíritas ou não, de acordo com o seu conteúdo e não pelo fato de terem sido recebidas por vias mediúnicas.

Já escrevemos sobre isso, mas é importante ressaltar que, apesar de existirem vários livros psicografados afirmando que alguém morreu antes da hora por imprudência, tal informação não é um ensinamento contido no Espiritismo, uma vez que, em O Livro dos Espíritos, lemos que não importando o perigo, ninguém morre antes da hora (questão 853). Assim, não importa se o médium que psicografou o romance seja famoso e faça palestras pelo mundo todo ou tenha artigos assinados em várias revistas, esta informação é contrária à Doutrina espírita, ou seja, ao Espiritismo.

Por isso, se realizarmos a distinção acima, usando o termo Espiritologia para o estudo dos “fatos espíritas” e o termo Espiritismo para a filosofia moral apresentada em O Livro dos Espíritos, podemos compreender com mais facilidade que:

- a) Romance espírita significa romance escrito por Espíritos (desencarnados, seres incorpóreos) e pode estar de acordo ou não com a Doutrina espírita (Espiritismo), dependendo dos ensinamentos que transmitir, mas é objeto de estudo da Espiritologia;

- b) Operação espírita, como a praticada pelo dr. Fritz, é operação realizada por Espíritos, portanto, é “fato espírita” que pode e deve ser estudado pela Espiritologia, sem que isso interfira na Doutrina espírita, ou seja, no Espiritismo;
- c) Como a Doutrina espírita não diz o que é centro espírita e nem define que trabalhos devem acontecer dentro dele, todo “fato espírita” que aconteça nesse local é objeto de estudo da Espiritologia. O mesmo vale para os “fatos espíritas” que acontecem em um terreiro de umbanda, em um grupo apométrico, em grupos esotéricos de canalização de mensagens, nos tratamentos em espaços holísticos etc;
- d) Com a comprovação empírica da participação de Espíritos (médicos incorpóreos) em atividades bioenergéticas como o Reiki, o Johrey, a Cura prânica etc., o que caracteriza essas práticas como “fatos espíritas”, mesmo que elas não estejam contidas na Doutrina espírita, como o “passe” também não está, são objetos de estudo da Espiritologia.

Em resumo, o Espiritismo é a filosofia de cunho moral, sistematizada por Kardec a partir dos ensinamentos transmitidos por Espíritos, mas que não podem ser comprovados por experiências científicas (por exemplo, como comprovar que escolhemos um gênero de provas antes de encarnar ou que não vamos morrer antes da hora?), pois como afirmou Kardec, “o Espiritismo (a filosofia moral) não é da alçada da ciência”; porém, a Espiritologia é o estudo científico de todo e qualquer “fato espírita”, ou seja, desde uma “mesa girante” até aqueles que hoje em dia o movimento espírita chama de “elementos estranhos ao espiritismo”, como a Apometria, o REIKI, a Umbanda etc.,

pois, para a Espiritologia, são objetos de estudo todas as manifestações dos Espíritos, resgatando, assim, os axiomas kardequianos que afirmam existir na ciência espírita duas partes: “uma experimental, sobre as manifestações em geral, outra filosófica, sobre as manifestações inteligentes”.

Foi por isso que, preocupado com sua dimensão científica, antes de afirmar que existem Leis que regem o intercâmbio entre o mundo visível e o invisível, Kardec procurou reunir um número significativo de evidências da existência de tal mundo invisível. E, hoje em dia, as evidências são em maior quantidade e, mesmo que não interessem ao chamado movimento espírita, a Espiritologia se faz necessária para estudá-las.

Porém, poucos cientistas ainda acreditam que a partir da experiência é possível deduzir teorias e leis, como fez Kardec e toda a ciência newtoniana-positivista do século XIX. As reflexões epistemológicas contemporâneas, sobretudo, a partir da teoria da relatividade de Einstein, afirmam que a ciência é uma “construção”. Ou seja, sem a ajuda de um quadro teórico formado por princípios e conceitos escolhidos subjetivamente, não é possível fazer a observação. Em suma, a teoria define, anteriormente, o que pode ser observado.

Este processo ocorreu também na obra de Kardec, mesmo que este não tenha percebido. Ele anunciou que um “fato novo” necessitava de “conceitos novos”, mas foram os seus novos conceitos que lhe permitiram enxergar de outro ângulo um fenômeno arcaico e rotineiro em todo o mundo. Foi a sua teoria que o ajudou a concluir que o intercâmbio com o mundo espiritual não possui nada de sobrenatural ou maravilhoso, sendo um processo natural e regido por Leis também naturais.

Tal constatação, ao contrário, não desmerece a obra de Kardec, mas a humaniza. O que é importante para podermos transcender o positivismo impregnado no Espiritismo de Kardec, tornando-o ainda mais científico, ou seja, compreendendo que a ciência é processual e necessita da criação de

categorias e conceitos explicativos, e que estes não são estanques, mas históricos, pois um significado pode se esgotar ou se esvaziar com o tempo.

Esta consciência histórica ajuda a desconstruir o racionalismo ingênuo, do tipo positivista. É fácil constatar que Kardec foi um Espírito criativo e anticonformista. Porém, se o seu Espiritismo é eminentemente lógico, ele carece de “psicologia”, “sociologia” e “antropologia cultural” para ser, realmente, “científico”, abrindo-se, sem medo, à *provisoriamente* teórica, tão em evidência na ciência contemporânea, como aparece nessa frase escrita por ele no livro *A Gênese*: “*como meio de observação, o Espiritismo procede exatamente da mesma maneira que as ciências positivas, aplicando o método experimental.*”

A observação direta, fato considerado científico no século XIX, não é tão direta assim. Como nos lembra o epistemólogo Japiassu, a expressão “*este copo d’água*” só na aparência é uma observação direta e particularizada. Em sua essência encontramos implicados dois conceitos: copo (matéria extensa) e água (elemento líquido). Em suma, toda observação decorre de um conhecimento teórico anterior, que é o “próprio contexto possibilitador da observação”.

E qual foi o contexto onde Kardec fez suas observações? Quais foram os conceitos que ele tomou emprestado para observar os “fatos espíritos”? Será que a divisão trina (Espírito, perispírito e corpo físico) proposta por Kardec dá conta da interpretação de novos “fatos espíritos” surgidos no século XX? Todos esses pontos são temas para o espiritólogo discutir, mas, por enquanto, podemos nos ater às “leis” descobertas por Kardec e que continuam atuais. A primeira é que:

*Os Espíritos não podendo responder senão sobre o que sabem, segundo seu adiantamento, e, além disso, sobre o que lhes é permitido dizer, porque há coisas que não devem revelar, visto que não é dado, ainda,*

*ao homem tudo conhecer. (...) Sobre muitas coisas, ele não pode dar senão sua opinião pessoal, que pode ser justa ou falsa. (...) Haveria, pois, imprudência e leviandade em aceitar sem controle tudo o que vem dos Espíritos (O.E., p. 122).*

Tal constatação demonstra toda dificuldade que se impõe na comunicação mediúmica. Não é possível confiar, cegamente, no que os Espíritos falam. O próprio Kardec afirma que não é possível comprovar a identidade dos Espíritos da “codificação”. Não há como provar se foram realmente Sócrates, Fenélon, Napoleão etc. os Espíritos que usaram tais nomes famosos em suas comunicações. Kardec não se cansou de dizer que os Espíritos “inferiores” gostam de tomar nomes conhecidos e reverenciados. Assim, mais importante que a forma, é o conteúdo da mensagem (L.E., p. 30).

Outra “lei” importante, anunciada por Kardec, foi a seguinte:

*As comunicações com os Espíritos devem sempre ser feitas com calma e recolhimento; não se deve jamais perder de vista que os Espíritos são as almas dos homens e que seria inconveniente deles fazer um jogo e um objeto de divertimento. (...) Um outro ponto igualmente essencial a considerar é que os Espíritos são livres; eles se comunicam quando querem, com quem lhes convém e também quando podem, porque têm suas ocupações. Eles não estão às ordens e ao capricho de quem quer que seja, e não é dado a ninguém fazê-los vir contra a sua vontade. (...) do que procede, resulta que toda a reunião espírita, para ser proveitosa, deve, como primeira condição, ser séria e reservada, que tudo deve aí se passar respeitosamente, religiosamente, e com dignidade, se se quer obter o concurso habitual dos bons Espíritos. (...)*

*Os bons Espíritos vêm nos instruir para nossa melhoria e nosso progresso, e não para nos revelar o que não devemos ainda saber, ou aquilo que não devemos aprender senão pelo nosso trabalho. Se bastasse interrogar os Espíritos para obter a solução de todas as dificuldades científicas, ou para fazer descobertas ou invenções lucrativas, todo ignorante poderia tornar-se sábio gratuitamente, e todo preguiçoso poderia se enriquecer sem trabalhar. (...) fora do que pode ajudar ao progresso moral, não há senão incerteza nas revelações que se podem obter dos Espíritos.” (O.E., p. 124)*

Se os Espíritos revelam novas informações apenas no tempo certo, quando o ser humano, em tese, encontra-se preparado para compreender tais revelações, significa que, com o passar do tempo, novas revelações poderão ser feitas, complementando sem contradizer aquelas que hoje compõem a Doutrina espírita. Quem conhece um pouco da história do mediunismo no Brasil sabe da polêmica gerada pela obra *Nosso Lar*, do Espírito André Luiz, psicografada por Chico Xavier. Durante muito tempo gerou celeuma por apresentar a “erraticidade” dos Espíritos de uma forma nada errante, através de colônias planejadas e gerenciadas, onde se estuda, trabalha, há alimentação, transporte, hospitais etc. Até hoje se encontra na *internet* artigos afirmando que tudo não passou de “animismo” de Chico Xavier, pois nada disso se encontra nas “obras básicas da codificação”. Apesar de não estar presente nas “obras básicas”, a existência de colônias não nega o Espiritismo, mas complementa aqueles ensinamentos codificados por Kardec, demonstrando que os Espíritos de mediana evolução e que ainda necessitam reencarnar, vivem em colônias, ou seja, em mundos astrais materializados onde se reproduz a vida da Terra. Em suma, os Espíritos mais puros, mas libertos do Ego, não necessitam de tais construções mentais e astrais e não vivem em um lugar circunscrito do espaço.



Porém, em suma, se não podemos acreditar cegamente em tudo o que os Espíritos dizem, também não devemos ser tão paranóicos e negar tudo que foi transmitido por vias mediúnicas no século XX e XXI. É por isso que não podemos perder de vista, como afirmou Kardec:

*O Espiritismo está fundado sobre a existência dos Espíritos, mas os Espíritos, não sendo outros que as almas dos homens, desde que há homens, há Espíritos; o Espiritismo não o descobriu, nem os inventou. Se as almas ou Espíritos podem se manifestar aos vivos, é por que isso está na natureza, e desde então deveram fazê-lo de todos os tempos. (O.E., p. 187)*

Em suma, toda manifestação de Espíritos, seja qual for o meio escolhido, é um fato espírita<sup>2</sup>, independente de concordarmos com o seu conteúdo ou não. O máximo que podemos fazer é interpretar tal conteúdo.

E a Espiritologia é importante também para se estudar fenômenos como a Experiência de Quase Morte (EQM). Muitas pessoas que retornam de tais experiências vivenciam uma verdadeira metanóia, transformando-se completamente e dando muito mais valor à vida e aos relacionamentos solidários. O relato dos que voltam de uma EQM é muito similar ao dos

---

<sup>2</sup> Recentemente um Espírito começou a fazer palestras públicas pela Internet. Utilizando a postura de preto-velho e identificando-se como Pai Joaquim de Aruanda, ele, através da mediunidade inconsciente de Firmino José Leite, aborda os ensinamentos de vários mestres espiritualistas. Os participantes podem fazer perguntas sobre os temas das palestras, em um significativo intercâmbio mediúnico “pós-moderno”. Porém, para muitos “espíritas”, conversar com os Espíritos pela Internet é um “elemento estranho ao Espiritismo”. Infelizmente, o preconceito que existe no meio espírita brasileiro impede que se compreenda a importância desse “fato espírita” contemporâneo, no qual um desencarnado conversa em tempo real com pessoas do mundo todo. Mesmo que alguém não concorde com o conteúdo dos ensinamentos abordados pelo Espírito, afirmar que não se trata de um “fato espírita” é muita ingenuidade.

que realizam projeções astrais e que, após o retorno ao mundo físico, transformam-se interiormente, mudando as atitudes diante da vida, passando a tomar mais cuidado com seus pensamentos e sentimentos.

Devemos nos lembrar que o Espiritismo, como afirmou Kardec:

*Não descobriu nem inventou os Espíritos, nem descobriu o mundo espiritual, no qual se acreditou em todos os tempos; somente ele o prova por fatos materiais e o mostra sob sua verdadeira luz, livrando-o dos preconceitos e das idéias supersticiosas que engendram a dúvida e a incredulidade. (O.E., p. 149)*

Assim, quem somos nós para julgar quais são as formas, técnicas ou a aparência perispiritual que os Espíritos podem utilizar em suas manifestações? Por exemplo, muitas casas “espíritas” não permitem a manifestação de entidades indígenas nuas ou vestidas, de orientais com turbantes na cabeça etc. Este fato não pode ser considerado um axioma da ciência espírita. Ao contrário, o verdadeiro espiritólogo deve estudar tais manifestações singulares, pois sabe que o mundo espiritual não é formado apenas por Espíritos que vivenciaram Egos de filósofos, padres e médicos.

E, no que se refere a alguns fatos espíritas polêmicos, ou que tendem ao fantasioso, Kardec mais uma vez mostra seu bom-senso e coerência:

*Não nos apressemos, entretanto, em rejeitar a priori tudo o que não compreendemos, porque estamos longe de conhecer todas essas leis, e que a Natureza não nos disse ainda todos os seus segredos. O mundo*

*invisível é um campo de observação ainda novo, do qual seria presunção pretender haver sondado todas as profundezas, então que novas maravilhas se revelam sem cessar aos nossos olhos. (OP, p. 76)*

Com base nessa afirmativa, só podemos concluir que Kardec se maravilharia com os fenômenos espíritas que surgiram no século XX, como a Transcomunicação Instrumental, a Apometria etc. Com certeza, ele não mediria esforços para estudar tais “fatos espíritas”.

E a bacia semântica? Ela deve ser confinada ao século XIX para ser doutrinária? É claro que não. Kardec não afirma que para os Espíritos superiores a idéia é tudo, e a forma nada? E que dentro de uma mesma ciência pode haver vários sistemas? (OP, p. 33 e 34). A língua se atualiza, assim como os conceitos e os sistemas.

Em suma, o espiritólogo não pode jamais chamar aquilo que não conhece de “não-doutrinário”, pois, para seguir os princípios kardequianos, deve ver em todas as manifestações mediúnicas novas luzes que devem ser compreendidas sem pré-conceitos. Possivelmente, Kardec ao afirmar que “há pessoas que encontram perigo por toda a parte e em tudo que não conhecem”, estava profetizando o que aconteceria no século XX no chamado movimento espírita brasileiro, avesso à sua profunda obra científica e filosófica.

Em resumo, o objetivo da Espiritologia é estudar a vida ativa após a morte e os fatos espíritas, ou seja, as manifestações dos Espíritos no mundo material. A Espiritologia estuda os fatos espíritas da forma como eles são e não o que gostaríamos que eles fossem, deturpando os fatos em favor de certos interesses “doutrinários”.

Como ciência, a Espiritologia produz teoria científica e não uma nova doutrina. Como dizia Popper, as doutrinas, como os dogmas, vivem da referência ao pensamento sacralizado dos

fundadores; partem da certeza de que a tese está definitivamente provada. Elas são inatacáveis pela experiência. Como já salientamos, não temos como provar cientificamente que escolhemos um gênero de provas antes de encarnar e que vamos desencarnar no momento determinado, mas essas informações são fundamentais para quem diz seguir a Doutrina espírita. Quem não crer nesses ensinamentos não pode ser chamado de espiritista.

Ao contrário, uma teoria científica é biodegradável e progride, no plano empírico, por acrescentamento de “verdades” e, no teórico, por eliminação de “erros”. Ou como disse Whitehead, “a ciência é mais mutável que a teologia”. A ciência é um campo aberto onde se combatem teorias e princípios de explicação. E o cientista sabe que é um ignorante que se reconhece como ignorante e, por isso mesmo, sabe que não é próprio da cientificidade refletir o real, mas traduzi-lo em teorias mutáveis e refutáveis. É o que buscamos fazer quando entrevistamos os Espíritos para criar um saber sobre o REIKI, sobre a Terapia Vibracional Integrativa (TVI) e sobre os demais temas abordados nesse livro. Não queremos criar uma nova Doutrina espírita, mas compreender e estudar a opinião dos Espíritos sobre tais recursos terapêuticos, ajudando a criar uma teoria científica sobre tais fenômenos sócio-espirituais.

# SEGUNDA PARTE

## Capítulo III



### O REIKI explicado pelos Espíritos

*Estudai, comparai, aprofundai; dizemo-vos sem cessar que o conhecimento da verdade tem seu preço. E como quereis chegar à verdade, quando interpretaís tudo por vossas idéias estreitas, que tomais por grandes idéias? Mas não está longe o dia em que o ensinamento dos Espíritos será por toda parte uniforme, tanto nos detalhes quanto nas coisas principais. Sua missão é a de destruir o erro, mas isso não pode vir senão sucessivamente.*

*O Livro dos Médiuns. Cap. XVII*

Este capítulo foi organizado a partir das respostas obtidas com a espiritualidade que atua na ONG Círculo de São Francisco, entre os anos de 2002 e 2005. Até onde sabemos,

atuam na casa as seguintes correntes espirituais: os indígenas, os pretos-velhos, as crianças, as entidades médicas (muitas são mentoras da chamada Associação Médico-Espírita), e três linhas de Espíritos orientais (uma do extremo Oriente, uma da Índia e outra representando, simbolicamente, os antigos povos Persas<sup>3</sup>).

Fomos orientados a organizar as informações abaixo na forma de perguntas e respostas, o que facilita a compreensão do leitor. É o método adotado nos livros de Ramatís e de muitos outros autores espirituais, além do próprio O Livro dos Espíritos, escrito por Kardec.

A ordem estabelecida para a apresentação das questões não representa, necessariamente, a ordem em que as perguntas foram feitas à espiritualidade.

Devemos lembrar que tais respostas, obtidas na ONG Círculo de São Francisco, foram também confirmadas pela espiritualidade que atua em outras casas espiritualistas, em várias partes do território brasileiro.

### **Pergunta 01** – O que é o REIKI?

**Resposta** – É mais um nome para o que podemos chamar, genericamente, de fluidoterapia. O REIKI, o passe espírita, a cura prânica, a cromoterapia mental (cromosofia) são formas diferentes de manipular a mesma energia. Apesar das mistificações e da mercantilização que envolvem sua difusão, é um trabalho energético e espiritual importante e, por isso mesmo, acompanhado de perto pela espiritualidade.

---

<sup>3</sup> Segundo alguns videntes, estes espíritos utilizam a seguinte forma perispiritual: são negros, altos e usam um pequeno chapéu de forma ovalar e um manto colorido que desce dos ombros até os pés. Segundo uma entidade indígena, são espíritos que não encarnam mais na Terra e trazem os remédios e os instrumentos que necessitam diretamente do mundo espiritual, sem precisar manipular as formas etéricas dos elementos daqui.

**Pergunta 02** – Como se processa o envio de energia através do REIKI? Quais as diferenças em relação às outras técnicas apontadas acima?

**Resposta** – Através de um comando mental e do desenho de um símbolo gráfico, a bioenergia do terapeuta é encaminhada para o organismo energético de um enfermo, apesar de muitos acreditarem que estão “canalizando a energia cósmica”, sendo apenas um “canal”. Esse é um dos principais erros de interpretação no ensino do REIKI. Sem a bioenergia do encarnado não é possível realizar o tratamento dos pacientes que possuem merecimento para a cura de suas enfermidades através dessa doação energética.

Na cura prânica, por exemplo, não se usa símbolos. Mas o terapeuta mentaliza a energia sendo produzida em um de seus *chakras*, de acordo com a variação eletromagnética que pretenda enviar. Por sua vez, na Cromoterapia Mental, o praticante deve se concentrar e mentalizar a cor da energia que ele pretende enviar ao enfermo. Porém, não importa a técnica adotada, o importante é se manter concentrado e com o pensamento elevado durante o processo de doação de energia, pois a cura, se for permitida, será realizada por Deus.

**Pergunta 03** – Até hoje, de todas essas técnicas bionérgicas, a única que afirma que o terapeuta pode fumar, beber, enviar energia vendo TV etc., é o REIKI, afirmando seus divulgadores que a energia do terapeuta não interfere no processo, isso é verdade?

**Resposta** – Como dissemos, o erro está em divulgar que o reikiano é apenas um “canal”. Em outras palavras, em afirmar que não é a energia do terapeuta disponibilizada no tratamento. Daí a ilusão de que se pode fumar, abusar do álcool etc., sem comprometer a saúde daquele que procura auxílio. Na verdade, cada um recebe aquilo que merece. Deus é quem encaminha os pacientes certos para os atendentes certos. Aquele que merece

ser curado será levado para aquele atendente que possui a energia necessária para aquela cura; aquele que precisa, como prova, ser intoxicado com energia deletéria será levado ao atendente que será o instrumento daquela intoxicação.

**Pergunta 04** – Os adeptos do REIKI afirmam que essa técnica é a única que não provoca cansaço no terapeuta, mas já constatamos vários reikianos e mestres de REIKI esgotados após a sessão ou iniciação de outros reikianos. Por que acontece isso?

**Resposta** – Um outro erro que existe na difusão do REIKI é afirmar que o terapeuta não precisa se concentrar. Por isso, muitos enquanto aplicam o REIKI conversam sobre o jogo de futebol que aconteceu no final de semana, sobre o galã da novela etc. Quem não se concentra, não doa energia. E, obviamente, não se cansa.

Uma pessoa concentrada por vinte minutos emite uma quantidade similar e uma qualidade fluídica superior a de uma pessoa que fica por duas horas “enviando” energia sem se concentrar no que está fazendo, assistindo a TV ou jogando conversa fora com o paciente.

**Pergunta 05** – Então basta se concentrar para doar uma energia de melhor qualidade?

**Resposta** – Em termos. Além da concentração, é necessário buscar se aprimorar mental e moralmente, sobretudo através de sua própria reforma íntima. Ou seja, aumentando seu padrão vibratório através da mudança de atitudes, amando incondicionalmente, abandonando pensamentos e sentimentos negativos.

Quanto mais pureza de intenção, melhor a qualidade vibratória da energia doada ao enfermo. Voltamos a ressaltar que a energia utilizada no atendimento com o REIKI não é a energia cósmica, mas uma energia derivada dela: a energia vital



ou “energia zô” que só existe no encarnado. Portanto, para que seja uma energia de qualidade é preciso tomar certos cuidados: mudar nossos padrões de pensamento, atitudes e sentimentos; vencer os vícios e, gradativamente, adotar uma alimentação saudável, além de abandonar práticas sexuais promíscuas.

**Pergunta 06** – É correto ver no REIKI uma profissão?

**Resposta** – O REIKI pode ser considerado um caminho seguro ou uma etapa inicial para todos que desejam se aprimorar espiritualmente, nosso verdadeiro objetivo aqui na Terra, utilizando-o para ajudar o próximo desinteressadamente. Não podemos dizer que seja errado encará-lo como profissão, mas, aqueles que assim agem, perdem a oportunidade de saldar seus compromissos do passado, recebendo hoje o que receberiam no mundo espiritual.

**Pergunta 07** – Qual é a origem dos símbolos do REIKI?

**Resposta** – O REIKI, como tantas outras práticas orientais, utiliza símbolos como catalisadores. Eles servem para facilitar e orientar a emissão de pensamento e, portanto, de energia. Os símbolos são como os objetos ritualísticos ou os pontos riscados<sup>4</sup> utilizados em outras práticas espiritualistas. Porém, para que um tratamento com REIKI seja eficiente e sem contra-indicações, exige-se do praticante 10 % de conhecimento (símbolos e posições) e 90% de Amor e Vontade de servir. Não há problema em usar símbolos, mas o importante é colocar em prática os ensinamentos morais que acompanham cada um dos símbolos do REIKI.

---

<sup>4</sup> Roger Feraudy, em seu estudo profundo sobre a Umbanda (*Umbanda, essa desconhecida...*), afirma que os pontos riscados devem ser acompanhados pela vontade e pelo comando mental que orienta a energia (a quem é dirigida, sua qualidade e intensidade). Sem estas “chaves” (vontade, sabedoria e ação) “estas figuras geométricas não produzirão resultado algum”. O mesmo acontece com os símbolos do REIKI, segundo os ensinamentos da espiritualidade.

Na Antigüidade oriental, os livros eram escritos em folhas de palma. Os antigos yogues e outros mestres orientais utilizavam, então, um recurso mnemotécnico para transmitir os seus ensinamentos. Daí o surgimento dos símbolos ou *yantras*, em sânscrito. Estes, juntamente com alguns rituais, ajudavam a fomentar a devoção e a infundir a sabedoria espiritual nos discípulos. Estes desenhos eram simples instrumentos para os discípulos recordar e recapitular toda a sabedoria espiritual apreendida. Em suma, eles funcionavam como notas de aula.

Assim, cada um dos símbolos do REIKI está relacionado a um aprendizado espiritual que se sustenta sobre um tripé: Amor, Pensamento e Ação. Cada um dos símbolos nos apresenta um ensinamento moral que, ao ser praticado, expande o respectivo chakra ao qual está associado.

**Pergunta 08** – Então o símbolo faz parte de um ritual desnecessário?

**Resposta** – Qualquer ritual, independente dos objetos utilizados ou formas, é sempre acompanhado pela ação mental, seja através de preces ou de mentalizações do praticante, pois é ela que aglutinará o *prâna*, a energia necessária para que se alcance o objetivo desejado. Não estamos criticando o uso do símbolo, apenas esclarecendo que é o poder mental e não o desenho que manipulará a energia do praticante. Mas é preciso ter em mente que não é preciso saber os símbolos ou ser “sintonizado” por um mestre para você enviar bons fluidos, basta ser uma pessoa de puros pensamentos e desejar beneficiar, desinteressadamente, o próximo. A vontade é o que produz a emissão de fluidos e não os símbolos. Estes favorecem a imaginação do terapeuta/magnetizador, aumentando sua crença e capacidade de concentração. Não podemos nos esquecer que o dínamo ou o manipulador de toda energia curativa é a nossa mente.

**Pergunta 09** – E como a mente ou o pensamento faz a energia se movimentar?

**Resposta** – Como salientamos, o veículo necessário para a manipulação energética é o pensamento. Para falar sobre este assunto precisamos, mesmo que rudimentarmente, falar um pouco sobre o Perispírito, também conhecido como Corpo Astral pelos teosofistas. Este corpo energético é o responsável pela expressão dos desejos e da emoção (Ego).

Através do Corpo Astral é possível expressar nossas paixões, sentimentos, desejos e emoções. Ele serve de intermediário entre o Corpo Mental (ou apenas mente) e o Corpo Físico. Em suma, trata-se de um veículo de sentimentos e de ação responsável pela transmissão de vibrações, tanto do plano físico para o mental ou vice-versa. Em outras palavras, como o Corpo Físico se limita a colher no mundo exterior as vibrações daí provenientes, estas, ao chegar ao Corpo Astral, são transformadas em emoções e sensações como raiva, prazer, dor, alegria etc.

E nossos sentimentos (amor X egoísmo) imprimem sobre a matéria astral determinadas cores, variando conforme a intensidade do sentimento. Daí o fato da Cromoterapia ser uma técnica importante e que deveria ser conhecida por todos os interessados em cura. E a cor, a forma, a nitidez e a duração do fluxo energético são determinadas pela qualidade do pensamento e do sentimento amoroso manifestos na intenção e na vontade de ajudar o próximo.

Porém, devemos sempre ressaltar que o pensamento dinâmico pode criar energia positiva ou negativa. O que vocês chamam de “macumba” é o uso dos pensamentos, motivado por sentimentos negativos, para prejudicar o outro. Por isso, ressaltamos que não basta traçar corretamente o símbolo se o praticante passa toda a sessão emitindo pensamentos negativos. Além disso, pela Lei do Carma, toda e qualquer emissão de pensamento, quer positivo ou negativo, terá um efeito sobre aquele que o manifestou.

**Pergunta 10** – A energia emitida durante o REIKI é a mesma energia estudada e classificada como “força ódica”, por Reinchenbach, ou “energia bioplásmica” ou “psicotrônica”, segundo vários cientistas da antiga União Soviética e da Tchecoslováquia?

**Resposta** – Sim. E, desde a Antigüidade, sabe-se que essa energia pode ser transferida de indivíduo para indivíduo, pela imposição das mãos ou a distância, através da vontade, da oração sincera e pura ou do pensamento elevado. Através da vontade sincera é possível emitir uma ou outra qualidade de *prâna*, de acordo com a finalidade a que nos propomos. Por ser a mesma energia, podemos dizer que uma pessoa que não saiba os símbolos ou não foi “sintonizada” por um “mestre” pode ser capaz de enviar fluidos balsâmicos para um enfermo se for uma pessoa de puros pensamentos e desejar beneficiar, desinteressadamente, o próximo, sem precisar pagar por isso. Como é a vontade e o pensamento que produzem a emissão de fluidos e não os símbolos, ser um reikiano, com certificados ou linhagens, não garante a qualidade das vibrações emitidas.

O simples ato mecânico de traçar um determinado símbolo não é suficiente se faltar a vontade e o desejo de enviar bons fluidos para algum enfermo. Por mais redundante que possa parecer, o papel do símbolo está em sua dimensão simbólica, ou seja, em representar um ensinamento de cunho moral capaz de elevar o padrão vibratório de cada praticante. Esse talvez seja o ensinamento mais importante desse livro, esquecido ou ignorado por muitos “mestres” de REIKI.

**Pergunta 11** – Muitos “mestres” de REIKI afirmam que seus pacientes estão vivenciando uma “crise de cura” quando passam mal, vomitam, ficam com fortes dores de cabeça etc. após a sessão ou iniciação. Esse fato não estaria ligado à qualidade da energia enviada ao paciente?

**Resposta** – Exatamente. Os que acreditam que basta traçar

os símbolos, impor as mãos e emitir ondas mentais negativas, concentrando-se apenas no dinheiro que irão receber do consulente no final, infelizmente, terão que ajustar contas com suas próprias consciências após o desencarne. O que estes chamam de “crise de cura” é fruto da péssima energia lançada sobre o consulente. Enquanto acreditam que estão canalizando a “energia cósmica”, estão praticando magia negra. Mas como não há injustiça no universo, vai receber essa carga negativa e ter “crise de cura” aquele que merecer passar por essa provação.



## Capítulo IV



# O papel dos chakras no aprendizado espiritual

Neste capítulo estudaremos o papel dos chamados “núcleos de energia” ou chakras, localizados em nossos corpos sutis (duplo-etérico e corpo astral) e que possuem diversas funções, entre elas, a de produzir atividades psíquicas. Cada chakra possui uma vibração eletromagnética específica, capaz de funcionar como um canal receptor para cada uma das principais vibrações eletromagnéticas macrocósmicas (o que a Física chama de supercordas), os princípios vibratórios que regem o Cosmo.

Os chakras quando se encontram distorcidos ou deformados adquirem, segundo os videntes, uma cor cinza que os impede de funcionar perfeitamente, alterando profundamente sua produção psíquica. Tais “aderências” são frutos do pensamento negativo, de sentimentos deletérios ou de atitudes não amorosas.

O REIKI é formado por sete símbolos<sup>5</sup> que também estão relacionados a esse processo de despertar espiritual do ser humano, que vai do fogo kundalínico (adormecido no chakra básico) à integração cósmica (expansão do chakra coronário), passando pelos demais chakras.

Em suma, o papel do mestre de REIKI é fazer com que o *Kundalini* (energia que se encontra latente no chakra básico do Espírito humanizado) desperte lentamente através de um constante aprimoramento moral, estimulando a vontade de praticar o Bem (amor universal). Assim, o verdadeiro mestre não é aquele que inicia ou “sintoniza” alguém, mas o que orienta seu discípulo no processo de atualização dessa energia, enfatizando sempre a dimensão moral e a prática do amor incondicional para que esta energia não seja mal canalizada, pois todos colhem o que semeiam.

**Pergunta 12** – É importante saber identificar os chakras para se enviar energia?

**Resposta** – Sim! Como cada um possui uma vibração própria, é possível direcionar melhor a energia que emitimos para o enfermo. Temos, em nossos corpos sutis, sete principais chakras, sendo os três primeiros voltados basicamente para a nossa vida material e os três últimos para a vida espiritual, sendo o quarto chakra, uma espécie de ponte ou de equilíbrio entre os dois planos. Boa parte dos Espíritos humanizados trabalha apenas com as energias mais densas dos primeiros chakras. Como eles funcionam de forma similar às antenas receptoras de rádio e TV, podemos dizer que estas pessoas só “ouvem” uma determinada rádio ou somente assistem a programação de uma

---

<sup>5</sup> Os cursos tradicionais de REIKI costumam ensinar quatro símbolos. O chamado “mestre” aprende um quinto símbolo. Muitos acreditam que este símbolo é necessário para a “sintonização” de outras pessoas. Com a espiritualidade aprendemos mais dois símbolos que serão apresentados no decorrer desse livro.



determinada emissora, deixando de acompanhar a programação disponível pelas demais estações.

**Pergunta 13** – É possível falar um pouco sobre cada um dos chakras?

**Resposta** – O primeiro é o que vocês chamam de chakra básico. No Oriente é chamado de *Muladhara* (palavra que significa alicerce). É comum associá-lo, esotericamente, ao elemento Terra. Os videntes costumam enxergá-lo na cor vermelha. Algumas escolas espiritualistas associavam esse chakra à nota musical C (dó). O importante, porém, é que seu funcionamento está relacionado aos padrões ou aos instintos de sobrevivência, tanto mental, físico ou emocional. O medo, sobretudo o da morte, pode desregulá-lo.

Bloqueios neste chakra refletem em enfermidades somatizadas na região genital ou mesmo nos pés e nas pernas. Emocionalmente, tais bloqueios podem levar também ao fanatismo religioso, manifesto quase sempre de forma violenta e raivosa, devido à frustração sexual.

Este chakra se localiza na base da coluna e é responsável pela energização de todo o corpo físico. Ele controla também o funcionamento das glândulas supra-renais. Quando o chakra básico se encontra saudável, a pessoa se assemelha a uma árvore que possui raízes sólidas, capazes de a sustentar para que possa alcançar as esferas superiores.

O segundo chakra é o umbilical. No Oriente é conhecido como *Svaddhithana* (que significa a morada). Ele está associado, simbolicamente, ao elemento Água por ser o responsável direto pelas emoções. Os videntes enxergam a manifestação de sua vibração eletromagnética através da cor laranja e, algumas escolas espiritualistas o relacionam com a nota musical D (ré).

Seu funcionamento está relacionado diretamente com a

nossa identificação com o corpo físico e com a polarização sexual. Quando em desarmonia, pode ocasionar medo, insegurança, desejo sexual irresistível. É importante salientar que o inverso também é verdadeiro: o medo pode acarretar desarmonia neste chakra.

Este chakra controla a energia dos órgãos sexuais e da bexiga. Quando se encontra equilibrado, a pessoa torna-se capaz de participar dos jogos sociais sem ansiedade e reage ao mundo exterior, emocional e fisicamente, de forma estruturada e estável. Longe, portanto, da histeria emocional. Quando equilibrado este chakra ajuda a estabelecer relações sociais saudáveis.

**Pergunta 14** – É possível listar os problemas de saúde que podem ser evitados quando estes chakras se mantêm em equilíbrio?

**Resposta** – Para cada Espírito em prova e expiação na Terra é necessário levar em consideração o gênero de provas que escolheu antes da encarnação. Nem todas as enfermidades serão frutos do desequilíbrio dos chakras, mas dos resgates que aquele Espírito em prova necessita suportar. Porém, em linhas gerais, podemos afirmar que o equilíbrio energético nesses dois chakras auxilia o corpo físico a se tornar firme e estável e sem problemas nas articulações. Mantendo-se em equilíbrio, diminui a incidência de problemas de pele, tornando-a brilhante. Também favorece a longevidade, a constância e a segurança, como também a persistência e a resignação.

**Pergunta 15** – E no caso em que se encontram desequilibrados, seja pelo excesso ou pela falta de energia?

**Resposta** – Se permanecerem em desequilíbrio por muito tempo, podem ocasionar problemas psicossomáticos diversos, tais como: avidez e descontrole sexual; masculinização da mulher; dificuldades de raciocínio; sexo sem afetividade; depres-

são; somatização de doenças ligadas aos ovários, próstata, intestinos, rins, bexiga e pernas; indigestão; perda da memória; diminuição da sensibilidade corporal, entre outras. Mas como dissemos, essa relação é relativa, pois cada caso depende do gênero de provas que o Espírito humanizado vai vivenciar na Terra. Vivenciar o Ego de uma mulher masculinizada pode fazer parte das provas de um determinado Espírito e não estar ligado ao desequilíbrio nestes chakras. Porém, o fato de não se amar ou não se aceitar tendo um corpo masculinizado pode fazer com que esses chakras se desequilibrem.

**Pergunta 16** – então, normalmente, são os nossos pensamentos, sentimentos e atitudes que colaboram para o desequilíbrio dos chakras?

**Resposta** – Exatamente, uma vez que ninguém ofende ninguém. É a pessoa que se sente ofendida com o que o outro faz ou fala. Assim, é o próprio Espírito humanizado que desequilibra seus chakras, e no caso em questão, quando o chakra básico e o umbilical estão desequilibrados, quase sempre a causa foi a tendência da pessoa em guardar mágoas; o sentir ódio de quem lhe desagradou; o medo de enfrentar suas provações; o apego às verdades do Ego (defesa intransigente de “purezas” doutrinárias ou ideológicas); a possessividade; o ciúme, etc.

**Pergunta 17** – E os demais chakras?

**Resposta** – Pois não! O terceiro chakra é o que vocês chamam de plexo solar. No Oriente é conhecido como *Manipura* (o centro). Ele está associado, simbolicamente, ao elemento Fogo. Sua vibração eletromagnética se manifesta para os videntes na cor amarela e, algumas escolas espiritualistas o associam à nota musical E (mi).

Este chakra sofre as conseqüências das emoções mais fortes, tais como a raiva, a frustração, a preocupação, a excitação

etc. O reequilíbrio deste chakra passa, necessariamente, pela aprendizagem espiritual, ou seja, pela aquisição do senso de responsabilidade e pelo aperfeiçoamento moral.

Este chakra está relacionado diretamente ao funcionamento do pâncreas, do fígado, do estômago, do intestino grosso, do diafragma e de parte do intestino delgado. O coração também pode ser afetado por este chakra.

Ele é considerado o centro porque é o *locus* de compensação energética, uma vez que boa parte da energia (*prâna*) proveniente dos chakras inferiores passa por ele antes de atingir os superiores e vice-versa. Ele é o único que não absorve energia negativa.

Ao energizar este chakra, todo o corpo costuma ser fortalecido. Vários exercícios de meditação em movimento, de T'ai Chi Chuan ou de Yoga energizam e equilibram, exclusivamente, esse chakra, ajudando a pessoa a se tornar mais tolerante e pacífica.

Quando em equilíbrio, ele permite dirigir o Ego com firmeza e gentileza. Desequilibrado, pode gerar o intelectualismo estéreo, a postura crítica, punitiva e vingativa. Não é à toa que na mitologia grega, Prometeu é castigado tendo o fígado devorado diariamente. Ele é o mito que simboliza o intelectualismo e a criticidade doentia. E quem colhe os frutos de seus excessos é o fígado.

O quarto chakra é o cardíaco, também conhecido no Oriente como *Anahata* (que significa o que não soa). Tem sua simbologia relacionada ao elemento Ar e sua vibração eletromagnética se manifesta aos videntes na cor verde. Algumas escolhas espiritualistas associam esse chakra a vibração da nota musical F (fá).

Este chakra está relacionado, sobretudo, com a harmonização e integração das nossas “sombras”, ou seja, com as provas que temos que vencer na Terra. O aprendizado necessário para o harmonizar está relacionado com a resignação diante das perdas

(materiais, sentimentais e culturais) e com a vivência da compaixão. Este chakra está relacionado diretamente ao coração, aos pulmões e ao timo, glândula relacionada ao nosso sistema imunológico. Se falamos do segundo chakra como relacionado às emoções (frutos das paixões do Ego), este está associado aos sentimentos (amor/não-amor) emanados pelo Espírito.

Assim, quando em equilíbrio, ele gera a vontade, a alegria e a força para suportar a dor; favorece a relação amorosa com as pessoas e com o mundo circundante. A pessoa sente em si a força do amor incondicional, da compaixão e se torna altruísta. Com esse chakra equilibrado é capaz de libertar-se do pensamento dualista (“certo” e “errado”, “bem” e “mal” etc.) e dos apegos que nos impedem de ser feliz incondicionalmente. Possibilita, também, integrar as forças inferiores dos chakras já descritos com os superiores, que veremos adiante.

**Pergunta 18** – Alguns livros afirmam que integrado com o plexo solar, este chakra estimula o bom funcionamento dos sistemas endócrinos, favorecendo a absorção de proteínas, sais minerais e de vitaminas pelo corpo físico, isso seria verdade?

**Resposta** – Sim, e também harmoniza as ondas cerebrais, favorecendo o bom funcionamento da memória. Porém, quando ambos se encontram em desequilíbrio, obscurecem a emoção, causam entorpecimento intelectual, agitação, mudança brusca de humor e o enfraquecimento da memória. Podem surgir desse desequilíbrio energético problemas nos pulmões e no coração, aumentar a tendência à osteoporose (sobretudo em mulheres) e o enfraquecimento do sistema imunológico.

**Pergunta 19** – Que sentimentos ou atitudes costumam desequilibrar esses chakras?

**Resposta** – Em suma, o orgulho, a agressividade, o egoísmo, a ambição, o desejo de mudança pela mudança, o

radicalismo político ou religioso, o fanatismo, a tendência em julgar de forma parcial ou apaixonada, a tendência ao conflito...

### **Pergunta 20** – E o quinto chakra?

**Resposta** – Trata-se do chakra laríngeo, também conhecido no Oriente como *Vishvdha* (que significa limpeza). Este possui sua simbologia associada ao elemento éter. Sua vibração eletromagnética manifesta-se na cor azul para os videntes e algumas escolas espiritualistas o associam com a nota G (sol). A comunicação, a criatividade e a clariaudiência estão relacionadas a esse chakra. E o aprendizado necessário para o seu bom funcionamento está em expressar com segurança as próprias emoções e pensamentos.

Este chakra controla o funcionamento das glândulas tireóides e paratireóides e quando em desequilíbrio acarreta enfermidades na garganta, nos brônquios, nos pulmões, na faringe e nos ouvidos. Normalmente, problemas nesses órgãos acontecem sempre depois que “engolimos sapos”, ou seja, não temos como expressar verbalmente tudo aquilo que sentimos, independente do motivo.

Já o sexto chakra, chamado por vocês de frontal, é conhecido no Oriente como *Ajna* (que significa o comando). Na verdade existem dois chakras muito próximos: o frontal (na testa) e o “terceiro olho” (entre as sobrancelhas), mas vamos, por razões didáticas, tratá-los como se fossem apenas um. Este chakra não está associado a nenhum elemento, mas à superação da dualidade primordial (“bem” e “mal”). Sua vibração eletromagnética é percebida pelos videntes na cor índigo ou violeta. E algumas escolas espiritualistas a associam com a vibração da nota A (lá). O importante, porém, é compreender que este chakra está relacionado diretamente à mente não racional (intuição) e a clarividência.

Ele favorece, diretamente, o funcionamento da glândula pituitária, da pineal, o do sistema nervoso e, de certa forma, do

cérebro. Costuma ser chamado de “chakra mestre” ou “diretor”, uma vez que dirige e controla os demais chakras e suas glândulas endócrinas correspondentes. Este chakra também está relacionado aos olhos e ao nariz. Equilibrado permite a integração dos dois hemisférios cerebrais.

**Pergunta 21** – Alguns autores afirmam que estes chakras em desequilíbrio favorecerem a fuga da realidade, a inflamação da garganta e a sonolência. Isso é correto?

**Resposta** – Sim. E, em desequilíbrio, ocasionam também a queda de cabelo, o odor ocre na cabeça, boca e axilas, a agressividade e os julgamentos contundentes, a histeria, o egocentrismo intelectual, a esquizoidia, a personalidade paranóide e o abstracionismo excessivo. Os sentimentos e atitudes que costumam gerar desequilíbrios nestes chakras são, essencialmente, o orgulho, a prepotência e o materialismo. Porém, em equilíbrio, refletem em alegria, em comedimento, em gestos delicados e harmoniosos, em julgamentos moderados, inteligentes e sensatos.

**Pergunta 22** – E quanto ao último chakra, o coronário?

**Resposta** – Ele é conhecido no Oriente como *Saháshara* (que significa mil pétalas). Não tem sua simbologia relacionada com nenhum elemento, mas encontra-se diretamente relacionado ao mundo transcendental. Sua vibração eletromagnética se manifesta aos videntes na cor branca ou dourada, daí a representação dos santos, no imaginário cristão com auréolas douradas sobre a cabeça ou, no imaginário oriental, as coroas douradas na cabeça de Buda ou Krishna. Para algumas escolas espiritualistas este chakra vibra na frequência da nota B (si).

O chakra coronário nos conecta à consciência cósmica e está relacionado também ao cérebro e à glândula pineal.

Como quadro geral, podemos fazer a seguinte associação resumida:

**Muladhara** (básico). Localizado próximo ao cóccix (área do períneo). Relacionado aos órgãos sexuais, aos testículos, aos ovários, à bexiga, ao reto, ao ânus etc.

**Svaddhithana** (umbilical). Localizado entre a sacral e a 5ª lombar (área dos órgãos sexuais). Relacionado aos rins, ao intestino grosso, à vesícula seminal, ao útero etc.

**Manipura** (plexo solar). Localizado entre a 8ª e a 12ª dorsal (área do estômago). Relacionado ao fígado, ao estômago, ao baço, ao duodeno, ao intestino delgado, ao pâncreas etc.

**Anáhata** (cardíaco). Localizado entre a 4ª e a 6ª dorsal (área do coração). Relacionado ao coração, aos pulmões, à traquéia, ao esôfago etc.

**Vishuddha** (laríngeo). Localizado entre a 3ª e 5ª cervical (região da garganta). Relacionado à tiróide, às amígdalas, às glândulas salivares, aos ouvidos etc.

**Ájna** (frontal). Localizado entre a 2ª e 3ª cervical (entre os olhos). Relacionado ao cérebro, à hipófise, ao cerebelo, ao bulbo etc.

**Saháshara** (coronário). Localizado entre a 1ª e 2ª cervical (região hipofisiária – coroa da cabeça). Relacionado ao cérebro, à pineal etc.

**Pergunta 23** – Existem lições espirituais para se aprender em cada chakra?

**Resposta** – Obviamente, e as lições que devemos aprender em cada chakra são, respectivamente:

1 – A **Pureza**: O chakra básico, por se tratar de um chakra físico, está associado à responsabilidade pelo uso e cuidado com o mundo material e com o corpo físico, superando a intolerância, os instintos, o egocentrismo...



2 – O uso correto das **emoções**. O chakra umbilical, por ser um chakra emocional, está relacionado diretamente com a construção de uma Identidade pessoal e social saudável e emocionalmente equilibrada, no qual emoções como o ciúme e a inveja possam ser dominados, assim como a possessividade, a cobiça e os medos intensos ou inconscientes.

3 – O uso do **poder** pessoal. **Aprender a cooperar e a liderar** é o ensinamento contido no plexo solar, que é o chakra da razão, daí o seu aprendizado estar simbolizado na expressão “Liberdade com Responsabilidade”, superando sentimentos de arrogância, falta de humildade, fervor religioso ou ideológico ou a racionalidade excessiva.

4 – A **tolerância** e o **discernimento**. A lição do chakra cardíaco é a confiança e entrega na Justiça Divina e na vivência do Amor Incondicional que não espera nada em troca. É o chakra da confiança, da amizade, da tolerância e da flexibilidade. O altruísmo é o melhor caminho para expandi-lo.

5 – O valor da **criatividade**, da vontade de se transformar e do ensinar. A lição do chakra laríngeo está em perceber o Infinito. É o chakra da imaginação criativa e da alteridade. Para expandi-lo é preciso superar a falta de comunicação interior e exterior, deixar de se importar com a opinião alheia, não ser duro ou insensível com aqueles que pensam e agem de forma diferente e buscar, através do universalismo, a Verdade e a Luz que ilumina.

6 – A **inteligência superior** (em outras palavras, a Sabedoria e não necessariamente o Conhecimento). Aprender a projetar corretamente a mente para as formas superiores é o ensinamento do chakra frontal. Trata-se do chakra da comunhão ou da integração (*religere*) com o sagrado. Para expandi-lo é preciso trabalhar nossa própria sombra – nossa irracional necessidade de julgar e punir o outro, culpar alguém, criar bodes expiatórios. Agir, ver e falar com simplicidade ilumina e expande esse chakra.

7 – Despertar o **relacionamento com Deus**. A lição do chakra coronário é a transmutação, a libertação do Ego e a vivência da humildade sem ostentação. Expandindo o chakra coronário, o Espírito humanizado deixa de necessitar de “muletas”, sejam elas doutrinas, símbolos, rituais etc., alcançando a plenitude do Ser.

**Pergunta 24** – Pela resposta acima, podemos perceber que para iluminar cada um destes chakras temos um verdadeiro roteiro iniciático ou sete estágios para serem superados. É isso mesmo?

**Resposta** – Da mesma forma que ninguém chega à universidade sem passar pelo ensino fundamental, existem etapas de amadurecimento espiritual que devem ser respeitados. Se observarmos com atenção, veremos que todos os ensinamentos espirituais ou esotéricos são caminhos diferentes para se atingir o mesmo fim. A seqüência dos símbolos do REIKI, assim como as iniciações da Umbanda ou o despertar do Kundalini, no YOGA, servem para despertar o Espírito humanizado da ilusão materialista e o conduzir com segurança para a plenitude e integração cósmica, libertando-se dos agregados do Ego (formas materiais, sensações, percepções, formações mentais e memória).

## Capítulo V



### Os ensinamentos morais de cada símbolo do Reiki

Este capítulo trata de um estudo inédito sobre os símbolos do REIKI. Enquanto os cursos de REIKI ensinam que são os símbolos que curam, gerando em torno deles muita mistificação e charlatanismo, através das respostas fornecidas pelos Espíritos temos uma outra e completamente diferente visão do processo, sem desmerecer ou criticar o uso dos símbolos, apenas esclarecendo sua real função no pensamento oriental.

**Pergunta 25** – E qual é o verdadeiro papel do símbolo nesse processo?

**Resposta** – Na realidade todos nós, encarnados ou não, somos energia e magnetismo. As vibrações provenientes de cada um dos chakras favorecem funções psíquicas distintas. Cada um dos sete símbolos do REIKI representa um chakra. Os símbolos identificam tais vibrações. Ou seja, eles demonstram

qual caminho o praticante seguirá. Ou seja, qual a linha vibratória que ele pretende movimentar. Trata-se de um código de acesso que demonstra o resultado que o praticante deseja alcançar. Daí a necessidade de se trabalhar com um símbolo por vez. Mas o praticante pode também se comunicar através do pensamento com a equipe médica espiritual que ali se encontra. Mas é a prece, sincera e pura, que eleva a vibração do local e facilita o intercâmbio com a espiritualidade socorrista.

É por isso que a preocupação em desenhar corretamente o símbolo é dispensável. Aliás, o mesmo símbolo costuma ser desenhado de forma diferente em cada apostila ou livro.

A espiritualidade não deixará de atender caso o praticante não “abra” corretamente o símbolo. Ela deixará de ajudar quando o sentimento amoroso e o altruísmo forem substituídos pela vaidade, pelo orgulho e pelo egoísmo.

**Pergunta 26** – Nos cursos de REIKI costuma-se ensinar que o símbolo chamado *Cho-Ku-Rei* é utilizado para cura física. Isso é verdade?

**Resposta** – Sim e não. Isso acontece porque nossa mente associa ao símbolo poderes que ele não possui. Esta associação mental ajuda o reikiano a impregnar mais força de vontade e intenção curativa ao desenhar com a mão o símbolo ou o mentalizar. Quando se aprende, por exemplo, que um determinado símbolo potencializa o outro, a pessoa associa que para um problema mais grave ou profundo, deve usar um símbolo também mais “forte” e, se associar a ele tal intenção, a mente projetará mais energia. No fundo, foi apenas a vontade de ajudar que aumentou e, concomitantemente, mais intensidade e qualidade fluídica foi disponibilizada para o tratamento.

É por isso que ao associar um símbolo a um determinado chakra e uma determinada função, nós estamos, mentalmente, nos preparando para liberar aquela respectiva vibração energética.

Em suma, quando associamos que um determinado símbolo é capaz de liberar energia que corresponda à vibração violeta, ao se concentrar naquele símbolo o reikiano dá um comando mental, mesmo que inconsciente, para que o seu duplo-etérico (que só existe nos encarnados) emita fluidos de cor violeta, cuja frequência eletromagnética é adequada para certas enfermidades, diferentemente da vibração verde, da azul, da amarela etc.

Assim, enquanto uma energia de cor vermelha costuma ativar os chakras inferiores (o básico, o umbilical e, às vezes, chegando ao plexo solar), as radiações violetas, por sua vez, ativam os chakras superiores e refletem sobre os inferiores, harmonizando-os. Para acalmar ou inibir os chakras muito expandidos utiliza-se, por exemplo, vibrações azuis.

**Pergunta 27** – Mas se os símbolos não servem para se enviar energia, qual a função deles?

**Resposta** – Na verdade, o papel dos símbolos é o de estimular a meditação. No Oriente, os símbolos são muito disseminados com esse objetivo. Trata-se de uma forma de concentrar o pensamento em uma realidade maior, transcendental. Assim, o mais importante é o conteúdo que o símbolo tenta nos transmitir e não sua forma exterior, como costuma se enfatizar nos cursos modernos de REIKI. Mais importante do que a forma gráfica do símbolo é a boa vontade e o desejo real e sincero de ajudar alguém. Nada adianta, por exemplo, traçar o símbolo e durante a sessão, o reikiano passar o tempo pensando: *“tenho que acabar logo essa sessão. Preciso ir ao banco. Está na hora de buscar as crianças na escola, levar o cachorro no veterinário...”* etc. O símbolo é impotente diante de nosso pensamento. É esse que deve ser vigiado e valorizado e não a forma do símbolo. Muitos se preocupam se estão desenhando corretamente o símbolo. Discutem se a energia irá até o enfermo se ele errar a forma de abrir o símbolo. Todas essas preocupações são desnecessárias. Aliás, como já falamos, se compararmos os

diferentes livros e apostilas de REIKI, escritos por mestres diferentes, nós encontraremos símbolos com os mesmos nomes, mas com formas diferentes.

Em resumo, cada símbolo procura transmitir ou evocar experiências de vida pertencentes à condição humana com o objetivo de alcançarmos a Iluminação e a libertação do *samsara* (roda das encarnações). Podemos até dizer que cada símbolo está associado a um “rito de passagem”. Eles sugerem provas dinâmicas que mexem profundamente em nossa Psique, ajudando-nos em nossa reforma interior.

**Pergunta 28** – E qual seria o ensinamento moral do símbolo chamado **CHO-KU-REI** ?

**Resposta** – Ele simboliza o início da caminhada espiritual de cada Espírito humanizado. Trata-se do momento em que a ilusão de *Maya* se desfaz e o discípulo descobre a existência do mundo espiritual. Advém, daí, a consciência de que a vida não se restringe ao corpo físico. Assim, temos a pessoa dando o seu primeiro passo rumo à libertação espiritual.

Ele representa a “saída da caverna” ou das “trevas”. Esse despertar pode ser chamado de um renascimento (consciência de que existe a vida espiritual). Mas de que adianta descobrir a existência do mundo espiritual se não nos transformarmos interiormente? Se não renunciamos à riqueza e ao poder material?

A cor desse símbolo é o vermelho, mas, na cromosofia, é uma cor que deve ser usado com parcimônia.

**Pergunta 29** – E qual o ensinamento do símbolo chamado **SEI-HE-KI**?

**Resposta** – Ele simboliza o início da purificação espiritual e a tomada de consciência de que tal purificação só se processa por meio da caridade, ou seja, da doação desinteressada. No

primeiro símbolo, o discípulo foi impelido para o desconhecido (mundo espiritual), mas ainda falta-lhe o impulso para a mudança interior. Sem esta, a viagem espiritual pode ser perigosa. Nesse estágio, o discípulo necessita mudar seus paradigmas, ou seja, ao invés de acreditar que é um ser humano vivendo uma experiência espiritualista, ele deve compreender que é um Espírito eterno vivenciando uma experiência humanizada.

Sem mudanças interiores, a jornada pode deixar de ser celestial e se transformar em uma viagem sombria e tenebrosa. É por isso que as verdadeiras escolas de meditação costumam ensinar que antes de se partir para a prática, o iniciante deve se envolver com atividades altruístas e com estudos morais. É preciso antes aumentar nosso padrão vibratório e nos conectarmos com as consciências elevadas do plano astral.

O segundo símbolo trata também da sabedoria de que poucos estão preparados para atingir a Iluminação (o estado de Buda) ou a salvação dos Cristãos, justamente porque se esquecem de praticar a caridade ou realizar atividades altruístas. No imaginário cristão encontrarmos homologia com a parábola da “porta estreita”. Ou seja, é somente através da prática da caridade ou do amor incondicional que nos libertamos. Não é, necessariamente, a verdade humana ou as religiões que libertam. Toma-se consciência, portanto, da existência da ambigüidade espiritual, ou seja, que a Luz e as Trevas coexistem dentro de cada um.

O iniciante está, portanto, diante de uma encruzilhada. Precisa decidir qual caminho deseja seguir. Aqui reside o seu livre-arbítrio. Se desejar o caminho da Luz necessitará praticar a caridade, a doação desinteressada, lembrando que caridade significa ser benevolente, indulgente e perdoar sempre.

A cor desse símbolo é o laranja e, na cromosofia, é útil para ajudar pessoas em convalescença, que se recuperam de cirurgias, que necessitam vitalizar-se fisicamente.

**Resposta** – Este simboliza, finalmente, a tomada de consciência de que somos os únicos responsáveis pela nossa felicidade ou sofrimento. Este símbolo representa a Lei do Carma e o caminho para superar o *samsara* (a roda da encarnação). A homologia com o imaginário Cristão pode ser encontrada em Paulo, quando afirma que “*cada um colherá o que semear*”. O iniciante descobre que somos governados pelo livre-arbítrio e que, antes de encarnar, escolhemos nossas provas. Após a encarnação, temos o livre-arbítrio moral, ou seja, escolher amar incondicionalmente o outro, ou se apegar às verdades criadas pelo Ego. É por isso que, quanto maior o conhecimento, maior é a responsabilidade.

Esse ensinamento nos ajuda a compreender que cada Espírito humanizado é um instrumento para a prova do outro e que, por isso mesmo, não existe injustiça, apenas a Lei do carma em ação. Tendo essa compreensão, o julgamento, a crítica ou a condenação do outro deixa de fazer sentido, uma vez que não existe o “erro”, apenas Deus dando a cada um de seus filhos o que cada um necessita e merece, naquele momento.

A cor desse símbolo é o amarelo e, na cromosofia, pode ser usada para aliviar o estresse mental e a falta de concentração.

**Pergunta 31** – Estes três símbolos são aprendidos nos chamados nível I e II, e o símbolo do nível III, o chamado **DAI-KO-MYO**?

**Resposta** – Este corresponde a Iluminação propriamente dita. Ele representa a unificação com o Cosmos e a dedicação à vida espiritual através da caridade, ou seja, do Amor Incondicional. Sua simbologia aponta para a necessidade de *orar e vigiar* (os pensamentos, os sentimentos e as atitudes), visando à caridade (cristianismo) ou à compaixão (budismo), sempre de forma desinteressada. O símbolo está relacionado, também, à consciência de que não necessitamos de nada para ser feliz. A felicidade é inerente ao Espírito e o sofrimento que vivenciamos



é porque nos apegamos às formas materiais, sentimentais ou culturais (as verdades criadas pelo Ego).

A cor desse símbolo é o verde, cor usada para harmonização energética, para reequilíbrio das energias físicas e espirituais.

**Pergunta 32** – Estes quatro símbolos são ensinados para os praticantes. Para os mestres existe um símbolo específico, chamado **RAKU**. Qual o ensinamento desse símbolo?

**Resposta** – No budismo encontramos a imagem do *Bodhissattva*. Este representa o verdadeiro Mestre, aquele que, após ter aprendido o caminho, volta ao mundo profano para ensiná-lo, voluntária e desinteressadamente, para outras pessoas. O mestre de REIKI deveria ter a atitude de um *Bodhissattva*, e por que ele é o símbolo do mestre? Porque representa aquele que ajuda o próximo a alcançar também a iluminação.

A cor desse símbolo é o azul, cor ótima para ser usado em trabalho de relaxamento, contra o estresse e a ansiedade, como também para pessoas com insônia. Em excesso, porém, pode estimular a depressão.

Comentário:

Estes cinco símbolos representam, na tradição oriental, os cinco elementos: Terra, Água, Fogo, Ar e Éter, respectivamente.

Como já dizia Einstein, a imaginação é mais importante que o conhecimento. E os símbolos, no Oriente, tinham como objetivo ajudar no processo de treinamento da mente, através de visualizações complexas e concentração. Os símbolos, também chamados de Yantras, favorecem o controle mental e a capacidade de criar imagens mentais e alcançar verdadeiros estados ampliados de consciência, interiorizando esses ensinamentos morais.

Conforme o iniciado medita no primeiro símbolo e incorpora em sua vida o ensinamento moral que ele traz, ele

vai, gradativamente, libertando-se do Ego. O ensinamento do segundo símbolo está ligado ao controle das emoções criadas pelo Ego, quando algo que nos desagrade acontece. Aceitando-se como Espírito eterno e que o outro é o instrumento necessário para as ações carmáticas que necessitamos vivenciar, em função do gênero de provas que solicitamos antes de encarnar, deixamos de sofrer ou de ver “erro” na ação alheia.

O ensinamento do terceiro símbolo está associado à idéia de que a mente é tudo. Ou seja, tudo que vivenciamos ou acreditamos só existe em nossa mente. Assim, libertos da ilusão (maya) podemos amar incondicionalmente, sem críticas, julgamentos ou condenações. O quarto símbolo ensina que somente através da doação desinteressada é possível alcançar a Iluminação e ser feliz incondicionalmente. Enquanto isso, o quinto, representa o papel do *Bodhissattva*, ou seja, da pessoa que é capaz de se doar, de disponibilizar esse ensinamento sem exigir nada em troca. Trata-se daquele Ser que tem compaixão por todos, independente de idade, sexo, classe social, religião etc. *Bodhissattva* representa no Budismo Tibetano o Iluminado que não necessita mais reencarnar, mas que decide não se dirigir ao *Nirvana*. Ao contrário, por livre e espontânea vontade, decide ficar na Terra e ajudar na libertação daqueles que se encontram presos na dor, no Ego e na ilusão (*maya*). Representa aquele que alcançou a união entre a sabedoria e a compaixão, ou entre o aprimoramento intelectual e o moral. No taoísmo seria aquele que vivencia plenamente o “não-saber” e a “não-ação”.

Estes são os símbolos que se aprendem em um curso de REIKI. Porém, com a espiritualidade, aprendemos mais dois símbolos relacionados, respectivamente, ao sexto e ao sétimo chakras.

**Pergunta 33** – alguns livros afirmam que no passado os monges budistas tinham mais de 200 símbolos e que estes se perderam...

**Resposta** – Além de representar um determinado grau de compreensão espiritual, existiam símbolos que identificavam aquele que, na linguagem de hoje, seria chamado de “médium de cura”, de “médium de psicofonia”, de “médium de efeito físico”, de “médium clarividente” etc. Por isso existiam muitos símbolos. Mas vamos passar dois para vocês que complementam essa série. Se cada um desses que já vimos está ligado às lições dos primeiros cinco chakras, os dois que passaremos correspondem, respectivamente, ao sexto e ao sétimo chakras. Como eles são desconhecidos, passaremos com seus nomes em português:

**COMUNHÃO** – É o símbolo do “pontífice” (ou seja, o construtor de pontes – *religare*). Trata-se do símbolo daquele que seria o intérprete capaz de esclarecer a natureza das Leis que nos conectam ou sintonizam com o Divino. Ou seja, com as Leis que dizem respeito à boa conduta aos olhos de Deus. Trata-se da visão Universalista, livre das amarras doutrinárias ou dogmáticas. Neste nível iniciático, o mestre é capaz de compreender e avaliar a dor dos outros com compaixão e sem julgamento. Ele é compelido a servir, sem sentir pena ou dó, respeitando a Lei numinosa do Carma e o merecimento de cada um.

Encontrando-se liberto de qualquer pensamento dualista (“bem” e “mal”, “certo” e “errado” etc.) o Espírito passa a viver feliz incondicionalmente e consegue auxiliar aquele que necessita, sem julgamentos. Podemos dizer que é o símbolo do “bom samaritano”, que, em uma psicografia de Chico Xavier diz que é aquele que auxilia o que necessita, não critica o que não ajuda e ainda estende a mão ao agressor.

A cor desse símbolo é o lilás, a cor da transmutação. Ótima para limpeza energética de ambientes e pessoas, e para desmaterializar objetos plasmados no perispírito por trabalhos de magia negra.

**UNIÃO** – É o símbolo do servidor humilde ou do Espírito esclarecido (*bodhicitta*). Daquele que venceu a servidão do corpo e da natureza, a arrogância, a inflexibilidade e o orgulho. É o símbolo da verdadeira humildade. Esta vibração amorosa que corresponde ao Orixá Oxalá na Umbanda nos leva a “lutar” por princípios e não mais por paixões. Os desafios da vida são enfrentados a partir de uma base espiritual sólida (a Fé de JÓ). Trata-se da manifestação de confiança incondicional nos desígnios da Providência. Jesus é o exemplo máximo de *bodhicitta* que passou pela Terra.

União lembra o mantra OM (*aum*), que tem correspondência com os nossos famosos “*Amém*” e ao “*Assim seja!*”. Em sânscrito o OM significa a centelha divina, ou seja, a parcela divina que carregamos em nosso ser. Seu ensinamento moral é o seguinte: se somos Espíritos eternos vivendo experiências humanas, e que escolhemos o gênero de provas antes da encarnação, quem é o responsável em criar nossas provas? Obviamente que é Deus. Assim, esse símbolo representa também a fé incondicional nos desígnios de Deus. A aceitação de que nada acontece conosco sem que merecêssemos passar por aquela situação. Ou seja, que a Justiça Divina não falha.

Assim, o iniciado pode, quando assimila o ensinamento moral de um determinado símbolo, abandoná-lo e se concentrar no seguinte, pois, o mais importante, é colocar em prática o ensinamento moral que cada um nos apresenta. Podemos verificar que o caminho iniciático acima é similar ao da Umbanda e de tantas outras práticas espiritualistas: a descoberta do plano espiritual, a lei do Carma, o livre-arbítrio, a caridade (amor universal) etc. até se chegar a plenitude do Ser e à Fé incondicional nos desígnios de Deus.

Comentário:

Fala-se muito em evolução espiritual. Muitas religiões, reencarnacionistas ou não, defendem que o Espírito deve evoluir

através da realização de atos materiais. Mas se o Espírito foi criado a imagem e semelhança de Deus, ele pode ter sido criado impuro, ignorante, selvagem? Obviamente que não. Mas se o Espírito é perfeito e puro por que nos deparamos diante de tanto orgulho e egoísmo?

Para responder a essa questão vamos imaginar, primeiramente, um escultor diante de uma coluna de mármore. Dentro daquela coluna está uma bela estátua de Apolo. E como o escultor vai libertar essa imagem? Esculpindo e lapidando a pedra até que a estátua fique pronta. Ou seja, ele não colocou a imagem dentro do mármore, mas foi, gradativamente, tirando o excesso de massa que nos impedia de vê-la. É isso que acontece com o Espírito que vive nos chamados mundos de provas e expiações, como é o caso atual da Terra. O Espírito puro e perfeito está envolvido por uma massa energética exterior que chamaremos de Ego. Ao longo das encarnações, o Espírito eterno e puro vai se libertando desse agregado sempre que usa a única ferramenta capaz de libertá-lo: o amor universal ou incondicional.

Em outras palavras, ele não precisa evoluir, mas libertar-se do agregado que impede a manifestação de sua Luz própria, já que ele é a imagem e a semelhança de Deus. Acreditar que o Espírito foi criado imperfeito e ignorante é o mesmo que dizer que Deus também é imperfeito e ignorante.

Por isso, não importa o ato exterior praticado pelo Espírito preso ao Ego. Se nesse ato não houver uma intenção amorosa, não se usou a ferramenta necessária para arrancar mais um pedacinho desse agregado que o prende nos mundos de provas e expiações. Em suma, apenas o amor liberta o Espírito, não importando a forma como este sentimento vai se manifestar no mundo fenomênico. Por isso Jesus é considerado o caminho para a libertação do Ego, pois vivenciou o amor universal em todos os seus atos, inclusive quando foi necessário expulsar os vendilhões do Templo.

Se atentarmos para o desenrolar dos ensinamentos apresentados acima, vamos notar que eles nos levam a uma mudança interior e não exterior. A cada passo conquistado, vamos aprendendo a vivenciar nossa vida humanizada com amor, felicidade e Fé. Nesse sentido, o símbolo não vai enviar a energia, mas conforme interiorizamos os seus ensinamentos, teremos condições de vivenciar uma metanóia, ou seja, um processo de mudança de sensibilidade, ou, em linguagem esotérica, ressuscitarmos como Espíritos eternos, mesmo que ainda nos encontremos presos ao corpo físico.

Conforme nos ensina a espiritualidade, a reforma íntima é um processo de mudança interior ou de sensibilidade. Não precisamos mudar nossos atos, mas apenas acrescentar amor a eles. Assim, se a pessoa for balconista de uma loja, ela não precisa mudar de emprego para iluminar-se, mas precisa tratar com amor seus clientes, patrões e fornecedores. O mesmo princípio vale para o médico, para o professor, para o advogado, para o lixeiro ou para a prostituta.

## Capítulo VI



### O processo de sintonização no REIKI

**Pergunta 34** – Como se processa a sintonização no REIKI?

**Resposta** – Quando o processo de iniciação ou de sintonização no REIKI for realizado em um local seguro e protegido pela espiritualidade, o que acontece é uma “auto-iniciação”. Algumas pessoas se consideram “mestres” e cobram para “iniciar” alguém no REIKI através de vários rituais desnecessários, acreditando estar capacitando alguém para ser um “canal” de energia.

Passar por um ritual desse tipo não garante que a pessoa estará capacitada para ser um doador de energia curativa. As pessoas que ajudarão a espiritualidade em tratamentos com o REIKI, ou outras técnicas similares, assumiram tal compromisso no Além, antes de encarnar. São pessoas que produzem quantidade considerável de fluidos animalizados (ectoplasma)

e foram preparadas para este trabalho que assumiram quando escolheram suas provas.

Fazer um número determinado de iniciações (I, II, III-A e III-B) não significa que, “do lado de cá”, esta pessoa se transformará em um instrumento adequado. Se este comprometimento não aconteceu antes de reencarnar, ou seja, se a pessoa não foi preparada para ser um doador fluídico, não importa a quantidade de iniciações que faça ou sistemas que aprenda. A pessoa não terá condições de participar ativamente de um trabalho de cura espiritual<sup>6</sup>.

O melhor trabalhador é aquele que age com amor e humildade. Aquele que se preocupa com títulos, graus, certificados etc. nem sempre é o que possui o amparo dos bons guias e protetores espirituais. Em suma, as “iniciações” só funcionarão naquele que já possui o “Dom”, ou seja, o compromisso de trabalhar e auxiliar a espiritualidade socorrista.

Para estes, as “iniciações” fortalecem o campo energético e “firmam” as vibrações com as entidades também anteriormente programadas para trabalhar com aquele reikiano. Porém, mais importante que as “iniciações”, é a busca pela transformação interior, a conduta reta e o sentimento de doação, a vontade de exercitar a caridade desinteressada. Assim, durante a iniciação, em um espaço protegido, a espiritualidade imprime no corpo astral do neófito uma vibração capaz de liberar agregados astrais destrutivos, regularizar seus chakras, entre outras coisas. Esta intervenção do além é importante para o iniciante abrir seus campos energéticos. Mas, em seguida, ele deve aprender através dos ensinamentos morais de cada símbolo a se livrar sozinho dessas cargas deletérias, renovando-se intimamente, ou seja, mudando o padrão de seus pensamentos, sentimentos e atitudes.

---

<sup>6</sup> Certa vez, um mestre de REIKI nos disse que de cada 10 pessoas que ele iniciava, apenas 3 ou 4 realmente aplicavam energia em outras pessoas ou em si. Se o comprometimento anterior não existe, dificilmente ser “iniciado” na técnica garante que a pessoa será mais um reikiano, independente do valor pago na “iniciação”.



## Comentário:

A desmistificação da iniciação no REIKI apresentada pelos Espíritos nos lembra da reflexão de Huberto Rohden em seu livro sobre Mahatma Gandhi, no qual afirma que as palavras “iniciação” e “guru” representam verdadeiras fraudes espirituais no Ocidente e no Oriente, pois não existe alo-iniciação; só existe auto-iniciação. O mestre externo pode apenas apontar o caminho a seu discípulo, mas não o pode iniciar espiritualmente, sem falar na necessidade de um ambiente ético caracterizado pela humildade, despreensão e solidariedade. Cerimônias ou rituais simbólicos não substituem a única e verdadeira iniciação que caracteriza o processo de mudança espiritual ou de libertação das verdades criadas pelo Ego

**Pergunta 35** – É necessário ser sintonizado no Reiki para se enviar boas energias e auxiliar na recuperação de enfermos?

**Resposta** – Para se enviar energia são necessárias três coisas: o pensamento elevado, a vontade de ajudar o próximo e o amor desinteressado. Todo o resto é instrumento ou “muletas” criadas pelos homens, em todos os tempos, para auxiliar neste processo. Poucos estão preparados para acreditar no poder mental que possuem. Poucos sabem que a mente é uma poderosa usina. Poucos sabem que é possível direcionar nossa energia para diferentes fins, inclusive ajudar na cura de um irmão enfermo, desde que este tenha o merecimento para ser curado através da imposição das mãos, pois nenhuma técnica, incluindo o REIKI, é capaz de transcender a Lei do carma e o livre-arbítrio.

Todos, cristãos ou não, sabem que a plantação é livre, mas a colheita será sempre obrigatória. O que não significa que Deus seja punitivo, apenas que existe uma verdadeira justiça cósmica regendo o universo.

A energia utilizada no REIKI é a mesma que o ser humano, nas mais diferentes e distantes culturas e civilizações, aprendeu a manipular, dando nomes diferentes e utilizando formas exteriores

distintas para tanto. Assim, o que menos importa é o nome da técnica. Porém, todas sempre funcionarão quando apresentar as três condições básicas: pensamento, vontade e amor.

**Pergunta 36** – A cada dia aparecem novas pessoas dizendo que canalizaram novos símbolos. Muitos são patenteados, inclusive. Mas, pelo exposto, eles não seriam, então, necessários?

**Resposta** – Esse processo que você descreve é fruto do orgulho e do egoísmo humano. Deus não pára de criar um só segundo e nunca repete uma só criação. E, apesar disso, ele nunca assinou nenhuma de suas obras. Só o homem orgulhoso e egoísta pensaria em patentear um símbolo que “canalizou”. Esse símbolo pode, de fato, ter existido no passado e a pessoa, em um estado ampliado de consciência, obtido através da meditação, pode acessar este símbolo criado em algum tempo remoto. A própria pessoa pode ter utilizado tal símbolo em alguma encarnação, em algum ritual da comunidade em que viveu.

Como já dissemos, no passado, o homem criava instrumentos que o auxiliavam a manter seu pensamento concentrado e canalizar sua vontade. Mas hoje, com a evolução mental e moral já alcançada, pode prescindir de tais elementos gráficos, principalmente, quando utilizados para charlatanismo e mistificação.

**Pergunta 37** – E os canalizadores que afirmam que foram seres de outros planetas, que foram extraterrestres que lhes transmitiram os símbolos e falaram para não divulgá-los para qualquer pessoa, pois seria muito perigoso, transformando, assim, o símbolo em uma mercadoria cara e disputada, avidamente, pelos adeptos das seitas Nova Era?

**Resposta** – Para aquele que paga, há sempre aquele que vende. O charlatanismo só existe porque ainda há pessoas que

gostam de ser enganadas. Se o canalizador tem essa vontade de “canalizar” um símbolo que o possa tornar famoso, que dê para ele criar um novo sistema de REIKI e, além disso, ganhar dinheiro comercializando o símbolo, tudo isso fará com que ele atraia para o seu lado consciências desencarnadas zombeteiras ou mistificadoras. Não é ao acaso que vão aparecer seres de “altíssima” evolução espiritual, afirmando serem de outros planetas, com formas bizarras como lagartos e outros bichos, e vão transmitir ao “canalizador” símbolos com nomes apropriados para filmes de ficção científica e vão dizer, obviamente, para ele guardar o símbolo com muito cuidado.

Vão dizer, para estimular a vaidade do médium, que são símbolos valiosos e que servem para curar câncer ou outras doenças que, se não podemos afirmar que são incuráveis, podemos garantir que, dependem, sobretudo, do merecimento do paciente. Sem a reforma íntima, tais enfermidades, que são as colheitas do passado, não são curadas.

As toxinas astrais que as originam só podem ser drenadas a partir do Amor ou da Dor, quando são, então, drenadas para o corpo físico na forma de graves enfermidades. Por isso não importa se o símbolo foi transmitido por “Buda”, “dr. Lagarto”, “Saint-Germain”, “Jesus” ou outro Espírito que diz ter vindo de Sírius ou de Júpiter... A toxina será drenada pelo suor do trabalho amoroso ou pela dor da expiação.

E por que dizem que são símbolos valiosos? Porque servem para a mistificação, para estimular o orgulho e o egoísmo do médium invigilante que o canalizou. Jesus e São Francisco usaram algum símbolo para curar? Não. Eles usavam apenas o grande poder mental que possuíam e contavam com o amparo da espiritualidade superior.

**Pergunta 38** – Mas por que ao mentalizarmos um dos símbolos do Reiki, automaticamente, sentimos a energia fluindo e se dirigindo para o paciente? Esse fenômeno sensorial

não seria um indício de que os símbolos funcionam?

**Resposta** – Em nenhum momento falamos que os símbolos não funcionam. O que estamos comentando é que não há necessidade de “sintonização” como vocês fazem nos cursos de REIKI, com tantos apetrechos esotéricos e rituais. No fundo, será sempre a vontade, o pensamento e o amor que estão agindo na movimentação da energia. A vontade, o pensamento e o amor antecedem o desenho do símbolo.

Vamos esclarecer como funciona a comunicação entre o Espírito (mente) e o cérebro. Em primeiro lugar, vocês devem saber que o ser humano não pensa através de palavras. E, para se transmitir uma idéia, o ser humano necessita converter o seu pensamento em um sistema de códigos. Este sistema pode ser na forma de sinais ou imagens simbólicas, como no caso do REIKI e de tantas outras práticas orientais, ou na forma de palavras, que também são símbolos<sup>7</sup>.

Em qualquer um dos casos, para funcionar, é necessária a decodificação, ou seja, a interpretação da mensagem. É por isso que a pessoa que não conheça o símbolo e não saiba para que o mesmo funciona, não vai sentir nada, não vai enviar energia. Ele não tem ainda a chave para decodificar a mensagem. Seu cérebro e seu subconsciente não sabem decodificar o símbolo. Ao contrário, o “iniciado” vai movimentar sua energia vital, sua bioenergia, porque associou ao símbolo, à imagem gráfica, uma função. Ou seja, ele sabe que ao desenhar um determinado símbolo ele deve dar um comando inconsciente para o seu duplo-etéreo liberar a energia. Ele está substituindo a palavra por um outro símbolo, por uma imagem.

---

<sup>7</sup> No texto “técnica de comunicação espírita”, de Herminio C. Miranda, este pesquisador nos informa que: “Se o pensamento deve ser expresso em palavras há que fazer a escolha da língua; se for em imagens, é preciso decidir quanto à forma, à cor, ao tamanho e ao processo de divulgação”. E é dessa mesma forma que os símbolos do REIKI funcionam.

Pode acontecer também da pessoa já ter entrado em contato com aquele símbolo em outra encarnação. Daí, apesar de não se lembrar, ele está gravado em seu perispírito. Assim, mesmo sem ter passado por um ritual iniciático, a energia será liberada quando desenhar o símbolo, pois sua mente inconsciente ou seu subconsciente aprendeu, no passado, como decodificar a mensagem.

Agora, mesmo o iniciado no REIKI, que passou pelo “ritual iniciático”, que aprendeu os infinitos sistemas, mas que desenha os símbolos sem se concentrar, sem amor e sem vontade, não irá manipular nenhuma energia. Nada irá acontecer.

A criação de símbolos é uma forma de codificação. E como o ser humano ainda não é capaz de viver sem símbolos para se comunicar, eles são muito úteis. E qualquer um pode criar um símbolo e, se o seu Ego, em função do seu gênero de prova, for do tipo malandro, correrá para patentear e inventar uma história bem mistificadora para ganhar um bom dinheiro com o seu símbolo “sagrado”. E aquele que merecer ser enganado por ele, será. Em suma, nada acontece por acaso.

Como já salientamos, no Oriente a sabedoria de como a comunicação funciona é milenar. E o homem ocidental descobriu isso recentemente. Não se diz que uma imagem vale mais do que mil palavras? A decodificação de uma mensagem através de imagens costuma ser muito mais fácil e universal do que através de palavras.

**Pergunta 39** – Então é possível criar novos símbolos e atribuir a eles novas funções?

**Resposta** – Obviamente. Desenhe uma imagem e atribua, mentalmente, que ao desenhá-la você emitirá energia para os pés de uma pessoa. Sempre que você se concentrar e mentalizar aquela imagem, seu inconsciente fará o trabalho

restante. Ou seja, sua vontade<sup>8</sup> de enviar energia para os pés será a alavanca necessária para o seu duplo-etéreo liberar a energia. Porém, não é muito mais fácil você pensar em enviar energia para os pés, para o peito ou para qualquer outra parte do corpo da pessoa do que ficar pensando em criar um sinal gráfico? O homem pré-histórico precisava desenhar um animal na parede e, com sua lança, “ferir” o animal desenhado para facilitar a caça. Agindo dessa forma, acreditava que seria muito mais fácil caçar e, realmente, era. Ele estava canalizando energia para alcançar aquele objetivo. É por isso que o mais importante é o ensinamento moral que cada símbolo do REIKI possui e não sua forma, seu desenho.

**Pergunta 40** – Mas, da mesma forma que algumas pessoas só conseguem orar se estiverem diante de uma imagem de santo, não há aquelas que só acreditarão que enviam energia se desenharem um símbolo? Ou que só através de uma “sintonização” bem cara e ritualizada que obterão tal poder de auxiliar o próximo?

**Resposta** – Existem sim. Foi por isso que dissemos que, enquanto existir quem paga, existirá quem venda. Os charlatões estão por toda parte para ludibriar aquele que tem necessidade de passar por essa provação. Por isso, a cada dia, surgem símbolos milagrosos e cada vez mais caros. Se no passado o ser humano comprava indulgências para se livrar do purgatório, hoje se

---

<sup>8</sup> Em janeiro de 2005, recebi um e-mail que dizia assim: “eu utilizei o símbolo Cho-ku-rei invertido com a intenção de extrair uma pedra do rim de uma paciente. No dia seguinte, a pedra foi expelida. Acho que descobri mais uma função do símbolo...” Eu li a mensagem do rapaz com carinho e lhe respondi o seguinte: “observe que você relatou que usou o símbolo com a **intenção de** extrair a pedra do rim de sua paciente. É aí que reside a resposta e não no símbolo invertido. Foi a sua intenção de ajudar que canalizou sua bioenergia para esse objetivo. Foi sua vontade e comando mental e não o desenho do símbolo invertido. Você poderia ter feito o sinal da Cruz ou qualquer outro sinal. Além disso, se houve esta cura, foi porque sua paciente teve Fé e Merecimento para que a pedra fosse expelida sem grandes sacrifícios. Portanto, não foi o símbolo que a curou, mas sua vontade de ajudar somada com a Fé e o Merecimento da paciente”.

compra símbolos de REIKI para tudo, de um resfriado até a cura do câncer. É mais fácil o ser humano acreditar em milagres desse tipo do que na existência do Espírito, da vida após a morte e da reencarnação. É mais fácil pagar por um símbolo do que procurar se transformar interiormente, mudando o pensamento, os sentimentos e as atitudes não amorosas. Tudo isso faz parte das vicissitudes do Espírito, de acordo com o gênero de provas que escolheu. Como Espírito, ele sabe que nada disso é importante, mas como ser humanizado não. Por isso, não há problema nenhum em se ter símbolos<sup>9</sup>, o problema está em acreditar na mistificação que se criou em torno deles.

**Pergunta 41** – Pelo exposto acima, podemos inferir que não há diferença entre o REIKI e o passe espírita?

**Resposta** – O nome REIKI se popularizou na segunda metade do século vinte. Hoje ele é uma realidade mundial. Não dá para desprezá-lo ou ignorá-lo. É uma variação metódica do que poderíamos chamar de Fluidoterapia. E como vocês necessitam de nomes, poderiam chamar todas as técnicas conhecidas, como o Passe espírita, o *Johrey* da Igreja Messiânica, a Cura Prânica dos filipinos etc. como Fluidoterapia.

A Fluidoterapia nasceu, na Terra, com os primeiros capelianos exilados. Gradativamente, eles foram redescobrimo a forma de manipular sua bioenergia para a cura. E, em cada local, como já dissemos, inventaram rituais e exterioridades para fazer a manipulação energética que, no fundo, funcionará sempre através dos três condicionamentos já apresentados: pensamento, vontade e amor.

---

<sup>9</sup> Segundo alguns videntes, o Espírito que passou tal informação, e tantos outros que atuam na ONG Círculo de São Francisco, andam com o Tau (a cruz que também é um ícone franciscano) pendurado no pescoço. Não deixa de ser um símbolo que identifica este agrupamento de Espíritos que atuam na seara do Cristo. Além disso, muitos Espíritos das correntes orientais utilizam sinais na testa ou pedras que simbolizam o tipo de trabalho realizado no astral ou o agrupamento ao qual pertencem.

Se não há diferença no tipo de energia, há diferença no procedimento. Muitas casas kardecistas fazem o “passe de cura”, que seria um passe mais demorado, em uma sala diferenciada, com o paciente deitado em uma maca. O “passe de cura” funciona como o REIKI, porém, sem símbolos, músicas ou aromas.

**Pergunta 42** – Se os símbolos do REIKI não são necessários para se enviar energia, então não existe um específico para se enviar energia a distância...

**Resposta** – Para se enviar energia não é necessário símbolos, nem para a pessoa presente à sessão ou a distância. É a nossa mente que faz a ligação com o enfermo, esteja ele onde estiver. O símbolo é importante porque traduz ensinamentos milenares que ainda hoje são válidos para a regeneração da Terra.

Vocês precisam se lembrar que, no passado remoto, no Oriente, para se transmitir ensinamentos, os verdadeiros mestres usavam símbolos, muitos desenhados em folhas de palma. O símbolo era um elemento *mnemotécnico*. É por isso que os livros sagrados do Oriente falam na existência de centenas de símbolos. Assim, um discípulo que era preparado para trabalhar com cura, tinha o seu símbolo próprio. Aquele que manifestava a mediunidade psicofônica tinha também o seu símbolo. Aquele que seria uma espécie de hipnotizador, preparado para fazer regressão ou projeção astral, tinha outro, aquele que estava desenvolvendo a psicometria também... E assim por diante.

Em algumas escolas iniciáticas, conforme o grau de aperfeiçoamento moral do discípulo, ele recebia um novo símbolo para identificar o estágio em que se encontrava. Na verdade, esse método “serial” continua até hoje. Ninguém chega até a Universidade se não passar pelos ciclos anteriores de instrução. E o que são os diplomas? Apenas o símbolo que identifica o grau de “conhecimento” de cada pessoa. O diploma ou certificado cria uma hierarquia. Esse era o papel de muitos símbolos.



**Pergunta 43** – Então, como pensar a informação transmitida por diversos mestres de REIKI de que no Universo há um estoque de energia que somente os iniciados no REIKI podem acessá-lo através dos símbolos?

**Resposta** – Pura mistificação. Seja essa idéia criada pela mente (Ego) do “mestre” encarnado ou de algum Espírito mistificador.

**Pergunta 44** – Nesse sentido, se o símbolo não tem essa força toda apregoada nos cursos de REIKI, a informação de que qualquer pessoa pode canalizar a energia cósmica, desde que pague pela sintonização é uma grande mentira?

**Resposta** – Todos nós temos energia para doar, uns mais outros menos. Aqueles que têm mais bioenergia são os chamados “médiuns de cura”. São estes que se comprometeram, antes de encarnar, em doar essa energia, em auxiliar a espiritualidade no socorro. Não foi ao acaso que possuem um sistema nervoso diferente, propício para liberar ectoplasma.

Assim, não importa se na Terra ele se enveredou pelo caminho do REIKI, do passe, do *Johrey* ou outro nome qualquer. O médium de cura não precisa ser iniciado no REIKI porque ele já tem energia suficiente para doar e se não o fizer, sofrerá as conseqüências em seu próprio organismo. O que ele precisa é aprender a doar essa energia de forma racional. Saber os locais adequados, e como proceder, antes, durante e depois da sessão. Não é desenhando símbolos em paredes, na palma da mão que ele estará agindo “corretamente”.

A pessoa que não tem energia para doar, poderá fazer várias sintonizações, com diferentes “mestres”, e nunca sentirá nada. E vai sair dizendo que tudo não passou de charlatanismo ou que determinado “mestre” não o sintonizou direito.

No fundo ele não era um trabalhador para a espiritualidade. Ele não tem energia ou o comprometimento para doar sua energia em trabalhos socorristas.

**Pergunta 45** – E como saber se a pessoa é ou não médium de cura?

**Resposta** – O universo sempre conspirará a seu favor, ou seja, ele será lembrado de seu comprometimento de alguma forma. Aqueles que vão, naturalmente, pelo Amor pouparão tempo. Assim, inconscientemente, todos sabem qual é o seu grau de comprometimento. E todos, também, serão levados para uma das diferentes técnicas, justamente para aquela que melhor se adapte, tenha ela símbolos ou não. Mas o importante é que ele se conscientize que deve ser sempre um doador desinteressado, para melhor saldar suas dívidas pretéritas.

**Pergunta 46** – Se a pessoa se comprometeu a doar energia e cobra por ela, o que acontece quando desencarna?

**Resposta** – É muito comum os “médiuns de cura” falharem. O egoísmo, o orgulho, a vaidade costumam comprometer uma encarnação. E aquele que cobra ao invés de doar sua energia, ao desencarnar tomará consciência que já recebeu na Terra o que estava previsto para ele no plano espiritual. Ou seja, tomará consciência de que sua dívida pretérita continua do mesmo tamanho, se não aumentou ainda mais.

Outros podem, devido à dor moral, que é muito mais sofrível que a dor física, entrar em um estado de sofrimento similar aos descritos por autores que escrevem sobre os *Vales dos Suicidas*. No fundo, cometeram também um “suicídio”, pois desperdiçaram mais uma encarnação retificadora. Porém, de uma forma ou outra foram instrumentos para outros Espíritos humanizados.

## Capítulo VII



### Perguntas diversas

**Pergunta 47** – Qual a melhor forma de se preparar para a sessão de REIKI?

**Resposta** – O ideal é sempre procurar ter um dia tranqüilo, evitando conflitos e intrigas. Fazer uma refeição leve, tomar bastante água e evitar o consumo de álcool e cigarro. Além disso, chegar alguns minutos antes do horário previsto e fazer um exercício básico de respiração e relaxamento, uns quinze minutos antes do início dos trabalhos. Se houver uma área verde no local onde a pessoa aplica REIKI, o exercício pode ser lá.

Respirar ar puro e de forma correta aumenta a quantidade de energia (*prâna*) e melhora a qualidade dos fluidos que a pessoa doará durante a sessão. Procure se sentar em uma posição confortável. Lembre-se que a respiração deve ser realizada sempre através das narinas e nunca pela boca. Esta costuma enfraquecer nosso organismo e pode causar a inflamação dos órgãos respiratórios, pois leva o ar frio diretamente para os pulmões.

Nesse exercício, porém, pratique a respiração abdominal, a respiração dos bebês. Alternadamente, inspire por uma narina e expire pela outra. Utilize o polegar e um outro dedo da mesma mão para fazer o exercício. Tampe sua narina direita e inspire pela esquerda. Segure a respiração pelo mesmo período de tempo que inspirou e, em seguida, feche com o dedo a narina esquerda e expire pela direita. Agora faça o inverso. Inspire pela narina direita, retenha o ar pelo mesmo período e o solte pela narina esquerda. Faça esse exercício por alguns minutos. Mantenha os olhos fechados e procure manter o pensamento elevado (pensamentos positivos ou preces) ou concentre-se no mecanismo da respiração para ir se desligando de outros compromissos cotidianos e ir se centrando no trabalho espiritual que realizará.

Faça sempre uma prece agradecendo pelo dia que teve, pelas provas que a Providência colocou em seu caminho para ajudá-lo em seu aperfeiçoamento intelectual e moral. Peça pela presença dos bons Espíritos para cooperar no trabalho caritativo e agradeça pela oportunidade de praticar o Bem.

**Pergunta 48** – Existe algum problema em aplicar o REIKI em hospitais, asilos, penitenciárias e locais similares a estes?

**Resposta** – O ideal para a aplicação de REIKI é ter uma sala específica. A frequência de aplicações em um único local facilita a organização da espiritualidade socorrista e esse local se transforma em uma “sala cirúrgica”. Infelizmente, nem sempre isso é possível e a pessoa de boa vontade que deseja ajudar costuma correr alguns riscos. O ambiente astral dos asilos, dos hospitais e de outros locais similares não costuma ser dos melhores. Além do sofrimento dos encarnados, o número de desencarnados nestes locais também é significativo. Há aqueles que lá se encontram sem saber que já não mais possuem um corpo físico, há aqueles que lá estão para se vingar ou para aumentar o sofrimento de alguma pessoa por quem nutrem ódio etc. A situação é muito delicada e complexa.

Um caso comum é o do praticante imbuído de boa vontade que entra de quarto em quarto para enviar energia para o enfermo. Aqui temos uma série de problemas. Raramente ele explica o que fará e não pede permissão ao enfermo. Isso faz com que este não fique aberto e receptivo a energia curativa. Mas pode também acontecer problemas mais graves. Se o enfermo estiver sob a vigilância de Espíritos obsessores, estes, possivelmente, não ficarão felizes com o “intruso” que foi ajudar sua vítima. Se este último não estiver vigilante e com a vibração alta e equilibrada, corre o sério risco de sair de lá também obsedado ou receber uma forte dose de energia negativa que o leve a passar o resto do dia vomitando e com dores de cabeça ou pelo corpo todo.

Quando enfatizamos a necessidade de se ter um local específico é porque a espiritualidade socorrista costuma ter um “serviço” para atendimento dos obsessores. O paciente que sofre o assédio extrafísico, ao ingressar na sala, será imediatamente desligado do obsessor. Este último costuma ser adormecido ou levado para sessões de esclarecimento em casas espiritualistas que realizam esse tipo de atendimento fraterno.

Outro risco é o do enfermo, caso este seja médium, incorporar alguma entidade durante a sessão. Este risco é praticamente zero na sala preparada para esse fim, mas pode acontecer em situações adversas.

Nesse sentido, o ideal seria que cada asilo, hospital, pronto-socorro tivesse uma sala para orações e para atendimentos com REIKI. Somente nesse local o atendimento seria realizado. Os pacientes que podem se locomover seriam levados até essa sala; os pacientes em coma ou em UTI, que não poderiam ser levados, receberiam REIKI a distância, com os atendentes, devidamente preparados, enviando energia daquela sala destinada para esse fim.

**Pergunta 49** – E o que deve ter nesta sala?

**Resposta** – A sala deve ter apenas as macas, um recipiente

com água (com a qual a equipe medica espiritual fará remédios) e, se possível, um abajur de cromoterapia. Velas, incensos, espelhos de Feng Shui, imagens de santos ou de “mestres ascensionados”, cristais etc. não são necessários. Esses objetos podem assustar e não ajudar o enfermo a relaxar, dependendo de sua formação religiosa.

**Pergunta 50** – Pode se aplicar REIKI junto com outras terapias complementares?

**Resposta** – Sim. Não há problemas em usar os florais de Bach, a aromaterapia, a acupuntura e outras técnicas junto com o REIKI. Porém, todos esses recursos são exteriores. Sem a mudança interior, nenhuma cura se concretiza.

**Pergunta 51** – Sem julgamento ou crítica, temos constatado que raros são os “terapeutas alternativos” que enfocam a importância da reforma interior para seus pacientes, seja por medo de vincular sua profissão com “religião”, seja por medo de perder um potencial “cliente”. Essa questão, inclusive, é levantada pelo médico alemão Rüdiger Dahlke, em seu livro “*A doença como caminho*”, quando afirma que, filosoficamente, a medicina acadêmica e a medicina alternativa caminham de mãos dadas. Ambas pensam a cura como algo vindo do exterior, mudando-se apenas o remédio. Na primeira, ministra-se remédios químicos e, na segunda, remédios “naturais”, mas evita-se falar na necessidade do paciente mudar sua forma de encarar a vida, seus pensamentos, sentimentos e atitudes. Não residiria aí o problema?

**Resposta** – É por isso que vemos, diariamente, pessoas indo de consultório em consultório, passando por muitas “alternativas” terapêuticas, mas sem nunca obter a cura. Achar que irão encontrar uma terapia miraculosa para seu problema, cuja origem é sempre espiritual. Ou seja, sem a mudança interior,

perdoando os inimigos, amando incondicionalmente etc., nenhuma cura irá se processar. Todas essas técnicas são instrumentos que Deus utiliza para curar aquele que possui merecimento para ser curado. Enquanto aquele Espírito humanizado escolher purificar-se através do dor, esta será necessária.

**Pergunta 52** – Os Espíritos que encarnam com a missão de ajudar a humanidade se caracterizam por seu total desapego aos bens materiais e pela dedicação amorosa e fraterna a causa que abraçaram antes de mais uma encarnação. Porém, nem sempre aquilo que estes Espíritos deixaram para a humanidade segue na mão de seus divulgadores o objetivo original. Por que o sagrado se profana com tanta rapidez?

**Resposta** – O criador de todas as ações é Deus. Cada Espírito humanizado auxilia na evolução da Terra, assumindo, mesmo inconscientemente, uma determinada missão. Se julgarmos o outro por estar agindo de forma errada, estaremos questionando Deus, pois Ele permitiu tal acontecimento. Por isso orientamos vocês a aplicarem o REIKI gratuitamente e com amor, mas nunca dissemos que se deve julgar e condenar quem cobra por isso. Em função do sentimento de cada Espírito, Deus cria as ações. Dessa forma, cobra quem precisa cobrar e paga quem merece pagar. Somos sempre instrumentos, conscientes ou não, da ação carmática que o outro deve vivenciar, e vice-versa.

O próprio Bach não se cansou de dizer que cada pessoa se encontra em um nível de aprimoramento espiritual diferente, o que relativiza as chamadas virtudes? Ou seja, se servir é uma virtude para um Espírito mais esclarecido e desapegado, para um outro pode ser algo inconcebível e distante da sua “realidade”, pois ainda se encontra muito preso aos valores do Ego, apegado aos bens terrestres e ao sucesso material. Quantas pessoas ávidas por dinheiro não acreditam que atuar com uma Terapia que utiliza

energias sutis é um caminho “fácil” para se “ganhar a vida” sem precisar passar pelos tortuosos e espinhosos estudos e avaliações que envolvem a medicina oficial? Mas pensar assim não é “certo” ou “errado”. É apenas mais uma prova.

Porém, gradativamente, tais terapias estão sendo conhecidas e respeitadas. Chegará a hora certa para o charlatanismo ser derrotado e toda a sua dimensão sagrada e espiritual se revelar aos olhares descrentes. Mas, se ainda existe charlatanismo nesse meio, é porque ainda existem Espíritos que precisem desse tipo de provação.

**Pergunta 53** – Como podemos compreender o papel das doenças para o Espírito em prova na Terra? E por que algumas pessoas são eletivas para tratamentos energéticos e outras não?

**Resposta** – Como afirmam todas as doutrinas, mesmo que através de palavras distintas, o Espírito encarna para aprender a transformar os desejos do Ego (nossa personalidade provisória) em amor ao próximo, o individualismo em universalismo, passar por experiências (as vicissitudes) nas quais possamos provar a nós mesmos que somos capazes de viver em harmonia com os ditames de nossa alma eterna, ou com equanimidade, não importando o que aconteça. Quando isso não ocorre, Deus providencia as enfermidades (físicas, mentais, emocionais etc.) como sinal de que necessitamos nos transformar interiormente, lembrar que Ele é o nosso Pai.

É por isso que nenhuma cura vem do exterior. A cura sempre depende do próprio enfermo. Mas não falamos somente de cura física, que para vocês é a ausência dos sintomas da doença, mas falamos do aprendizado espiritual que leva a uma mudança interior, o que chamamos, rotineiramente, de “reforma íntima”.

As doenças, nesse sentido, têm uma natureza benéfica. E o bom médico é aquele que também assiste espiritualmente



o enfermo, ajudando-o a compreender quais atitudes ele necessita abandonar e quais ele necessita abraçar em sua jornada de crescimento, exercitando o perdão, a benevolência e o amor incondicional. Sem essa transformação interior, nenhuma cura real se processará.

Agora podemos responder a segunda questão. Qual é o papel dos remédios florais, do REIKI, do Passe, da Cromoterapia? Eles curam? Na verdade não. Eles são apenas vivificantes. Ou seja, sua vibração ajuda no processo de recuperação do enfermo, elevando sua vibração e, conseqüentemente, eliminando energias negativas presentes em seu corpo astral (perispírito). Porém, se o enfermo não muda seus pensamentos e sentimentos equivocados, em pouco tempo estará “sujo” novamente. Em linhas gerais, todas as terapias vibracionais obedecem a Lei do Carma e do merecimento e, portanto, não fazem milagres.

Assim, com o enfermo recebendo uma dose de vibrações eletromagnéticas positivas, seja por meio da cor, do som, da bioenergia de um reikiano ou pela energia sutil de flores, o enfermo estará sendo auxiliado, mas deverá se comprometer com sua própria cura, realizando sua reformulação interior se quiser, de fato, se ver livre daquela enfermidade que lhe traz sofrimento e dor.

Quando cada um se conscientizar que a cura está tão próxima, dentro dele mesmo e que, do exterior, encontrará, no máximo, um auxílio para retomar o seu caminho, todos serão mais saudáveis.

A reforma íntima é um caminho que ninguém está autorizado ou pode percorrer pelo outro. A própria pessoa é que tem capacidade para percorrê-lo. É por isso que cada um possui sua Cruz, adequada em peso e tamanho, para a trilha que necessita percorrer.

**Pergunta 54** – Já ouvimos, em Centros Espíritas, palestrantes famosos afirmando que as terapias alternativas como os Florais, o REIKI, a Cromoterapia, entre outras, são “coisas” de médiuns fascinados. Isso é verdade?

**Resposta** – Pode até ser que, pela forma como algumas dessas terapias são difundidas, haja, de fato, muitos médiuns fascinados e obsediados, mas, se buscarmos suas essências espirituais, vamos perceber que elas apontam sempre para o verdadeiro e único caminho possível para se obter a cura: o aprimoramento espiritual através da reforma íntima.

Sem falar que, com certeza, todas elas possuem o amparo da espiritualidade socorrista quando praticadas com ideal crístico (universalista) e caritativo (amor incondicional).

**Pergunta 55** – Se as enfermidades nascem da alma, é possível fazer uma correlação entre a doença e a atitude moral (sentimento) correspondente?

**Resposta** – Como há sempre muitas causas envolvidas, pois a enfermidade é uma trama complexa na qual entra os *carmas* de vidas passadas e as imprudências da vida atual (não viver com equanimidade as vicissitudes da vida), não é possível estabelecer uma correlação definitiva, mas, no quadro abaixo, apresentamos um esquema que pode ser utilizado como Hipótese de trabalho e nunca como tabela para diagnóstico. Ele pode ser utilizado para orientar a consulta ou a triagem das pessoas que procuram por atendimento.

O objetivo desse quadro é levar a pessoa a se autoco-nhecer e refletir se ela vivencia tais sentimentos e atitudes em sua vida diária. Em caso afirmativo, ela deve buscar ajuda de um profissional qualificado para superá-los.

**Abscesso** – emoções reprimidas por medo, culpa, paternalismo, repressão social etc. Na região genital (emoções sexuais e afetivas), pulmões/coração (sensações afetivas sublimadas), na

cabeça (espiritualidade sublimada). Sentimento de culpa ou inveja.

**Acnes** – timidez exagerada, medo de ser descoberto (traição, segredos que não deveriam ser revelados, etc.). Espinhas: energia sexual reprimida.

**Afonia** (engolir em seco, engolir sapos) – não dizer o que pensa para não receber represálias. Forma de sufocar palavras, opiniões e até palavras que gostaria de dizer, mas não pode, por alguma razão. Repressão por motivos religiosos, educativos, familiares etc.

**Alergia** – necessidade de se defender do meio em que vive (família, trabalho, escola etc.), tensão e infelicidade, rejeição de ajuda externa.

**Amnésia** – perda de interesse pela vida, desânimo.

**Anemia** – medos e receios conduzindo para uma diminuição do prazer, da alegria. Cansaço, angústia sexual ou afetiva, mudança ideológica ou paradigmática (processo de derrelição). A anemia pode representar a necessidade de mudanças no campo afetivo, econômico, ideológico etc.

**Arteriosclerose** – ciúme, inveja (dor de cotovelo), possessividade.

**Asma** – autodesaprovação, superproteção dos pais, medo, insegurança, sufocamento dos desejos e paixões, medo de entrar em contato com suas próprias necessidades e desejos para não contrariar as pessoas com quem convive, conservadorismo, rigidez. O mesmo vale para bronquite.

**Bursite** – necessidade de carregar os outros nos ombros, sentir-se responsável pela felicidade alheia. Necessidade de agradar a todos.

**Câncer** – estagnação da energia vital. Deve-se relacionar com o órgão atingido. Ausência de resignação (lembrar que resignação não é conformismo, mas compreensão do problema e respectiva aceitação ativa – felicidade incondicional – das provas ou expiações), depressão, conformismo.

**Ciático** – nervo sexual por excelência. Sexualidade contida ou mal conduzida. Sublimação negativa do sexo (repressão sexual).

**Colesterol** – mágoa, amargura e tristeza não superada.

**Coração** – hiperatividade, perfeccionismo, falso otimismo, pouca imaginação, Ego narcísico. Dificuldade para controlar as emoções que sente. Costuma preceder um infarto as situações de humilhação ou desonra.

**Dismenorreia** (menstruação dolorosa) – não conseguir soltar as tensões e a raiva acumulada no dia-a-dia. Sentimentos de culpa, ressentimento ou ciúme. Repressão sexual por motivos religiosos ou culturais.

**Esclerose** – perfeccionismo com os outros e auto-indulgência.

**Estômago** – dificuldade em aceitar e digerir as próprias emoções ou relacionadas a outras pessoas. Aceitam tudo, mas perdoam pouco. Possessividade, perfeccionismo em relação aos outros (falta doçura, ternura e carinho nas opiniões sobre os erros de outras pessoas). Inveja.

**Fadiga** – falta de amor à atividade exercida, dificuldades afetivas.

**Fígado** – defesa das posses materiais ou psicológicas, tendência às explosões emocionais, autocrítica, auto-rejeição, emoções instintuais exacerbadas (sexo, alimento, excesso de preocupação com a sobrevivência material).

**Garganta** – sufocamento das emoções e vontades por medo de represálias. “Nós na garganta”: emoções sufocadas ou reprimidas. Engolir a raiva, as opiniões, os desejos.

**Impotência** – falta de confiança, auto-rejeição, dificuldades econômicas ou profissionais.

**Miomas** – sexualidade confusa, medo exagerado da maternidade, sufocamento de fantasias e desejos sexuais.

**Vícios** (álcool, cigarro, drogas etc.) – em geral relaciona-se com o vazio interior, não encontrar sentido para a vida. Insegurança, auto-rejeição.

**Pergunta 56** – Recentemente a espiritualidade nos sugeriu a leitura de um livro sobre Cura Prânica. Quais são as técnicas da Cura prânica que seriam úteis ao reikiano?

**Resposta** – Entre elas, podemos destacar:

- a – Os movimentos da mão em sentido horário favorece a absorção de prâna pelo organismo da pessoa enferma.
- b – Os movimentos da mão em sentido anti-horário favorece a remoção de energia estagnada do organismo da pessoa enferma.
- c – A varredura (passar a mão sobre a aura do enfermo antes de iniciar o processo de energização) tem duas funções:
  - c.1 – A varredura de cima para baixo causa sonolência na pessoa. Ajuda em pacientes hiperativos.
  - c. 2 – A varredura de baixo para cima ajuda a pessoa a se reanimar. Ajuda, no término da sessão, para que a pessoa volte ao estado de vigília.
- d – Pontos do corpo físico que transmitem calor estão com excesso de energia. O reikiniano deverá ficar com as mãos nesses locais até o calor diminuir.
- e – Pontos do corpo físico que se encontram gelados estão com falta de energia. O reikiniano deverá ficar com as mãos nesses locais até o frio passar.
- f – Limpeza após a sessão: sempre tomar banho, fazer um lanche leve, ter contato com a natureza, realizar uma prece de agradecimento. Lembrando que a prece nunca deve ser realizada com orações decoradas. Deve ser feita com humildade, sinceridade, reverência e concentração.

**Pergunta 57** – Muitas vezes, a espiritualidade sugere o uso de aromas na sala de REIKI. Essa prática teria alguma utilidade no tratamento ou apenas serve para aromatizar o ambiente?

**Resposta** – A aromaterapia se baseia no uso de aromas naturais que interagem com o nosso organismo, estimulando ou inibindo certas áreas da região cerebral. Apesar de não curar, a aromaterapia facilita a cura de certas enfermidades quando associada com outras técnicas.

Ela pode, assim, ser utilizada em conjunto com o REIKI. A melhor água é a fluidificada, mas pode ser utilizada água comum.

Utilize os aromas com parcimônia. Não é necessário que o paciente saiba qual é o aroma. O *rechaut* ideal é o de pedra sabão ou com prato de vidro. Outros acumulam fuligem no fundo ou trincam facilmente. A fuligem acumulada prejudica a saúde.

Os incensos devem ser evitados devido ao carvão. O ideal é sempre usar essências. Duas ou mais essências podem ser utilizadas em conjunto.

O *rechaut* deve ser lavado antes de um novo uso.

Algumas essências e sua atuação:

**ALFAZEMA** - contra alergia.

**ALGAS** - inibidor do apetite sexual.

**BENJOIM** - auxilia como estimulante nervoso.

**ERVA-DOCE** - age no sistema respiratório e no nervoso.

**ERVA-RAIZ** - expectorante. Age no sistema respiratório.

**FRUTAS VERDES** - calmante e relaxante.

**GARDÊNIA** - relaxa o sistema nervoso.

**GIRASSOL** - problemas pulmonares.

**HORTELÃ** - tratamento do estômago, gastrite e úlcera.

**IMANACÁ** - artrite e artrose.

**JASMIM** - problemas circulatórios.

**LAVANDA** - problemas respiratórios.

**LARANJA** - estimula a clarividência.

**MAÇÃ-VERDE** - aumenta a energia sexual.

**MADEIRA** - aumenta a sensibilidade emocional.

**MANJERONA** - facilita a circulação.

**MENTA** - atua na bexiga e no esôfago.

**MUSGO-SELVAGEM** - enfermidades nos olhos (catarata, miopia etc.).

**PÊSSEGO** - atua nos rins, intestinos e fígado.

**PINHO** - atua sobre a garganta e no nariz.

**RAÍZES** - estimulante.

**ROSA BRANCA** - atua no fígado.

**SÂNDALO/LÓTUS** - anti-estresse. Estimulante.

**SAY-FLORA** - atua nos rins.

**VETIVER** - relaxante. Em excesso, causa sonolência em demasia.

**Pergunta 58** – Hoje em dia, a maioria das casas que trabalham com o REIKI cobram. Pouquíssimas realizam o trabalho como o da ONG. O que acontece com as casas que cobram para aplicar REIKI? O paciente não é auxiliado?

**Resposta** – Em primeiro lugar quem disse que são poucas casas que fazem REIKI de graça? Não se sintam orgulhosos. Há muitos locais fazendo um trabalho caritativo com o REIKI, e sem alarde.

Em relação à pergunta, tudo dependerá do grau de

compreensão da pessoa e do seu merecimento, tanto do reikiano como do paciente. Por exemplo, aquele que fez o curso de REIKI e aprendeu que deve cobrar, está seguindo uma orientação que lhe foi transmitida. O seu mestre é muito mais culpado do que ele. O mestre é o responsável pelo que o seu discípulo faz. Se este erra, a culpa é do primeiro.

Se o fiel que procura a igreja cujo pastor só esta preocupado em arrecadar dinheiro é auxiliado pela espiritualidade socorrista, no REIKI não poderia ser diferente. Se o paciente pagou ou não, não importará. Se ele tiver merecimento, terá o auxílio necessário. O problema está para o reikiano, pois não saldou parte de sua dívida anterior. Não poderá cobrar depois, pois já recebeu o que lhe era de direito.

**Pergunta 59** – O envolvimento da espiritualidade nos tratamentos com o REIKI é um assunto polêmico. Quando lançamos o nosso primeiro livro sobre o tema uma livraria esotérica encomendou 50 exemplares do livro. Em seguida, todos foram devolvidos com o argumento de que não se tratava de um livro sobre REIKI, mas que era um livro “espírita”. Ao mesmo tempo, as distribuidoras de livros espíritas não quiseram comercializá-lo, argumentando que o REIKI é um “elemento estranho” ao espiritismo. Como pensar esse paradoxo?

**Resposta** – É um exemplo do grau de compreensão em que se encontra a humanidade. Kardec afirmou que espírita é aquele que acredita na manifestação dos Espíritos. Os esotéricos também acreditam e, nesse aspecto, eles também são espíritas. O problema é a indústria Nova Era que não aceita nada gratuitamente. Ela vive do comércio espiritual. O livro traz uma mentalidade nova, que causa um choque e fere seus interesses.

Como a mentalidade humana (Ego) é dualista, fragmentando o mundo em “certo” e “errado” e como cada escola espiritualista também é fruto do Ego, cada uma quer dominar o seu pedacinho, não aceitando nada que possa sair de seu controle.



É o medo ao novo que leva, inevitavelmente, ao fanatismo.

Pessoas de mente universalista, acima das picuinhas doutrinárias, compreenderão o livro e outras não. Cada coisa em seu tempo. Se o livro não chega até o leitor por uma via, procurem uma outra. Usem a *internet* para divulgá-lo.

**Pergunta 60** – Voltando ao REIKI, quais são os cuidados que se devem ter antes, durante e após cada sessão?

**Resposta** – Antes de cada sessão é importante se concentrar por alguns minutos, relaxar e fazer uma prece pedindo a presença e a proteção da espiritualidade médica que trabalha na casa. Pode-se deixar um copo de água para o atendente e para o paciente beber após a sessão.

Durante a sessão, o mais importante é manter o pensamento elevado e a concentração mental. Daí ser inadequado trabalhar em locais onde as pessoas ficam conversando ou vendo TV. Algumas pessoas conseguem até fumar<sup>10</sup> enquanto enviam energia.

É importante permanecer concentrado e com o pensamento elevado para melhorar a qualidade e a intensidade da energia enviada para o paciente. Muitas pessoas se preocupam em desenhar corretamente o símbolo e depois ficam todo o tempo contando os minutos que faltam para acabar a sessão, ou pensando em problemas cotidianos. Essa não é a atitude adequada para auxiliar a espiritualidade em uma sessão de REIKI.

Após a sessão, tanto o terapeuta quanto o paciente podem, mentalmente, fazer uma prece de agradecimento e tomar a água.

---

<sup>10</sup> Aqui cabe uma nota feita por um Preto-Velho. O desencarnado que usa essa postura para se manifestar não fuma. O Espírito não tem necessidade de cigarro, cachimbo etc., porém, sabe manipular a energia contida naquele elemento material que enxergamos como cigarro. O mesmo não acontece com o encarnado. Assim, as baforadas de um Espírito de luz em um cachimbo ou charuto servem para destruir miasmas e outras sujeiras etéricas no corpo físico do consulente, o que não acontece quando o mesmo objeto é utilizado por um encarnado cuja prova pode ser vencer o vício.

O atendente deve deixar um intervalo de aproximadamente quinze minutos entre uma sessão e outra. E, sempre que possível, entrar em contato com a natureza para absorver saudáveis glóbulos de vitalidade e fazer um lanche leve. Além disso, no dia de atendimento, evitar se alimentar com carne e se abster do consumo de cigarro e bebidas alcoólicas.

**Pergunta 61** – Se tudo isso é necessário, então o reikiano não é um simples canal para a energia cósmica?

**Resposta** – Não adianta a água ser limpa se o cano por onde ela circulará se mantiver sujo, contaminado. A sujeira do cano poluirá a água. E se apenas a energia cósmica fosse necessária no socorro, a espiritualidade não necessitaria do auxílio dos encarnados. É preciso a energia vital dos encarnados, do ectoplasma. Sem este não há como auxiliar os enfermos. É claro que, quanto mais amor envolvido no ato, mais energia cósmica e apoio espiritual o reikiano vai receber. Porém, é a energia que hoje vocês chamam de energia zô que nós precisamos para fazer remédios e os instrumentos utilizados durante a sessão.

**Pergunta 62** – É importante nos cursos enfatizar que o trabalho principal é feito pela espiritualidade socorrista? Que o atendente é apenas um instrumento doador de ectoplasma? Falar em reencarnação? Isso não pode afastar a pessoa que tem medo de Espírito? Alguns reikianos afirmam que nem tudo o paciente deve saber, caso contrário diminuiria o número de pessoas procurando auxílio.

**Resposta** – A pessoa que tem medo de Espíritos tem medo dela mesma. Todos nós somos Espíritos, só que uns estão encarnados e outros são incorpóreos. Se a preocupação de vocês for ganhar dinheiro ensinando o REIKI, então omitam a existência dos Espíritos, falem que o REIKI cura todos os problemas, inclusive os morais e cármicos. Porém, se vocês querem saldar suas dívidas, querem ajudar o mundo a se tornar

mais esclarecido, regenerado, se desejam purificar sua alma eterna, ensinem o que sabem. Falem da reforma íntima, sem a qual nenhuma cura acontece.

Assim, não importa se vocês terão cem ou cinco alunos. O mais importante é a qualidade do que se ensina.

E as pessoas que falam que se deve omitir a verdade, será que falam isso porque querem ajudar o próximo, ou será que estão com medo de perder um cliente? Vocês não devem se esquecer que, quanto maior o conhecimento, maior a responsabilidade. Se você já tem certeza que o REIKI é um trabalho espiritual e mesmo assim omite tal informação, com a justificativa de estar ajudando a pessoa, analise, realmente, o seu verdadeiro interesse. Muitas escolas iniciáticas só ensinavam os mistérios da reencarnação para os discípulos mais evoluídos, pois uma verdade mal ensinada pode causar mais mal do que bem. Por isso, omitir certas informações pode ser útil, em alguns casos. Mas omitir não é mentir. E se a omissão for por interesses comerciais, as conseqüências serão ainda mais graves. Existem reikianos que enxergam a ação dos Espíritos, pois são videntes, e mesmo assim ensinam que não há a participação dos Espíritos, e que a energia é inteligente e capaz de curar, de forma milagrosa, todas as doenças. Mas por que o Ego dele faz isso? Para ser instrumento para a prova de alguém; para ver se vamos amá-lo assim mesmo ou se vamos criticá-lo e julgá-lo.

**Pergunta 63** – Então o Reiki não faz milagres, como muitos apregoam? Sem a transformação interior ele é ineficaz?

**Resposta** – Com certeza. Tanto o paciente necessita se conscientizar da realidade espiritual, assumindo sua obrigação de se transformar interiormente para merecer a cura, como o atendente para emitir fluidos cada vez mais salutares. O reikiano não cura ninguém, e nem mesmo a espiritualidade. É o enfermo que faz por merecer a cura. A espiritualidade sabe, com a permissão de Deus, como tirar o câncer do pulmão de um

fumante inveterado, mas se, em um passe de mágica, o câncer for retirado, tal pessoa aprenderá que o cigarro é nocivo? Se ele precisa aprender pela Dor, será pela Dor que aprenderá. Por isso procurem sempre enxugar o carma de vocês com o Amor, com a mudança de atitudes, de pensamentos e de sentimentos, e com a doação desinteressada de energia. Mas nunca prometam a cura, para nenhuma enfermidade.

**Pergunta 64** – Uma dúvida que sempre surge quando se ensina o REIKI está na divisão dos diferentes corpos sutis. Devemos seguir a tradição oriental que trabalha com a divisão em sete corpos ou com a divisão trina de Kardec em corpo físico, perispírito e Espírito?

**Resposta** – Depende do público. Ambos os sistemas são corretos. Mostrem os dois sistemas. Um não é, necessariamente, contrário ao outro. Eles não são excludentes. Se for um público majoritariamente kardecista, fale apenas dos três corpos, não entrem em polêmica estéril. E se for um público que possui noções mais amplas sobre os corpos sutis, pode falar na divisão oriental em sete.

Os dois sistemas são corretos, tudo depende do ponto de vista do observador. E esta informação não fará diferença para o atendimento do paciente necessitado de energia. Este não se importa se o seu corpo fluídico será chamado de perispírito ou de corpo astral. Aliás, muitos pacientes estão mais preocupados com problemas do corpo físico. Eles precisam ser despertados para a realidade dos corpos mais sutis, que também são ilusórios, uma vez que o único que é eterno é o próprio Espírito, que para vocês não passa de um brilho, um clarão.

**Pergunta 65** – Sabemos que, em muitos casos, o paciente adormece e seu corpo astral (perispírito) é levado para tratamento em hospitais do plano espiritual. Quais são os tipos de tratamento que acontecem nesses casos.

**Resposta** – O tratamento será realizado em função da Fé e do Merecimento de cada paciente, sem ferir a Lei do Carma. Os tratamentos são tanto de ordem física como espiritual. Em relação a estes, é importante vocês estudarem a Apometria e as enfermidades diagnosticadas pelo Dr. Lacerda. Sua obra sintetiza as enfermidades espirituais que costumam ser tratadas em uma sessão de REIKI. A diferença é que, como vocês não são treinados, nem todos conseguem se desdobrar e acompanhar o tratamento realizado pela espiritualidade. Às vezes ocorre o desdobramento do atendente, mas poucos são os que conseguem se lembrar do que aconteceu ou o encaminhamento dado pela espiritualidade.

Comentário:

O Dr. Lacerda, eminente médico espiritista, foi o criador do termo Apometria. Ele descreve em suas obras onze distúrbios espirituais. Neste livro, apenas citaremos os nomes dos distúrbios. Em breve, estará à disposição do leitor, gratuitamente, em nosso site, a descrição de cada um deles, conforme o Dr. Lacerda os estudou e os classificou: indução espiritual, obsessão espiritual, simbiose, parasitismo, estigmas cármicos não obsessivos, síndrome dos aparelhos parasitas no corpo astral, síndrome da mediunidade reprimida, arquepadias, goécia, síndrome da ressonância vibratória com o passado e correntes mentais parasitas auto-induzidas.

**Pergunta 66** – Já tivemos pacientes descrevendo lugares belíssimos durante a sessão. Outros narram que viram uma cachoeira e que sentiam os pés na água. Isso seria real ou fruto da imaginação?

**Resposta** – Trata-se de uma realidade ilusória. Assim como o mundo material é ilusório, as criações espirituais no astral como colônias e umbrais também são ilusórias. O que não quer dizer que não sejam reais. Tudo que passa pela consciência é criação do

Ego, ou seja, da mente. Durante o desdobramento, algumas experiências vividas pelo Espírito podem chegar ao consciente como sendo locais com cachoeira e outros elementos da natureza para se repor as energias. Tudo depende da provação do Espírito. Por isso alguns se “lembram” do que aconteceu durante todo ou parte do tratamento e outros não.

**Pergunta 67** – E as sensações de agulhadas em várias partes do corpo que muitos pacientes descrevem. O que seria isso?

**Resposta** – É a mesma coisa. A espiritualidade utiliza diferentes técnicas para tratar os pacientes. Cada corrente espiritual possui uma técnica própria. As correntes orientais gostam de utilizar a acupuntura durante o REIKI. É claro que não são agulhas como as da Terra. São agulhas fluídicas colocadas no perispírito do paciente através do pensamento. Às vezes, o tratamento utiliza técnicas de massagem e até Do-In. Mas tudo isso também é realidade ilusória. Deus diz “faça” e a coisa acontece. Os encarnados e os desencarnados são instrumentos de Deus, a causa primária de todas as coisas.

**Pergunta 68** – E existe alguma vantagem ou mesmo desvantagem do REIKI em relação ao passe espírita?

**Resposta** – A desvantagem está na mistificação. Todas as histórias mistificadoras que assolam o REIKI, os vários graus de médiuns fascinados por histórias de extraterrestres que transmitem símbolos “sagrados” que devem ser mantidos em segredo, como se o símbolo fosse a coisa mais importante e não a mente e a vontade de ajudar; o charlatanismo, as falsas promessas de cura de toda e qualquer doença, como se ela não fosse necessária para a prova do Espírito encarnado etc. Todas essas mentiras e mistificações formam o joio que deve ser arrancado, porém, gradativamente e sem críticas ou julgamentos.

Mas há, também, inúmeras vantagens, sobretudo, no

procedimento junto ao paciente. Este paciente recebe energia com hora marcada e a sessão não é de apenas três minutos. O tratamento é muito mais completo do que em um simples passe, pois este visa apenas harmonizar a pessoa. O que não significa que muitas casas espíritas ou centros de umbanda não façam os “passes de cura”, que são mais longos e voltados para tratamentos mais complexos, como os que a espiritualidade realiza durante o REIKI.

No REIKI também não há preconceitos doutrinários que impeçam o atendente de colocar uma música relaxante no fundo, usar essências aromáticas que ajudam no tratamento. Toda essa ambiência criada para a sessão de REIKI é importante, pois os meios, apesar de ilusórios, ajudam no relaxamento do paciente. Mas é importante não se esquecer que nenhuma técnica transgredir a Lei do carma e do merecimento. Será encaminhado por Deus para o REIKI aquele que necessitar dele e será encaminhado para o passe aquele que necessitar desse outro procedimento. Da mesma forma para o *Johrey* ou para a Cura prânica.

**Pergunta 69** – E em relação à polêmica de tocar ou não no paciente? Nos cursos de orientação mediúnicamente os passistas aprendem que não se deve tocar, de forma alguma, no paciente. O REIKI, por sua vez, costuma ser feito através do toque. Há problemas em se tocar o paciente?

**Resposta** – Esta polêmica ressalta as diferenças de mentalidade (Ego) entre o Ocidente e o Oriente, entre a visão de mundo ocidental-cristã e a oriental. Existe muito pavor e incompreensão em relação ao corpo físico aqui no Ocidente. A nossa visão de mundo é dicotômica. Desde a Antiguidade se separa, radicalmente, Espírito e Corpo. Na verdade, parece que há uma guerra Espírito X Corpo. Em alguns momentos da história ocidental se valoriza o Corpo em detrimento do Espírito. Em outros, o contrário. Falta para nós a visão integrativa oriental.

No Oriente, suas práticas espirituais e mesmo profanas buscam sempre o equilíbrio físico, mental, emocional e espiritual. Não se concebe uma coisa dissociada da outra. Além disso, a massagem ou o toque não tem a conotação pejorativa e sexualizada que tem no Ocidente. O ato de tocar, de massagear é visto com naturalidade no Oriente. Aqui vocês levam tudo para o campo da sexualidade, devido à própria formação cultural e sexual do homem ocidental. Aqui, onde a maioria das religiões cristãs trata o sexo como Tabu, vocês são bombardeados por propagandas e programas de TV que vivem da exploração de um erotismo desenfreado. O homem ocidental vive angustiado pelo medo do pecado, de um lado, e pelo erotismo exacerbado, de outro. Nada disso é “errado”, apenas cenário para a prova dos Espíritos que encarnam nesse lado do planeta.

Sem segundas intenções, seria possível aplicar REIKI e fazer massagem<sup>11</sup> ao mesmo tempo, principalmente, nos pés. Mas o atendente necessita ter um autocontrole, dominando seus instintos inferiores.

O único momento em que não se deve tocar no paciente é quando, o que é raro, ocorre uma “incorporação”. Se a sala é preparada para o trabalho e é protegida pela espiritualidade, raramente isso acontecerá. Mas é preciso lembrar que se o paciente for um médium e estiver sob forte ação obsessiva, é necessário mandar energia sem tocar na pessoa e fazer muita prece para a espiritualidade adormecer e levar para esclarecimento aquele irmão obsessor.

Vocês devem sempre se lembrar que na hora do tratamento, seja com o REIKI ou com o passe, o momento não é para desenvolvimento mediúnic e nem para doutrinação.

---

<sup>11</sup> Com a espiritualidade oriental aprendemos algumas manobras simples que podem ser feitas nos pés, nas orelhas e até nas faces do paciente, desbloqueando energia estagnada no corpo físico e tensões musculares.



**Pergunta 70** – E por que alguns pacientes incorporam durante o REIKI?

**Resposta** – Esse processo deve ser evitado e nunca estimulado. Quando o local onde a sessão estiver acontecendo for protegido pela espiritualidade superior, esse risco é quase nulo. Se o paciente vem para a sessão acompanhado por irmãos desencarnados que necessitam de auxílio, estes são retirados e levados para esclarecimentos ou socorro na própria casa, em sua dimensão astral, ou em uma outra casa espiritualista, kardecista ou de umbanda, conforme o grau de compreensão do Espírito.

Porém, quando o local não possui a proteção necessária ou quando a sessão é feita na casa do próprio enfermo e, principalmente, em locais de baixa vibração como bares, boates e locais similares, o risco de acontecer uma manifestação mediúnica é maior, obviamente, se o paciente for médium sem estudo.

É preciso esclarecer que, em alguns casos, o paciente pode possuir um obsessor que o acompanha por muitas encarnações. Eles se revezam continuamente. Ora um é o obsessor, ora o outro. E este ciclo de ódio pode se arrastar por muitas encarnações, enquanto não houver o perdão. Eles são tão unidos que se retirarmos o obsessor, o paciente pode até desencarnar. Assim, ambos necessitam entrar juntos na sala. Nesse caso, por exemplo, não há como evitar a presença do obsessor durante a sessão. Daí a importância de um cuidado maior do atendente, elevando sempre o pensamento, procurando manter seu padrão vibratório elevado para facilitar o socorro a ambos.

**Pergunta 71** – Foi comentado que o REIKI não cura, e que sem o Merecimento do paciente, nada é possível. E como explicar a cura de animais?

**Resposta** – Nossos irmãos menores, os animais, não estão submetidos à Lei do carma, não, pelo menos, como acontece com os seres humanos. Eles não têm ainda o livre-arbítrio, logo não colhem no presente o que semearam no passado. Ou seja,

os frutos de suas atitudes egoístas em encarnações passadas.

Os animais não reencarnam com toxinas perispirituais para serem drenadas para o corpo físico. Porém, sofrem os efeitos da vida “selvagem” da Terra ou das imprudências dos seres humanos sobre o meio ambiente, por exemplo. É por isso que também ficam doentes.

E nem todas as doenças que os seres humanos possuem são “cármicas”, no sentido das expiações de vidas passadas. Muitas são causadas pelas imprudências na vida atual. Ou seja, pela falta de amor nas situações vivenciadas.

O importante, porém, é ressaltar que nossos irmãos menores não precisam da Fé e nem do Merecimento. Eles não bloqueiam a energia, como uma pessoa sem Fé. Lembremos que Fé não é ter, necessariamente, uma religião, mas estar aberta, receptiva ao tratamento vibracional. É por isso que sempre enfatizamos que não é falta de caridade deixar de atender uma pessoa que não acredita no REIKI. Não é comum alguém que passa pela sessão dizer que seria bom o marido ou o filho participar, mas que não acreditam, acham que tudo é bobagem? Pois bem, uma pessoa assim, cria uma capa energética em volta de seu corpo, similar a uma armadura. Nem Jesus seria capaz de atravessar essa barreira com seus fluidos puros e salutares. Isso é o livre-arbítrio. Tal pessoa não iria sentir nenhuma melhora e seria mais um difamador do trabalho.

Por isso, se a pessoa não procura a ajuda ou não esta receptiva, preocupem-se com aqueles que já estão prontos para serem tratados pelas técnicas mais sutis, vibracionais e não invasivas como são, ainda, as da medicina da Terra.

Voltando ao caso dos animais, quando através do REIKI acontece uma cura, isto também é uma prova. Vocês vão acreditar que foi realmente o REIKI que curou o cachorrinho ou vão acreditar que foi Deus, a causa primária de todas as coisas? Se acreditar na primeira opção, criaram um novo “bezerro de ouro” e se esqueceram de amar a Deus acima de todas as coisas.

**Pergunta 72** – Para encerrar nossas perguntas, gostaríamos que a espiritualidade comentasse um pouco mais sobre o papel do “mestre” de REIKI, sobre a sua função nesse processo todo, uma vez que não há a necessidade de rituais ou “sintonizações”?

**Resposta** – O mestre tem um grande papel, sobretudo moral. Você é responsável por tudo o que ensina aos outros. As atitudes que seus alunos tiverem, baseadas no que foi ensinado para eles, são de responsabilidade de quem ensinou. É por isso que a missão do professor, seja qual for o nível, é de muita responsabilidade. Os escritores também se encontram nessa categoria. Um livro difamatório, que difunde valores individualistas, que prega preconceitos etc. vai gerar *carma* ao escritor. Não pelo o que ele escreveu, mas pelo sentimento que ali foi colocado. Na essência do ato está o sentimento. É ele que mede nosso grau de evolução espiritual.

O mestre de REIKI, entendendo aqui como professor de REIKI, porque Mestre só temos um, que é Jesus, deve estimular o uso correto da energia, sem mistificação, sem charlatanismo, através da bondade e do amor incondicional. Como se pode falar em amor incondicional cobrando pela sessão? Esperando algum retorno material ou mesmo espiritual?

Dizer que existe uma energia específica no Universo que é acessada apenas por quem foi sintonizado no REIKI, ou seja, pagou para participar de um ritual, é charlatanismo. Então Jesus não teria tido acesso a essa energia? Ele que não usava nenhum símbolo milagroso, apenas sua vontade e força mental?

Não existe sintonização nenhuma. A pessoa só precisa saber como se preparar antes, durante e após a sessão para não se desgastar; deve se preocupar com o local onde a sessão acontecerá, e procurar sempre aumentar seu padrão vibratório e contato com a espiritualidade superior através de sua própria reforma íntima.

O verdadeiro mestre de REIKI ensina através do exemplo,  
através da humildade e da resignação.

# TERCEIRA PARTE

## Capítulo VIII



### ***O REIKI e o Pensamento Universalista***

*O Espírito diligente e sábio entrega-se a uma vida de renúncia a todos os tesouros transitórios da matéria e devota-se incondicionalmente ao culto do Amor ao próximo, a fim de mais cedo transladar-se para o mundo angélico, que será sua definitiva morada.*

Ramatís

*A medicina do futuro terá de ser eminentemente espiritual, sem razões da febre maldita do ouro; os apóstolos dessas realidades grandiosas não tardarão a surgir nos horizontes acadêmicos do mundo, testemunhando o novo ciclo evolutivo da humanidade.*

Emmanuel

Nenhum dos sistemas REIKI tem qualquer ligação com religião, crença ou doutrina religiosa... Porém, a direção que o praticante lhes dá é que os tornam portadores de bênçãos ou desditas para o reikiano. Aqueles que utilizam o REIKI com consciência crística encontram nele uma maneira de saldar compromissos de recomposição do passado e servem com segurança e desprendimento, sem se importar com o turbilhão da vida hodierna.

Somente por meio da caridade, entendendo ela como sendo a benevolência, a indulgência e o perdão, o REIKI pode se tornar um trabalho edificante e libertador. A força espiritual e fraterna que emana do REIKI o faz vibrar de forma uníssona e não ortodoxa, atraindo pessoas já afinadas com a consciência crística e universalista do Terceiro Milênio. Se assim não o fosse, correria o risco de se asfixiar e não cumpriria sua missão ecumênica por intermédio do amor incondicional.

Porém, encontramos em Atos, capítulo VIII, vv. 18 a 22, uma passagem muito esclarecedora: o momento em que Simão, o mago, ao ver os apóstolos impondo as mãos para curar, oferece dinheiro a fim de adquirir tal poder. Pedro, então, responde a ele que o dinheiro não é o caminho para obter o Dom divino da cura por intermédio da imposição das mãos.

Essa passagem do Evangelho não perdeu sua atualidade e deve ser valorizada, apesar de sempre atentarmos que é melhor o trabalho feito com amor, mesmo que cobrado, do que aquele feito de graça, mas sem Graça, ou seja, apenas por obrigação.

Infelizmente o REIKI se popularizou no Ocidente como mais uma “terapia alternativa” ou uma nova forma de curandeirismo “Nova Era”, ficando para trás seu vínculo com o aprimoramento moral (*dharma*) do Espírito humanizado e a intensificação de seu contato com Deus. Em outras palavras, é uma prática que não pode ser separada da constante “reforma íntima”, ou seja, do processo de libertação do Ego para que possamos, um dia, libertar-nos também do *samsara* (a roda da encarnação).

Sem querer julgar ninguém, pois cada consciência tem seu livre-arbítrio e colhe o que semeia, não em atos, mas em intenção, este livro não foi escrito, necessariamente, para os Simões da “Nova Era” ou para os que comercializam egoisticamente o intercâmbio com os “mortos”, mas para aqueles que sabem que quando *o trabalhador está pronto, o trabalho aparece* e, por isso mesmo, encontram-se preparados para a doação desinteressada e amorosa, sem alarde nem violência. Ou seja, para os que vivem o verdadeiro sentido da palavra *caridade* (benevolência, indulgência e perdão).

Apesar de muitas vezes nos apegarmos com unhas e dentes às delícias e prazeres mundanos, o reino de Jesus *não é desse mundo*. Hoje, com as evidências empíricas da vida após a morte, sabemos que nossa alma é que é eterna e, assim, é ela que necessita receber mais atenção e carinho. E, na contabilidade divina, só adquirimos mérito ou libertamos nossa alma eterna dos cascos do Ego por intermédio do amor incondicional ao próximo, por intermédio do amor sincero que nada deseja em troca, nem um simples agradecimento.

Como nos ensina a Oração de São Francisco, *é dando que recebemos*. E esse recebimento não se dá em bens materiais ou dinheiro, mas em vibração espiritual, na forma de amor indelével cuja amplitude e grandiosidade só poderemos compreender após nosso retorno ao lar, no mundo dos Espíritos.

Mas, como diz a sabedoria popular, *sempre que tentamos impor o bom caminho aos outros, dele nos afastamos*. É por isso também que em nossos cursos de REIKI não julgamos ou impomos nada a ninguém. Apenas lembramos as sábias palavras do verdadeiro Mestre: “*O meu Reino ainda não é deste mundo. No meu Reino, os que mandam são os que servem. (...) Meu Reino é um Reino de servidores. (...) Tudo o que recebemos vem do Pai. O Pai dá tudo de graça aos filhos e estes devem dar de graça o que assim receberam. No meu Reino nada se toma, tudo se dá. Se queres pertencer a ele, dá tudo o que tens e segue-me sem nada.*”

Nada temos contra as pessoas interessadas em ter uma profissão rentável no campo das “terapias alternativas” e, embora este não seja um livro “espírita”, uma vez que o REIKI, independente do sistema adotado, não tem por objetivo difundir ou legitimar nenhuma doutrina, pois seu caráter é crístico e universalista, é importante lembrarmos que Allan Kardec, o codificador do Espiritismo, em meados do século XIX, fez um alerta que devemos sempre ter em mente: **não existe charlatanismo desinteressado**. Ou seja, onde há charlatanismo, há sempre, necessariamente, dinheiro envolvido.

Desde 2003, o REIKI tem sido ensinado e praticado GRATUITAMENTE e de forma DESINTERESSADA na ONG Círculo de São Francisco, na cidade de São Carlos, sem preocupações em obter vantagens materiais ou espirituais de espécie alguma. Apenas orientamos os alunos a usarem a técnica de forma crística, amorosa e sem transformar o consulente em uma pessoa dependente do REIKI, pois de nada adiantará buscar a cura no *exterior*, seja no próprio REIKI, nos Florais, na Cromoterapia, na Homeopatia ou na medicina materialista e acadêmica se sabemos que a verdadeira cura só acontecerá com a “reforma íntima”, um processo que, desde 2001, chamamos também de animagogia<sup>12</sup>.

E como a saúde é, em essência, harmonia de vibrações, a atitude fraternal e a disposição em auxiliar de um reikiniano fazem com que seus recursos fluídicos se tornem muito mais eficientes, ajudando o enfermo a deixar de enviar energia desordenada, pelo menos por algum tempo, contra si mesmo. Com a interrupção do processo, cujas conseqüências são

---

<sup>12</sup> Essa palavra é usada como sinônima de “reforma íntima”, uma vez que entendemos que nos reformar intimamente é nos libertar do Ego, ou seja, do agregado que envolve o Espírito eterno e o impede de manifestar o seu real brilho, já que o Espírito foi criado puro e feliz, sem precisar evoluir ou se transformar, pois só podemos nos tornar aquilo que já somos. Nesse sentido, a animagogia é o nome para o processo de mudança de consciência que permite ao espírito humanizado vivenciar suas provas com amor e com felicidade, sem condicionar esta a nada exterior. Ela é um processo individual e ninguém pode percorrer esse caminho pelo outro.



deploráveis para o funcionamento saudável de seu corpo físico e também do tecido sutil da alma, o enfermo ganha “tempo” para se responsabilizar pela própria cura, aprendendo, assim, a lidar com os sentimentos deletérios, com a impulsividade, com suas crises de ódio e de ciúme, com seus pensamentos agressivos e negativos, etc. Esse é o objetivo essencial da “reforma íntima”.

Se aceitarmos que o REIKI é um instrumento que a Espiritualidade Maior colocou à disposição de todos os espiritualistas de boa-vontade, sobretudo aqueles com consciência crística, ele pode se tornar uma bênção para todas as pessoas comprometidas em antigas encarnações e um alívio para aqueles que colhem nos caminhos da dor o que semearam no passado, encontrando, assim, uma mão fraterna para amenizar suas provas e expiações.

No meio espiritualista pode ser pensado como um “exercício de solidariedade” para os que se dedicam ao labor caritativo por intermédio da *mediunidade fraternizada* e sem vínculos religiosos, pois a mediunidade não é privilégio desta ou daquela doutrina<sup>13</sup>. Ela existe desde que o ser humano começou a encarnar na Terra, e os responsáveis pelo intercâmbio entre os planos material e espiritual já foram chamados de oráculos, profetas, pitonisas, canalizadores etc.

O REIKI pode ser praticado em um terreiro de umbanda, em um templo zen-budista, por católicos, por espíritas, etc. E, quem sabe, em breve, também nas comunidades Guarani, Kaingang, Ianomâmi..., pois, como vimos nos capítulos anteriores, o REIKI é uma prática terapêutica vibracional, bioenergética e medianímica que transcende as malhas religiosas

---

<sup>13</sup> Como nos lembra Ramatís em seu livro *Missão do Espiritismo*: “Antigamente, as iniciações espirituais eram secretas e exclusivas das confrarias esotéricas, cujas provas simbólicas e até sacrificiais serviam para auferir o valor pessoal e o entendimento psíquico dos discípulos. Mas os candidatos já deviam possuir certo desenvolvimento esotérico e algum domínio da vontade no mundo profano, para então graduarem-se nas provas decisivas. Deste modo, o intercâmbio com os mestres ou espíritos desencarnados só era permissível aos poucos adeptos eleitos às iniciações secretas”. No século XX, por vários meios democratizou-se o acesso do homem comum às informações advindas do plano espiritual.

e/ou doutrinárias. Porém, para ter o apoio das falanges espirituais do Astral Superior, tem de ser sério e realizado por intermédio do Amor universal.

A caridade sem alarde, seguindo os passos de Cristo, que atendia a todos que o procuravam, transforma o REIKI em uma terapêutica de grande alcance, capaz de eliminar cargas negativas, os fluidos deletérios e as formas-pensamento que impregnam o organismo biopsíquico do consulente, geradas, na maioria das vezes, pelo egoísmo, ódio, ciúme, inveja, etc. Pode inclusive “afastar” entidades doentes, sofredoras e não-esclarecidas atraídas pelo campo vibratório do enfermo que procurou o auxílio. Mas é importante lembrar que a liberação de tais bloqueios não é suficiente.

Nem o REIKI nem qualquer outra terapia oficial ou complementar altera o livre-arbítrio ou cura problemas “morais”. Somente a evangelização e a “reforma íntima” são capazes de aprimorar moralmente o Ser, aumentando seu padrão vibratório e fortalecendo sua imunidade física e espiritual, conforme liberta-se do egoísmo e do orgulho presentes em seu Ego.

A mudança de atitudes, ou seja, a nutrição de sentimentos amorosos (em suma, a ferramenta da “reforma íntima”, pois essa é uma mudança de sensibilidade e não de atos materiais), é necessária para a “cura” se realizar. É por isso que o enfermo, assim como o “terapeuta”, precisa aprimorar em si as qualidades evangélicas apreoadas por Jesus e pelos grandes mestres do Oriente, exercitando a paz, a tolerância, a humildade e o amor.

Dessa forma, independentemente dos compromissos devocionais ou doutrinários, a prática do REIKI é, em essência, espiritualista. Com exceção de pessoas muito céticas, fechadas em seu mundo egocêntrico, o REIKI é capaz de dinamizar o “quantum” energético da centelha espiritual do Ser, fazendo-a aflorar cada vez mais. A consciência de ser uma emanção divina começa a se ampliar com as sessões. Porém, o passo seguinte, deverá ser dado pela própria pessoa.

Por mais que os adeptos da espiritualidade capitalística “Nova Era” digam o contrário, a Fé é essencial para praticar e receber REIKI. Obviamente que não estamos falando de fé, seja ela racional ou cega, mas da Fé que nos liga às realidades mais sublimes da existência. Algumas pessoas confundem a Fé com a crença em alguma doutrina religiosa. Porém, a Fé é aquilo que nos conecta diretamente com Deus, com seus representantes e com nossa própria energia espiritual, sem a necessidade da intermediação de uma doutrina religiosa. Sem a Fé, o enfermo cria em volta de seu organismo um campo de resistência magnética capaz de dispersar os mais sublimes eflúvios eletromagnéticos. Não sem razão, Jesus, nas curas relatadas na Bíblia, sempre ressaltou que a Fé do enfermo é que o tinha curado, e não ele.

E como já escreveu Ramatís, a encarnação já é um tratamento homeopático para o nosso Ser eterno (o Espírito). O nosso corpo físico funciona como uma espécie de “dreno” necessário à purificação das energias não amorosas agregadas em nossos corpos sutis. Por livre-arbítrio, alguns se comprometeram em diferentes encarnações, não pelos seus atos, mas pelos sentimentos não amorosos que emanaram para o Universo e precisam de outras para se redimir, não com Deus ou com Jesus, mas com sua própria consciência.

Assim, encarnar já é participar de um tratamento cósmico. É ter a possibilidade de drenar os fluidos deletérios e as impurezas perispirituais para o corpo físico, retirando os agregados que se encontram sobre o nosso Ser eterno. E encarnar é necessário para aprendermos a colocar em prática o Amor universal.

Porém, o discurso salvacionista de alguns grupos “Nova Era” prometendo curar todos os tipos de enfermidade, desde que o enfermo pague determinada quantia em dinheiro, atrai, sem dúvida, pessoas desorientadas e que procuram, desesperadamente, *milagres* ou a cura sem esforços ou sacrifícios. Tais pessoas não compreendem que a enfermidade é um sinal

de que é necessária uma “reforma íntima”. É mais cômodo pagar alguém para nos curar do que se esforçar para se autocurar.

É por isso que sempre enfatizamos em nossos cursos que mesmo o REIKI é um tratamento para alívios de sintomas. Uma enfermidade somatizada, por exemplo, pelo excesso de ciúme e ódio poderá ser aliviada com algumas sessões, mas, se a pessoa não mudar seu relacionamento doentio, ela retornará ou nunca será, de fato, extirpada. Não é à toa que Jesus dizia: “*Vá e não peques mais*”, quando uma cura era realizada. E o “pecado” não está em atos, mas na falta do amor universal.

Nem sempre o REIKI será suficiente para curar uma enfermidade, mas nunca deixará de aliviar alguns dos sintomas da doença, oferecendo, assim, um alívio momentâneo ao enfermo, ou uma trégua para que realize sua animagogia.

Dessa forma, podemos concluir que a cura, quando acontece, foi fruto da *reforma íntima*. Ou seja, da mudança de atitudes diante da vida, cultivando sentimentos amorosos e pensamentos positivos. Como afirma o Espírito Ramatis no livro *O sublime peregrino*, Jesus não curou de forma indiscriminada, mas apenas quem havia adquirido Merecimento, quem já havia resgatado seus “débitos cárnicos”. E Jesus sempre salientava que a Fé do enfermo fora importante para a cura e não ele.

De forma esquemática, podemos dizer que, quando os médicos incorpóreos têm autorização para realizar determinada cura física, 90% desta foi graças à Fé e ao Merecimento daquele que procurou a ajuda espiritual, 9% deveu-se ao trabalho realizado pela equipe médica presente na sessão e apenas 1% refere-se à dedicação e à doação fluídica do terapeuta encarnado.

Com base nesse quadro, podemos constatar que não faz sentido algum o encarnado que doa seus fluidos se sentir orgulhoso ou se fascinar com seu “poder curativo”. Podemos concluir que não somos curadores, mas apenas um instrumento doador de fluido para a equipe médica. E o mérito pela Cura é, praticamente, todo do enfermo.

O REIKI, portanto, deve ser encarado como uma terapia preventiva, impedindo a somatização da enfermidade que teve origem nas energias estagnadas nos corpos sutis que formam o Ego: o mental inferior, o astral e o duplo-etérico.

Os enfermos que, “satisfeitos” com a diminuição dos sintomas após algumas sessões, e que não se preocupam com a “reforma íntima”, nunca serão, de fato, curados. Assim, mais cedo ou mais tarde, o mesmo problema se manifestará novamente. É por isso que temos a humildade de afirmar que o REIKI pode até aliviar o estresse, a ansiedade, a depressão e auxiliar no bom funcionamento de todos os sistemas orgânicos.

Mas a Cura, no sentido pleno da palavra, depende do esforço de cada um, pois o amor e a felicidade sem condicionamentos é a melhor maneira de absorver os balsâmicos eflúvios cósmicos emanados por Deus, fazendo com que todos os sistemas orgânicos funcionem de forma adequada, uma vez que, por exemplo, a insulina produzida pelo pâncreas é apenas uma derivação da energia cósmica universal como também o é o órgão que a “produziu”. Ou seja, a única realidade material que existe é a energia cósmica manifestada de diferentes maneiras, por isso as doenças são realidades ilusórias, pois elas são apenas as manifestações visíveis do mau uso dessa energia cósmica pelos sentimentos e pensamentos emanados pelo ser humanizado, ou seja, por suas atitudes espirituais. Em suma, pelo chamado livre-arbítrio.

E essa questão nos leva, necessariamente, para uma outra bem polêmica: o terapeuta é apenas um *canal* para que a energia cósmica chegue ao enfermo? Como tivemos oportunidade de ler nas explicações dos Espíritos, não é possível o encarnado ser apenas um canal para a energia cósmica circular. Este processo não existe nas Leis que regem nosso mundo. O reikiano, de fato, está sempre captando fluido cósmico, mas o que ele disponibiliza para o tratamento é o fluido vital (a bioenergia ou energia zôo), cuja qualidade depende da atitude espiritual do

reikiano, ou seja, de seus sentimentos e pensamentos.

Se apenas o fluido cósmico fosse necessário, a espiritualidade não recorreria aos encarnados para tratar os enfermos. É justamente dos fluidos animalizados<sup>14</sup> e densos dos encarnados que os médicos do astral necessitam para criar remédios e instrumentos para realizar os tratamentos.

E como a lei numinosa que rege o processo de doação é perfeita, a pessoa que procurar um curso de REIKI com o objetivo de usar a terapia em si mesma ficará decepcionada. Se o reikiano fosse apenas um canal de energia, todos os terapeutas seriam iguais. Isso, porém, não ocorre. Pacientes que já passaram por diferentes terapeutas dizem que a energia de um e de outro é diferente. Além disso, quando o reikiano aplica a terapia em si mesmo, a eficácia do tratamento é menor do que se ele a recebesse por parte de outra pessoa iniciada na técnica. Ou seja, se uma dor de cabeça pode ser curada com dez ou quinze minutos de auto-aplicação, o tempo seria bem menor se outro reikiano fizesse a aplicação. E se esse não tiver relações familiares diretas (pai e filho, irmãos, etc.) o tratamento será ainda mais eficiente<sup>15</sup>, pois quanto menos sentimento egoísta envolvido no processo, melhor.

---

<sup>14</sup> Segundo Ramatís, no livro *Evolução no planeta azul*, a energia animal é proveniente da energia cósmica, como tudo no Universo. Porém, essa energia é imprescindível em todos os trabalhos socorristas, uma vez que os Espíritos (desencarnados) não têm ectoplasma, uma variação específica do fluido animalizado dos encarnados, fundamental nos tratamentos espirituais.

<sup>15</sup> No ano de 2003, minha mãe passou por uma cirurgia espiritual e o médico incorporado disse que durante uma semana ela deveria receber sessões diárias de REIKI. Afirmou, porém, que um outro voluntário da ONG deveria se encarregar, pois isso agilizaria a recuperação. Podemos perceber que o egoísmo é totalmente incompatível com o REIKI ou com qualquer outra forma de Fluidoterapia. É fácil alguém se doar para um filho ou para uma mãe; o difícil é se doar para um próximo que não seja assim tão próximo.

Do ponto de vista espiritual, o terapeuta, ao se doar de forma desinteressada, emanando amor pela oportunidade de auxiliar o próximo sem nada exigir em troca, liberta-se mais rapidamente do Ego. É claro que essa interpretação só faz sentido para quem tem consciência de que nossa condição natural é como Espíritos, ou seja, como seres incorpóreos. Estamos na Terra vivenciando uma experiência humana, apesar de muitas vezes acreditarmos que somos seres humanos que, eventualmente, passam por experiências espirituais. A vida na Terra é palco, ainda, para nossas provas e expiações. Em um futuro breve ela deixará de ser nutrida pelo egoísmo, mas precisamos carimbar nosso passaporte, ou seja, merecer habitar a Terra regenerada. Caso contrário, engrossaremos a lista dos que serão exilados da Terra, continuando sua libertação espiritual em outras paragens.

Muitos espiritistas têm razão quando desconfiam dos excessivos rituais existentes no REIKI. Eles são desnecessários e servem, na maioria das vezes, para iludir os incautos, criando uma encenação e um excesso de fantasias que podem, em alguns casos, estimular o charlatanismo. Sem tantos rituais, como dizer que a pessoa foi realmente iniciada? Como explicar o valor cobrado pela iniciação? Mas não podemos nos esquecer dos ensinamentos dos Espíritos que afirmam que eles podem ser usados como ferramentas para estimular a concentração em uma realidade superior, pois muitas pessoas ainda dependem de ritos e fórmulas cabalísticas para acreditar em fenômenos “sobrenaturais” e no contato com o “mundo oculto”.

Nem todos conseguem compreender que estamos sempre rodeados por entidades incorpóreas e que nosso contato com eles ocorre rotineiramente em decorrência do padrão vibratório emitido pelos pensamentos e sentimentos. A emissão de pensamentos amorosos, positivos, felizes atrai entidades amorosas, positivas e felizes, ou seja, afins com tais energias e vibrações. Já a emissão de pensamentos e sentimentos de ódio, de inveja, de negativismo atrai entidades sofredoras, revoltadas

e negativas. Por isso, não bastam fórmulas e rituais para se canalizar boas energias se o sentimento emanado pelo praticante é negativo.

Apenas por curiosidade, pois é um ensinamento impossível de ser comprovado, o REIKI, independente do sistema, é uma técnica que, segundo a espiritualidade, veio para a Terra junto com os exilados de Capela. Os atlantes, os egípcios e os tibetanos foram as primeiras civilizações a redescobri-la. A missão de Mikao Usui, em sua última passagem pela Terra, teria sido a de *codificar* uma versão *moderna* da técnica, daí alguns dos símbolos serem *kanjis*. Ainda segundo informações transmitidas pela espiritualidade, Mikao Usui<sup>16</sup> nunca se arrependeu de ter trabalhado gratuitamente com pobres e mendigos e nunca chegou a cobrar pelos tratamentos que realizou, pois ele tinha consciência que não poderia cobrar e sabia que era *dando que iria receber*. Assim, ele nunca teria trabalhado esperando retorno, sobretudo de ordem financeira, como muitos cursos de REIKI ensinam.

E como já salientamos, o REIKI também é um “fato espírita”, pois envolve a participação de pelo menos um encarnado (que fornece o fluido) e um desencarnado (o terapeuta espiritual preparado para realizar os tratamentos). Muitos são os cursos de REIKI que ensinam que não há a presença de desencarnados durante a sessão e seria a inteligência da energia a responsável direta pela cura.

No caso do Karuna-REIKI, um sistema “canalizado” nos EUA, seus praticantes descrevem a presença de entidades espirituais durante o tratamento, mas afirmam que são o Arcanjo

---

<sup>16</sup> Perguntamos a um dos instrutores se Mikao Usui não poderia psicografar uma mensagem relatando esse fato. A resposta que obtivemos foi que isso não seria necessário. A pessoa que não acreditar na informação poderá argumentar ou questionar se foi realmente o próprio Mikao Usui quem escreveu a mensagem.



Gabriel, Jesus, Saint German, etc., mas não os “Espíritos ainda em evolução”.

Pessoalmente, a crença acima pode facilmente levar o reikiano a ficar cego e orgulhoso com “seu” poder curativo. Assim, servir com amor, ainda nos parece ser o melhor caminho. Além disso, lembrando que o médium de cura também é um Espírito em prova, fugir do compromisso assumido antes do encarne sempre resulta em problemas psicossomáticos ao médium. No livro *Mediunidade de cura*, de Ramatís, encontramos a seguinte passagem que ilustra com precisão esse fato:

*“O desenvolvimento disciplinado mediúnico e o serviço caritativo ao próximo, pela doação constante de fluidos do perispírito, proporciona certo alívio psíquico ao médium e o harmoniza com o meio onde habita. Algo semelhante a um acumulador vivo, ele sobrecarrega-se de energias do mundo oculto e depois necessita descarregá-las num labor metódico e ativo, que o ajude a manter sua estabilidade psicofísica. A descarga da energia excessiva e acumulada pela estagnação do trabalho mediúnico, fluindo para outro pólo, não só melhora a receptividade psíquica como ainda eleva a graduação vibratória do ser.*

*O fluido magnético acumulado pela inatividade no serviço mediúnico transforma-se em tóxico pesando na vestimenta perispiritual e causando a desarmonia no metabolismo neuro-orgânico. O sistema nervoso, como principal agente ou elo de conexão da fenomenologia mediúnica para o mundo físico, superexcita-se pela contínua interferência do perispírito hipersensibilizado pelos técnicos do Espaço e deixa o médium tenso e aguçado na recepção dos mínimos fenômenos da vida oculta. Deste modo, o trabalho, ou intercâmbio mediúnico, significa para*

*o médium o recurso que o ajuda a manter sua harmonia psicofísica pela renovação constante do magnetismo do perispírito, à semelhança do que acontece com a água estagnada da cisterna, que se torna mais potável quanto mais a renovam pelo uso. Na doação benfeitora de fluidos ao próximo, o médium se afina e sensibiliza para se tornar a estação receptora de energias de melhor qualidade em descenso do plano Superior Espiritual.”*

Dentro dessa perspectiva, todos os participantes dos cursos de REIKI ministrados na ONG Círculo de São Francisco, onde realizamos gratuitamente cursos e atendimentos, são orientados a seguir o princípio do amor universal. Mas sempre existe o livre-arbítrio e não somos fiscais. O maior fiscal é, sem dúvida, a própria consciência.

## Capítulo IX



### *Amor: a força que move o Universo*

*“A idéia de dar ao homem uma nova concepção de vida desagrada ao próprio homem. Ele é escravo da tradição e se insurge com intolerância à simples insinuação de ter de modificar os seus hábitos (...) a menos que a idéia que lhe ofereçam esteja impregnada de insinuações sobre vantagens materiais imediatas, prosperidade instantânea, lucros fáceis. (...) Os sábios do Oriente, na busca do ideal de perfeição, despojam-se de toda vaidade e renunciam a todo gozo vão, na ânsia de atingir o nirvana, não para jactar-se de estar em posição superior aos outros, mas, precisamente pelo contrário, para se sentirem em condições de nivelamento com todos, na planície do amor e da compreensão.”*

*Nelson Senise*

Esta epígrafe esclarece a razão pelas quais muitas práticas orientais conseguiram chegar ao Ocidente. Nem sempre foi para reproduzir o ideal de perfeição moral do Oriente, mas, sem dúvida, pelas vantagens materiais imediatas, pelo lucro fácil que poderia ser obtido com a difusão descaracterizada de seus princípios espirituais. A ocidentalização das técnicas orientais muitas vezes abafa seu real objetivo: o aprimoramento moral do ser humano e a busca da saúde integral (física, mental, emocional e espiritual).

Lobsang Rampa, pseudomonge tibetano, comentando o Yoga, afirma também no livro *A sabedoria dos lamas*:

*“Devemos observar que a pessoa pode manter-se bem de saúde – até mesmo muito bem – sem essas contorções ginásticas, que não passam de proeza exibicionista (...) Às vezes, afirma-se que desenvolvem a disciplina espiritual, mas quem já possui a disciplina necessária para se atar em um nó certamente pode dirigi-la para canais mais úteis. (...) Uma pessoa com harmonia na mente é aquela que tem amor puro e compaixão pelas demais, e essa pessoa é capaz de ajudar os outros sem pensar em ganhos para si própria (...) e tais exercícios, bastante tolos, servem apenas para desviar a atenção da pessoa quanto ao que é mais essencial: a espiritualidade e o desejo de ajudar o próximo.”*

Para muitas pessoas, o YOGA tornou-se sinônimo de contorcionismo e exibicionismo. Porém, é um caminho seguro para a harmonização do Ser, consigo mesmo e com o mundo, tornando-o responsável por seu próprio caminho de libertação espiritual, por isso o consideramos como um importante instrumento auxiliar na Animagogia do ser humanizado.

O Hatha-YOGA, quando desconsidera suas implicações espirituais, se transforma em “ginástica”, e parece que é nesse sentido que é praticado no Ocidente, onde surgem diariamente aberrações que passam a ser chamadas de YOGA. Mas essa é uma visão muito estreita. O Hatha-YOGA, apesar de partir da dimensão física, é a porta de entrada para nosso aprimoramento emocional e mental. O corpo físico é o templo sagrado para que nossa alma eterna possa aproveitar sua passagem pela Terra, a cada nova encarnação, pois o corpo, mesmo sendo ilusório, é o instrumento no qual e pelo qual o Espírito se manifesta e age no mundo fenomênico. Um corpo que não seja devidamente cuidado, nutrido e são não poderá ser utilizado para a libertação espiritual. E isso vale também para a prática mediúnica. Como afirma o Espírito Hammed: *“Buscar as potencialidades mediúnicas apenas pelo aspecto intelectual é muito diferente de vivenciá-las sensorialmente”*.

A grande inspiração do YOGA é a Natureza. Não é à toa que, quando o homem Ocidental redescobriu a natureza e passou a se preocupar com sua preservação, o YOGA passou também a chamar sua atenção.

A verdadeira essência do Hatha-YOGA não é fazer apologia ao corpo. O YOGA não é uma técnica para cultuar a corpo físico. Também não é uma técnica que estimula o egocentrismo. Ao contrário, seu objetivo é estimular o participante para que aprenda a cuidar com consciência de seu veículo físico, a fim de melhor realizar coisas belas e úteis ao mundo e ao próximo.

De forma similar, o REIKI nem sempre é utilizado para fins espirituais. Para muitos é apenas mais um negócio, desconsiderando a sabedoria que vem do Oriente: *“o melhor que fique com o pior”*, e que enfatiza a necessidade de se ater aos tesouros espirituais e não aos transitórios, ao amor universal e não ao egoísmo.

Nesse capítulo, tentarei descrever, resumidamente, como ocorreu meu processo “iniciático” no REIKI, a descoberta de

sua dimensão moral e espiritual (dharma) e toda a mudança de enfoque filosófico-espiritual que resultou no trabalho da ONG Círculo de São Francisco.

Para muitos, a “reforma íntima” é um processo que exige sacrifícios, mas, se meditássemos um pouco, tomaríamos consciência de que ela é, de fato, “circulante”. Ou seja, a reforma íntima ocorre na forma de ciclos que se fecham e se abrem em um fluxo contínuo de renovação. Ciclos que enredam movimento em nosso Ser interior e inventam as alegrias e aventuras que nos permitem, como crianças aprendizes, **envolver-nos**, **desenvolver-nos** e, finalmente, **reenvolver-nos** com as leis Numinosas que regem nossa vida na Terra. E esse processo não é possível em apenas uma encarnação.

Esse processo circulante permite nossa lapidação anímica e, quem sabe um dia, nossa verdadeira libertação das encarnações retificadoras e expiatórias. É assim, gradativamente, que aprendemos a perdoar, libertamo-nos dos vícios, tornamo-nos humildes, etc. E o REIKI, nesse contexto, pode ser um trabalho divino para suavizar nossas provas e expiações. Daí resulta toda nossa ênfase no amor universal e na dedicação fraternal que o terapeuta deve voluntariamente assumir. Mas é importante que este não se sinta sacrificado, praticando uma espécie de espiritualidade instrumental, ou seja, na qual se pratica a “caridade” por obrigação. O reikiniano deve ser um trabalhador voluntário que sente alegria<sup>17</sup> pela oportunidade de vivenciar suas provas com amor, valorizando a sabedoria oriental que se pauta na compaixão. Quem conhece a psicossófia do Oriente sabe que além de servir desinteressadamente, não exigindo nada

---

<sup>17</sup> Como nos lembra Hammed, em seu livro *A imensidão dos sentidos*: “Obrigação pode ser conceituada como tudo aquilo que nos é imposto ou forçado. Obrigar-se a algo ou a alguém implica ser governado pela expressão ilusória ‘deveria’. (...) Mesmo quando realizamos algo significativo, se somente pensarmos nele como compromisso ou trabalho, sem o necessário gosto e motivação, alguma coisa estará errada conosco. Por mais que concretizemos feitos edificantes envolvidos por motivos sinceros, se sua realização não for feita com prazer/vocação, sentiremos mais esforço e imposição do que felicidade e conforto. Ninguém deve viver e trabalhar sem contentamento”.

em troca, sábio é aquele que ainda agradece a pessoa que está lhe dando a oportunidade de praticar o Bem.

Assim, está na hora de colocar em prática o ensinamento que diz que não devemos *entesourar na Terra, onde a ferrugem e a traça consomem e os ladrões roubam*. E, por acreditar na vida após a morte, procuremos adquirir as riquezas espirituais, portanto, as riquezas eternas. E estas se obtêm por intermédio do amor universal, da benevolência, da indulgência, da relação fratriarcal com nossos semelhantes etc. Mas cada um tem o livre-arbítrio para decidir se deve mercantilizar ou não o tempo empregado em práticas espiritualistas.

Sabemos que cada um de nós age em função de seu estágio espiritual. Quando erramos e somos humildes, assumimos o erro e com boa vontade tentamos corrigi-lo. O sábio é aquele que não usa o tempo para corrigir os outros, mas para compreender suas próprias imperfeições e superá-las.

Assim, ao descrever o processo iniciático que me levou ao REIKI, desejo que o leitor considere que sou alguém tentando, com algum esforço, retirar do próprio olho um pequenino pedaço da trave nele existente; não sou um fanático que acredita ter a “missão” de tirar a aresta do olho de alguém. O aprendizado espiritual (animagogia) deve ser acompanhado de amor e liberdade, o que implica não ter obrigação alguma. Porém, espero que as “imagens” que esta narrativa estimulará no leitor possam produzir formas-pensamento positivas, ou seja, carregadas de boas vibrações capazes de promover a confiança e a auto-suficiência espiritual, uma vez que, aquele que delega o controle de si a uma outra pessoa (encarnada ou não) esta renunciando a sua mais sublime conquista permitida por Deus: a própria liberdade.

Então, vamos lá!

A primeira vez que ouvi falar em REIKI foi em 1996, quando trabalhava no SESC Interlagos, na cidade de São Paulo, como animador cultural. Certo dia, por intermédio de um

panfleto de uma outra unidade, o SESC Carmo, eu descobri que lá havia um projeto que difundia esse método de cura, cuja origem era atribuída, por uns, ao Tibete e, por outros, à Índia, onde se acreditava que *Shiva* era a divindade que o teria trazido dos céus para benefício da humanidade.

Posteriormente, soube que o REIKI moderno havia sido intuído por um monge budista, nas primeiras décadas do século XX, e que a expressão REIKI em japonês significaria energia cósmica ou universal (REI) mais energia vital (KI). O seu objetivo seria o de canalizar a energia cósmica por intermédio de mantras e de símbolos sagrados.

Em minha curiosidade para conhecer a técnica, percebi que ela não era difundida pelos budistas, mas pelos meios “Nova Era”. O REIKI era “vendido” como a terapia do século XXI, capaz de curar todos os problemas físicos, mentais, emocionais e espirituais da humanidade.

Fiquei assustado com tamanha pretensão e imaginei que se tratasse de mais um caso de charlatanismo ou de descaracterização de alguma prática Oriental. Meu interesse pela técnica, no final do século XX, foi dissipado quando me dei conta dos preços e da forma ritualizada e cheia de apetrechos esotéricos (velas, espelhos, incensos etc.) com que eram realizadas as “sintonizações”. Todo cristão sabe que *onde está o teu tesouro, aí está também o teu coração*. E o tesouro apregoado pelo REIKI não me seduziu. A luz de seu discurso parecia mais ofuscar do que iluminar. E isso fez com que eu me afastasse de seus encantos.

Alguns anos depois, morando na cidade de São Carlos, no interior do estado de São Paulo, descobri que na cidade havia uma escola de REIKI. Ainda cético, pois, para mim, tudo aquilo não passaria de *charlatanismo*, resolvi conhecer de perto o que era o REIKI e aceitei pagar quinhentos reais para viver o ritual de iniciação nos níveis I e II, já que algo dentro de mim dizia que eu deveria fazer o tal curso.



No dia em que fui iniciado no nível I, eu manifestava um sentimento ambíguo de curiosidade e de apreensão. Percebi o desespero de algumas pessoas que pareciam jogar todas as suas fichas no REIKI, como se o mesmo fosse a salvação para os seus graves problemas. Na mesma sala se encontravam três grupos bem definidos: um deles era formado por pessoas com graves problemas de saúde (câncer no útero, câncer de mama etc.) e que buscavam no REIKI uma forma de amenizar seus sofrimentos; outro grupo era formado por pessoas que tinham parentes com graves doenças ou em estado terminal e, como o primeiro grupo, queriam amenizar o problema de seus entes queridos. Por fim, havia o grupo formado por “terapeutas alternativos” que ali estavam para se especializar em mais uma técnica e oferecer seus serviços em clínicas de terapia, academias de ginástica ou salões de estética, sem nenhuma preocupação espiritual.

Ao tomar consciência que apenas eu estava no curso para fazer a iniciação de forma desinteressada, ou seja, que havia sido levado por uma real curiosidade interior, preocupou-me e me fez pensar que havia, realmente, entrado numa “fria”, numa emboscada “Nova Era”. Mesmo assim, posso afirmar que esse contato foi desastrado, ou seja, sem astro (alma). Eu não estava preocupado com questões espirituais, queria apenas experimentar aquilo que era vendido como a *salvação* do homem da *Era de Aquário*.

Durante a palestra que antecedeu o ritual de iniciação, o “mestre” repetiu várias vezes o conselho: “*Não basta ser iniciado, é preciso aplicar REIKI diariamente, nem que seja por 15 minutos apenas*”. Eu acreditava que não conseguiria realizar tais aplicações. Não por falta de tempo livre, pois trabalhava apenas 20 horas semanais na época. Simplesmente, eu achava que não sentiria vontade de “aplicar” o REIKI. Porém, não foi nenhum sacrifício fazer os 21 dias consecutivos de aplicações, período recomendado para que houvesse uma limpeza energética do organismo e eu estivesse, então, preparado para ser iniciado no nível II.

Posso dizer que fazer a auto-aplicação diária havia se tornado um de meus *hobbys* favoritos. Durante vários meses, porém, nunca tive coragem de aplicar REIKI em outras pessoas. Aliás, eu evitava dizer que era “reikiano” às pessoas com quem eu convivia na Universidade. Assim, *egocentricamente*, eu me contentava em sentir a agradável plenitude experimentada com a aplicação de REIKI. À minha rotina, acrescentei uma aplicação pela manhã, ao acordar, e uma outra à noite, antes de dormir.

O formigamento nas mãos e a impressão de ter sensores elétricos aquecendo os pontos do corpo onde as mãos estavam posicionadas davam-me uma agradável sensação de despersonalização e muita calma. Além disso, em poucos minutos, ou eu estava dormindo profundamente, ou vivendo em um nível intermediário entre a vigília e o repouso, contemplando o *illud tempus* e as imagens que passavam por minha mente, em um agradável estado ampliado de consciência.

Quando a vergonha passou, ou seja, quando me dei conta de não conseguir mais viver sem aplicar “REIKI”, ganhei confiança para aplicar em familiares e em alguns conhecidos, sempre gratuitamente. A idéia de cobrar sempre me pareceu estranha, apesar do valor pago pela sintonização. Aprendi durante o curso que não se cobra pelo REIKI, mas pelo tempo que se “perde”. Porém, esse pensamento tipicamente capitalista (tempo é dinheiro) presente nos movimentos Nova Era sempre me pareceu incompatível com os ensinamentos cristãos ou mesmo com os ensinamentos budistas, das quais o REIKI, em tese, se originou.

Em relação às imagens que visualizava, desde o momento em que fiz a iniciação no nível I comecei a anotá-las e, algum tempo depois, passei a tentar compreendê-las em uma dimensão *metapsicanalítica*, ou seja, na linha sugerida por Mircea Eliade. Apresentarei parte dessas interpretações no decorrer deste capítulo.

Fiz os três níveis do REIKI e também os dois níveis do

chamado sistema Karuna-REIKI, sempre na mesma escola. Quando eu estava em dúvida se valeria a pena pagar 5 mil reais para fazer o chamado “mestrado” em REIKI, conheci dois médiuns kardecistas e, em pouco tempo, montamos o grupo que deu início a essa pesquisa sobre o REIKI através de entrevistas com os Espíritos, e toda minha concepção sobre a técnica mudou. Mesmo assim, fui sintonizado, gratuitamente, como mestre de REIKI por um amigo que reside em Fortaleza, no estado do Ceará.

Porém, tomei consciência de que o REIKI seria um trabalho mediúnico, de fato, quando, em uma sessão, um dos médicos incorporou em um dos médiuns. A princípio, um médium vidente assistiria à sessão e descreveria o que se passava do “outro lado”. Em poucos minutos, porém, ele, que também tinha a mediunidade de psicofonia inconsciente, incorporou um dos médicos presentes naquela sessão e passou a “operar” a enferma, diante de todos os presentes.

Eu estava com as mãos sobre a cabeça da paciente e comecei a observar a agilidade do médico incorpóreo. Ele passava freqüentemente as mãos sobre meus ombros e braços para recolher fluido (ectoplasma). Em seguida, com movimentos rápidos das mãos, parecia pegar objetos invisíveis no ar e passá-los na região próxima ao umbigo da paciente.

Soubemos depois que ela havia sido submetida a uma operação espiritual, realizada sem nenhum corte em seu corpo físico e sem a necessidade de qualquer instrumento material. Eu cheguei a perguntar ao “doutor” por que era possível fazer operações sem utilizar objetos físicos e qual era a diferença entre esse procedimento e aquele que se tornou famoso com o Dr. Fritz, que utilizava tesouras, fâcas e outros equipamentos não cirúrgicos para realizar operações espirituais.

Segundo este médico incorpóreo, que afirmou ser um dos mentores da chamada Associação Médico-Espírita (AME), as operações do Doutor Fritz tinham por objetivo estimular a

Fé nas pessoas. Os céticos, ao assistirem aquelas operações, poderiam começar a acreditar que nossa existência não se resume ao corpo físico. Em nenhum momento, segundo ele, foi necessário corte no corpo físico ou o uso de instrumentos da Terra nas operações espirituais, mas cada coisa acontece do jeito que precisa ser.

Abordarei, nesse momento, o estudo das imagens que visualizei durante o estado ampliado de consciência possibilitado com as sessões de REIKI. Como já afirmou Mircea Eliade:

*“...a estrutura dessas imagens não deve nos surpreender. Todo simbolismo da transcendência é paradoxal e impossível de se conceber no plano profano. O símbolo mais usado para expressa a ruptura dos níveis e a penetração no ‘outro mundo’, no mundo supra-sensível (seja ele o reino dos mortos ou dos deuses), é a ‘passagem difícil’, o fio da navalha”.*

Como já salientei, raramente eu sinto o tempo passar e relaxo profundamente. Algumas vezes, consigo atingir um estado ampliado de consciência que se caracteriza pela visão de círculos lilases se expandindo na mente ou a visualização de imagens simbólicas.

Uma das primeiras imagens que visualizei em uma sessão foi um grande olho que ora aparentava ser opressivo, ora meigo. Nessa mesma sessão, senti forte gosto de sangue na língua. Ao perceber que o sabor era de sangue, fiquei um pouco tenso e me desconcentrei daquele estado de relaxamento. Senti, em seguida, uma dor aguda na garganta como se uma agulha a estivesse atravessando. Alguns segundos se passaram e a sensação era de estar bebendo um galão de 20 litros de água sem parar. Eu tinha a impressão de que uma cachoeira corria dentro de mim, limpando tudo o que encontrava pelo caminho.

Soube, posteriormente, que eu havia passado por uma limpeza em meu perispírito, através de uma cirurgia espiritual. Desde criança eu tinha problemas na garganta. Com sete anos operei as amídalas. Curiosamente, em uma reunião mediúnica, no final de 2001, um Espírito me desenhou. O desenho era forte. Nele eu tinha uma marca vermelha na garganta, como se houvesse sido enforcado. Acredito que meu perispírito ainda trazia marcas de alguma encarnação anterior, explicando a somatização de várias enfermidades nessa parte do corpo.

A sessão que descrevi solucionou este problema neste corpo energético, libertando-me de outras patologias. Apenas o gosto de sangue na boca foi um pouco desagradável. A sensação de agulhada na garganta e a de estar bebendo muita água foram estranhas, mas não incômodas. Talvez tenha sido um pequeno sacrifício necessário para que uma limpeza energética profunda pudesse ser realizada.

Ainda não descobri o que poderia significar a imagem do olho. Talvez imagens de vidas passadas? Talvez o olho de meu *daimon*? Do ponto de vista simbólico, podemos dizer que o olho representa a percepção intelectual. Simbolicamente, costuma-se identificar três “olhos”: o olho físico, o olho de Shiva (também chamado de terceiro olho) e o olho do coração. O Xamã, por exemplo, por sua clarividência, é conhecido como “o que tem olhos”.

Possivelmente, a imagem do olho signifique a expansão da capacidade medianímica, uma ampliação de nosso sexto chakra. No livro *Bhagavad-Gita*, os dois olhos físicos são identificados com o Sol e com a Lua. Para os budistas, o olho frontal, chamado de *Dharma-chaksus*, permite apreender simultaneamente a unidade e a multiplicidade. Os bamaras, por sua vez, acreditam que o sentido da visão é o único que possibilita uma percepção com um caráter de integralidade, e o olho abrange, metaforicamente, as noções de beleza, luz, mundo, universo e vida.

Mas nem sempre as sessões de REIKI nos permitem atingir estados ampliados de consciência. Muitas vezes ficamos apenas nas sensações físicas. Assim, é comum o paciente sentir calor nos pés, nas mãos e em outros órgãos específicos do corpo ou, então, uma espécie de formigamento ou “agulhadas”.

As reações durante a sessão costumam variar de pessoa para pessoa, porém, dificilmente alguém não sente ou não visualiza absolutamente nada. Alguns videntes enxergam a equipe terapêutica e outros chegam a conversar mentalmente com ela. Alguns pacientes, após a sessão, afirmam que foram orientados para tomar determinado chá ou a procurar determinados especialistas<sup>18</sup>. Apesar de acontecerem, esses casos são mais raros, predominando apenas a visão de cores ou símbolos. As sessões de tratamento não se destinam a trabalhos mediúnicos. Tais comunicações com a equipe médica costumam acontecer quando o paciente ou o terapeuta possui clarividência ou outra forma de mediunidade bem ostensiva. Mas não é o aprimoramento mediúnico o objetivo do trabalho.

As cores, por outro lado, podem significar duas coisas. Ou a pessoa está vendo algum Espírito (a cor indicaria seu grau evolutivo) ou, então, podem ser os fluidos eletromagnéticos em circulação pelo ambiente. Independente do caso, a pessoa não está vendo com os olhos físicos, mas com os “olhos” da alma, em razão do estado ampliado de consciência. Quando se trata de um ser incorpóreo, a luz costuma ter a forma de pontos brilhantes; quando é a energia, ela surge de forma esfumada e densa.

Em uma outra sessão, vi o rosto de um senhor de idade. Eu vi nitidamente sua boca e nariz. Algumas vezes ele estava

---

<sup>18</sup> Sempre que isso acontece, pedimos à pessoa que considere com cuidado tais intuições. Muitas receitas podem ser fruto de animismo e, mesmo que não sejam, o enfermo deve sempre consultar um especialista. Certa vez, uma paciente narrou que a equipe médica havia lhe sugerido que tomasse antibióticos. Estranhamos o fato, pois sabemos, pelas reuniões mediúnicas, que os médicos incorpóreos, às vezes, indicam um especialista para ser consultado e nunca estimulam a medicação alopática.

com barba, outras vezes, com o rosto totalmente limpo. Em alguns momentos senti vertigem e vi muitas cores, predominando o verde e o violeta. Imagino que estava vivenciando uma espécie de transe similar ao que os médiuns vivenciam quando incorporam alguma entidade e o rosto poderia ser do Espírito que estava próximo.

Observei, também, que vários fenômenos vividos e aparentemente esquecidos no tempo podem ser “resgatados” e trazidos para a consciência. Diversas experiências são reconstruídas mentalmente com uma riqueza de detalhes impressionante. Local, época, pessoas envolvidas e, muitas vezes, tom de voz ou algum aroma emergem do nada, como se o fato estivesse sendo revivido naquele momento.

O curioso, porém, é que tais lembranças se dão de uma forma muito agradável. Não há remorsos nem desejo de vingança. Ao contrário, a sensação que fica no corpo e na alma é de limpeza e de leveza. Essa experiência me fez rever algumas de minhas conclusões sobre a memória, defendida em meu mestrado<sup>19</sup> na FEUSP, em 1996. Em minha dissertação fui um crítico feroz do bergsonismo. Hoje, ao contrário, devo confessar que acredito que todas as nossas vivências ficam armazenadas, de fato, em nossa *alma* e que nos esquecemos de várias para vivermos o presente, porém, elas podem ser acessadas integralmente, como ele afirmava. Hoje não tenho mais dúvidas a esse respeito. Sem falar que, depois do desencarne, o que chamamos de alma se tornará o Espírito, e este terá sua memória resgatada, se assim o desejar e estiver preparado, tanto de sua última encarnação, como das anteriores.

Uma possível explicação para esse fenômeno está na possibilidade de, durante o estado ampliado de consciência,

---

<sup>19</sup> Educação ambiental, memória e topofilia: um estudo preliminar. 1996. Dissertação de mestrado - FEUSP, São Paulo.

acessarmos o que Eliade chamou de “Grande Tempo”, cuja característica é ser cíclico e neg-entrópico. Este seria o tempo sagrado que se opõe ao tempo profano, linear, irreversível e entrópico. O primeiro talvez seja o vivido pelo Espírito esclarecido e, o segundo, pelos encarnados e Espíritos ainda presos ao Ego.

Por meio de exercícios ou técnicas que ampliem a consciência, podemos experimentar o “Grande Tempo”, mesmo que seja por alguns minutos, como nas experiências de projeção astral.

Em um outro momento, visualizei cerca de cinco ou seis crianças, todas carecas e sorridentes, vestidas com uma bata laranja. Interessante foi notar que sobre os ombros havia uma linha de um branco intenso. Esses pequenos “budinhas” tibetanos pareciam estar diante de mim. Mas, quando me dei conta da agradável imagem, ela se desmanchou. Outra que me chamou bastante a atenção aconteceu meses antes de eu descobrir que em minha encarnação anterior eu havia sido um pajé da etnia Kaingang. Durante a auto-aplicação me vi ao lado de várias mulheres e crianças indígenas.

Essas pessoas estavam sentadas conversando e algumas das mulheres amamentavam. Mais adiante, vários homens dançavam em círculo.<sup>20</sup> Aquela visualização foi muito bonita e só fui compreender seu significado muito tempo depois, quando soube que eu havia sido um “selvagem” em uma encarnação anterior.

Uma conclusão que tirei de minha prática com o REIKI é a seguinte: a espiritualidade, como acontece com a tecnologia, se alimenta de si mesma. É o que atualmente vem sendo chamada

---

<sup>20</sup> Vários meses depois, aprendemos uma dança circular indígena com meu mentor e outra com uma entidade chamada Pena Branca. Mas não me recordo se a dança que visualizei era uma dessas duas.



de “lei da atração”. Ou seja, quando nos abrimos para a dimensão numinosa, mais a espiritualidade alimenta a espiritualidade. Quanto mais nos deixamos guiar pelo mundo interior, mais ele se expande e se torna complexo. Esse processo permite que novas revelações se manifestem e transformem o mundo espiritual em algo natural e espontâneo. A espiritualidade, em suma, perde o caráter de excepcionalidade e de sobrenatural, transformando-se em uma boa e agradável companheira de viagem.

Nem sempre, porém, as imagens que nos chegam são pacíficas. Em uma ocasião, visualizei um céu muito escuro onde predominava a cor roxa. Era um roxo muito intenso. De repente surgiu uma montanha muito alta e, em seu topo, havia um lobo que parecia estar uivando, apesar de não ouvir som algum. Sua direção apontava para a minha esquerda.

Não sei se o lobo se jogou ou se caiu, mas a imagem nítida em minha mente era dele despencando por um abismo enorme. Após sua queda, o céu que era roxo foi se tornando um violeta claro e, no seu centro, visualizei algo parecido com uma estrela tridimensional.

Ronecker, estudioso da simbologia animal, afirma que o lobo representa uma imagem arquetípica e iniciática. Como o guia das trevas, o lobo devora-se e antecipa o retorno da Luz. Assim, o lobo estaria relacionado com a alternância dia/noite.

Temos aqui o domínio do tempo cíclico e a imagem que descrevi parece representar plenamente esse processo: inicia-se com muita escuridão; em seguida, surge a alta montanha e o lobo; e quando este é devorado (a queda) a luz reaparece no céu. Quem sabe eu estava sob influência de algum Espírito obsessor e, ao me libertar do mesmo, meu inconsciente produziu essa imagem reveladora. Mas pode, também, ser algo relacionado ao meu processo de libertação do Ego. Enfim, não temos como saber, realmente, o significado dessa imagem tão profunda.

Como, atualmente, acredito que a noção de arquétipo de Eliade é mais complexa que a de Jung, uma vez que, para o

historiador das religiões, os arquétipos guardam intactas suas valências *metafísicas*, ou seja, espirituais, essas imagens devem representar informações ou revelações importantes, como acontecem nos sonhos.

Outra visualização interessante foi uma estrela de cinco pontas. Trata-se de um símbolo muito comum: o pentagrama. Na Mesopotâmia era considerado um símbolo da potência dos quatro cantos do mundo. Os gregos o chamavam de pentalfa (pent = 5 / alfa = primeira letra do alfabeto grego). Para os pitagóricos o pentagrama também era um símbolo da perfeição, enquanto, para os hebreus, seus cinco pontos estavam relacionados ao Pentateuco (os primeiros cinco livros do bíblia). No cristianismo, o pentagrama já foi associado às cinco chagas de Cristo e ao sacrifício. Posteriormente tornou-se um símbolo maléfico.

Curiosamente, não fui o único a visualizar essa estrela. Uma participante das vivências em grupo que hoje chamamos de Terapia Vibracional Integrativa (TVI), mas que, na época, chamávamos de Mandala-REIKI, sempre visualizava uma criança negra sentada em um jardim desenhando, no chão de terra, uma estrela de cinco pontas.

Uma das experiências mais interessantes foi quando fiz uma vivência de TVI com professores de uma escola pública. Na literatura espírita e na esotérica há vários relatos de que os Espíritos possuem aroma. Este tende a ser mais agradável de acordo com a iluminação do Espírito. Após a sessão, dois professores fizeram-me a mesma pergunta: qual era o incenso que eu estava queimando? Fiquei curioso com esse fato, pois não havia acendido nenhum incenso na sala.

Outra experiência de intensificação de nossos canais intuitivos aconteceu no dia em que fui brincar com uma vela. Após comprar uma vela dourada quadrada e acendê-la, resolvi encaixar uma placa arredondada de ágata azul na parafina derretida. Conforme a vela ia derretendo, a pedra se plasmava

com a mesma. Quando a vela já estava quase terminando, formou-se uma espécie de vala na frente da pedra. Nesse local, encaixei uma pequena imagem de Buda que possuía em casa. Ao fazer isso, ouvi uma voz me dizendo ao pé do ouvido: “Dê a vela para o Daniel”.

O único Daniel que eu conhecia na época era um professor de Tai Chi, em São Carlos, adepto do budismo tibetano. Resolvi atender ao chamado daquela voz e liguei para ele dizendo que tinha um presente para lhe dar. Quando ele viu a vela, contou-me seu significado. O Buda que usei é o chamado Buda das Crianças que, em algumas representações, aparece diante de uma bela lua azul. O Buda na frente daquela ágata parecia que estava, de fato, meditando diante de uma grande lua cheia de cor azulada.

Ampliar a intuição e ver muitas imagens e símbolos passou a fazer parte de minha rotina com o REIKI, apesar de em nenhum momento manifestar traços mediúnicos ostensivos. Todo o meu contato rotineiro com o plano espiritual é feito por meio de outros médiuns. Possivelmente, minha mais evidente mediunidade seja apenas a de “cura”.

Até agora me detive na apresentação das imagens e sensações que vivenciei. Não acho ético colocar aqui as imagens relatadas pelos pacientes, sem a autorização dos mesmos. Assim, vou apresentar apenas a experiência de uma amiga, professora do ensino fundamental, que me autorizou a contar nesse livro a visão maravilhosa que a impressionou bastante e me encantou também. Após o início da sessão coletiva (TVI), ela visualizou todos os participantes deitados no chão, inclusive ela. Pouco tempo depois, apareceu uma menina de aproximadamente sete anos de idade, loira e de cabelos encaracolados. A menina andava entre as pessoas com um balde em uma das mãos. Quando ela se aproximava dos participantes jogava um pó dourado na cabeça de cada um.

Além da beleza da imagem, quis narrar esse fato por uma questão didática. Soubemos, muito tempo depois, que ela tivera

um desdobramento consciente. Ou seja, ela saiu do corpo e assistiu ao que acontecia do outro lado. A menina que ela vira possivelmente é um Espírito que se identifica como Juliana e que, segundo me informaram, freqüentemente me acompanha. O pó dourado seria um tipo de fluido que ela, enquanto se divertia, jogava sobre os participantes.

Em várias sessões individuais costumo ver pequenas bolas douradas planando no ar. O problema é que, quando essas bolas aparecem na mente, nosso impulso é tentar observá-las com mais atenção. Quando fazemos isso, elas simplesmente desaparecem. Possivelmente, elas só podem ser vistas com o *terceiro olho*, com o olho da intuição e não com os olhos físicos ou com a razão. No início eu imaginava que eram fluidos. Posteriormente, soube que se trata de Espíritos presentes na sala.

Além das imagens visualizadas durante as sessões, acredito que os sonhos se tornam mais nítidos e realísticos após as sessões de REIKI. Desde o início dessa experiência espiritual, venho tendo uma série de sonhos muito vívidos. Vários deles, os que mais me impressionaram, eu os anotei. Isso foi importante, pois, com o passar do tempo, fui encontrando explicações para eles.

Um dos primeiros sonhos foi provocador. Acho que foi um dos poucos sonhos em que me senti envergonhado. Lembro-me de que, neste sonho, estava indo participar de um curso. Ao encontrar a sala de aula, notei que as carteiras possuíam uma etiqueta com o nome do aluno que nela deveria se sentar. Quando localizei a minha carteira, senti-me envergonhado por conta de um detalhe muito curioso. Sobre cada carteira, no teto, havia uma lâmpada fluorescente. Notei que a única lâmpada apagada era a que estava sobre a carteira onde eu deveria me sentar. Ou seja, todos os demais alunos eram *iluminados*, menos eu. Perceber que somente o meu lugar estava sem luz me incomodou muito naquele sonho.

Segundo Lobsang Rampa, a lâmpada é muito utilizada nos ensinamentos orientais. Ela simboliza a chama da vida, a

impermanência da existência na Terra e também nosso dever de trazer um pouco de luz aos que nos rodeiam.

Em minha opinião, o sonho anunciava o trabalho espiritual que eu realizaria. Mas, para que ele pudesse acontecer, eu precisaria, antes de tudo, acender minha *Luz*.

Outro sonho recorrente era o de estar voando. Eu tentava alcançar os planos mais elevados, mas era impedido pelos fios de alta tensão. Hoje interpreto esse sonho como o desejo de voltar para Capela ou ir para mundos mais elevados, mas minha baixa vibração eletromagnética me impedia de chegar onde desejava. Também interpreto como a necessidade de amar universalmente para aumentar meu padrão vibratório e, assim, ultrapassar as barreiras energéticas simbolizadas pelos fios de alta tensão.

Tais imagens não me parecem ser fruto de pulsões recalçadas (Freud) nem apenas uma predisposição do inconsciente coletivo, como acreditava Jung. Ao contrário, em minha opinião, elas manifestam um “modelo exemplar”, como sugeriu Eliade.

Mas a imagem mais fascinante até hoje não foi vista em sonho, mas durante as vivências de Mandala-REIKI, ou seja, da Terapia Vibracional Integrativa (TVI): o bizantino crucifixo que ornava a capela de São Damião. Para compreender essa experiência tive de me desvencilhar da teoria junguiana que acredito ser encantadora, mas limitada, por não aceitar a reencarnação como um fato natural.

Para tentar explicar várias imagens simbólicas manifestadas por seus pacientes, Jung propôs a idéia de inconsciente coletivo. É assim que ele justifica, por exemplo, o caso de um de seus pacientes que, sem conhecimentos históricos, descrevia uma imagem representativa de uma tribo que existiu há mais de três mil anos onde hoje é o território alemão. Sabendo que seu paciente não tinha “cultura” para conhecer esse fato, o criador da psicologia analítica levantou a hipótese de que a imagem emergira do *inconsciente coletivo*.

Essa teoria é um malabarismo fantasioso do Ego para fugir de uma constatação óbvia: a reencarnação e o arquivamento na alma de todas as experiências significativas do Ser, tanto em seu estado “errante” como na condição de Espírito encarnado. Apesar de não nos lembrarmos dessas memórias, é possível evocá-las por meio da regressão e de outras técnicas. Em alguns casos, por intermédio do REIKI isso também é possível. É dessa forma que consigo compreender a experiência abaixo, que considero uma das mais significativas até o momento, para mim.

Na atual existência física, eu não tinha conhecimento do tal crucifixo. Quando soube que a imagem que vinha em minha mente durante as focalizações da TVI era esse famoso crucifixo, comecei também a chamar essa técnica de “Círculo de São Francisco”, nome posteriormente utilizado, por sugestão de um de nossos instrutores, para denominar a ONG onde realizo gratuitamente os cursos de REIKI.

Segundo a tradição franciscana, a história do crucifixo é interessante. Acredita-se que ele tenha sido pintado por um artista (não se sabe quem), natural de Úmbria, no século XII. A imagem foi pintada em um pano e colada em uma madeira (nogueira). Suas dimensões originais eram: 1,90m de altura; 1,20m de largura e 12 cm de espessura.

Esse crucifixo, durante algum tempo, decorou o altar da Capela de São Damião, na cidade de Assis. Fortes indícios apontam que, em 1257, as Clarissas o levaram para a Igreja de São Jorge.

Durante 700 anos ficou guardado cuidadosamente, e sua exposição pública ocorreu na Semana Santa de 1957, sobre o novo altar da Capela de São Jorge, na Basílica de Santa Clara de Assis.

Acredita-se que o artista tenha alterado o formato tradicional da cruz para que pudesse incluir todos os participantes da paixão de Cristo.

Essa imagem, juntamente com a Oração pela Paz (a Oração de São Francisco), que segundo Leonardo Boff, “*nasceu anônima, na periferia, sem que ninguém lhe desse importância especial*”, manifesta, em muitas pessoas, independente do credo religioso,<sup>21</sup> um anseio por paz e tolerância, “acalorando corações” e “acendendo mentes” por seu caráter inspirador.

A Oração pela Paz apareceu pela primeira vez em 1913 numa pequena revista local da Normandia, França. Após sua publicação em Roma (20 de janeiro de 1916), um franciscano, visitador da Ordem Terceira Secular de Reims, na França, imprimiu um cartão tendo, de um lado, a figura de São Francisco com a regra da Ordem Terceira Secular na mão e, do outro, a Oração pela Paz. No impresso, colocou ainda a seguinte frase: “*Essa oração resume os ideais franciscanos e, ao mesmo tempo, representa uma resposta às urgências de nosso tempo*”.

Possivelmente, foi essa pequena frase que se tornou o elo revelador, permitindo que a oração deixasse de ser apenas Oração pela Paz para ser também conhecida como Oração de São Francisco ou Oração da Paz de São Francisco de Assis.

Como sabemos, a comunicação com os seres incorpóreos é um fenômeno natural, sem a exigência de rituais, bastando apenas o pensamento para nos vincularmos aos “bons” ou aos “maus” Espíritos. Assim é possível compreender racionalmente minha visão recorrente de tal crucifixo, durante vários meses. Se eu não tivesse recebido informações sobre uma encarnação como monge franciscano, poderia levantar a hipótese de ser fruto do inconsciente coletivo aquela imagem mental.

---

<sup>21</sup> Leonardo Boff lembra-nos de que, por ser simples e convincente, ela é recitada por crianças budistas no Japão, por monges taoístas no Tibete, por muçulmanos no Cairo, por babalorixás em Angola, por papas cristãos em Roma, pelos fiéis das comunidades de base na América Latina e até por operários em manifestações e ressaltando sua força ecumênica e de estímulo à tolerância e à diversidade.

Acredito que eu estava diante de uma imagem que, possivelmente, me foi muito familiar e querida alguns séculos atrás. Sua presença constante em minha mente pode ter sido também uma estratégia de meus mentores espirituais para que eu desse atenção ao fato e levasse a pesquisa adiante. O curioso é que, após descobrir seu significado e as revelações sobre meu passado franciscano, nunca mais visualizei espontaneamente tal imagem, hoje também símbolo da ONG Círculo de São Francisco.

Possivelmente, o mesmo aconteceu com o paciente de Jung. Se o criador da psicologia analítica fosse reencarnacionista, talvez concluísse que o tal operário sem cultura do século XX fora um dos membros da tribo que criou aquela determinada imagem simbólica há três mil anos.

O importante, porém, é termos em mente que a imagem do crucifixo deu origem a um trabalho que vem ajudando a despertar o *homo spiritualis* que será o verdadeiro homem *pós-moderno* quando a Terra se tornar um planeta de “regeneração”.<sup>22</sup>

---

<sup>22</sup> A doutrina espírita classifica os planetas em *Primitivo*, *Provas e Expiações*, *Regeneração*, *Felicidade* e *Angelical*. No momento a Terra ainda se encontra no segundo nível, mas já caminha para uma mudança de estágio. Já estamos vivendo o que os espíritas e outras correntes esotéricas chamam de “Exílio da Terra”, no qual vários Espíritos estão sendo retirados e conduzidos para planetas muito mais atrasados do que a Terra para continuar sua trajetória evolutiva, como aconteceu no chamado “exílio de Capela”, alguns milênios atrás.



## Capítulo X



### *Introdução à Terapia Vibracional Integrativa*

*“No corpo humano oculta-se uma certa substância metafísica que é conhecida de pouquíssimas pessoas e que não precisa de nenhuma medicina, pois ela mesma é a medicina incorruptível. Os filósofos, por meio de alguma inspiração divina, reconheceram a força e a celeste virtude dessa substância e aprenderam a libertá-la de seus grillhões, não por intermédio de algum princípio contrário, como o faz a física, mas sim por meio de uma medicina semelhante que há nele mesmo.*

*Brilha dentro de nós, ainda que tenuamente na escuridão, a vida e a luz do homem, uma luz que não emana de nós, mas que, no entanto, está em nós, e devemos, portanto, encontrá-la dentro de nós.”*

Dorn, alquimista do século XVI

O que chamamos de Terapia Vibracional Integrativa nasceu no ano de 2001, após eu ter realizado um curso de Karuna-REIKI. Durante o curso, em um dos momentos meditativos, visualizei um grupo de pessoas deitadas no chão formando um círculo. Reparei que as pessoas estavam com as cabeças voltadas para o centro da roda.

Quando o processo *iniciático* terminou, narrei essa visão muito nítida para os demais participantes e resolvi fazer uma experiência no trabalho voluntário<sup>23</sup> que realizava em escolas públicas e privadas de São Carlos. Alguns dias depois, passei a chamar essa técnica de *bioenergização cooperativa* de “Mandala-Reiki”.

A partir de maio de 2002, conseguimos um local para realizar as sessões de “Mandala-Reiki”: o *Centro de Estudos e Vivências Cooperativas e para a Paz*, uma organização espiritualista da cidade de São Carlos. Foi então que percebi o quanto é importante ter um espaço próprio para a realização das sessões. A qualidade energética e vibracional do trabalho melhora sensivelmente e facilita, sem dúvida, a presença da espiritualidade socorrista.

O trabalho passou a ser realizado em uma sala ampla onde também aconteciam, semanalmente, práticas de Hatha-Yoga, de Meditação, de Danças Circulares e de Tai Chi Chuan. Esse ambiente voltado para práticas de manipulação energética

---

<sup>23</sup> Em 2001, após ter concluído os três níveis do Reiki de Mikao Usui passei a realizar um trabalho voluntário unindo REIKI e Danças Circulares, com vivências em escolas particulares e em escolas estaduais de São Carlos. Intuitivamente, sempre acreditei que não deveria cobrar por esse trabalho que consistia em focalizar algumas *danças* antes da sessão coletiva de REIKI, na qual os participantes deitavam-se de forma aleatória pelo ambiente. Após a visualização, passei a orientar os participantes a deitar formando um círculo (mandala). É importante salientar que a forma não tem importância no trabalho espiritual com o REIKI, mas é um importante catalisador psicológico que favorece a introspecção e a respectiva energização bioenergética. Atualmente, a sessão ainda é feita em círculo, mas os participantes ficam sentados em cadeiras durante o processo, quando o espaço é pequeno ou não há como se deitar no chão. Com o tempo incluímos cromosofia e outras técnicas no processo.

facilitou o contato mais profundo com a espiritualidade, o que demonstra, realmente, que espiritualidade atrai espiritualidade, assim como tecnologia atrai tecnologia e dinheiro atrai dinheiro. Em outras palavras, a afinidade com determinados assuntos da vida é fator de atração de informações e pessoas para o indivíduo.

O trabalho voluntário realizado naquele Centro de Estudos passou a agregar um grupo bem heterogêneo de participantes: alunos dos cursos de Psicologia, de Terapia Ocupacional e de Enfermagem da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar); *médiuns* kardecistas e umbandistas; terapeutas florais e de Terapia de Vidas Passadas (TVP), esotéricos e ocultistas; entre outros interessados e curiosos.

A cada nova vivência, além de intuições para aprimorar o sistema, percebi que muitos fenômenos que poderiam ser chamados de “paranormais”, “espíritas” e/ou “transpessoais” aconteciam durante o processo. Nas noites em que focalizava as vivências, eu tinha muitos sonhos *realísticos*, daqueles que não temos certeza se estamos dormindo ou acordados. Eu conversava e discutia com alguém temas como preces, usar ou não velas e outros objetos, sugestões de nomes, etc.

Com o passar do tempo, comecei a ver, com os olhos abertos ou fechados, os fluidos (*prana*) e sua manipulação sobre o corpo físico dos participantes. Entre as *revelações*, uma me deixou particularmente fascinado. Foi a visualização do crucifixo bizantino que ornava a Capela de Assis, conforme relatei no capítulo anterior. Durante as focalizações de “Mandala-Reiki”, enquanto permanecia de olhos fechados, em várias ocasiões visualizei uma intensa e brilhante luz verde em minha mente. Comecei a reparar que a luz compunha uma imagem peculiar. Tratava-se de uma cruz, mas não uma cruz convencional. De tanto aparecer em minha mente, resolvi desenhá-la e tentar decifrar seu simbolismo.

Depois de alguns meses, mostrando o desenho para historiadores e outros pesquisadores, descobri com um

estudioso da Cabala que se tratava do crucifixo bizantino que adornou a capela de Assis, onde São Francisco teria recebido suas primeiras revelações espirituais.

A partir dessa informação fui pesquisar em *sites* e livros franciscanos outros detalhes sobre o crucifixo. Duas questões (uma teórica e outra existencial) estimularam minha curiosidade. A teórica relacionava-se à tentativa de compreender o significado simbólico e arquetípico daquela imagem. A existencial, por sua vez, estava associado à razão de ela ter aparecido em minha mente, já que eu me considerava uma pessoa espiritualista, mas sem vínculos com nenhuma religião ou seita.

Enquanto tentava compreender o porquê da visualização recorrente daquele ícone franciscano, durante a focalização do “Mandala-Reiki”, recebi, em uma tarde de inverno de 2002, a visita de dois médiuns kardecistas. Eles se diziam interessados em conhecer o trabalho que eu realizava naquele centro espiritualista. A visita me surpreendeu, pois já havia escutado vários espíritas se manifestarem criticamente em relação ao REIKI, sobretudo os chamados defensores da “pureza doutrinária”. Até aquele momento, o que eu sabia era que essa técnica não era recomendada como terapia pelas Federações Espíritas e havia Centros Espíritas na cidade que não aceitavam sua prática, mesmo gratuitamente, por não ser uma atividade “doutrinária”.

Mesmo assim, expliquei o que fazíamos naquele centro espiritualista. Aliás, até aquele momento, é importante esclarecer, eu ainda não tinha consciência da real dimensão medianímica do trabalho que realizávamos. Acreditava naquilo que haviam me ensinado. Ou seja, que o REIKI era uma forma de manipulação da energia cósmica (REI), por meio de símbolos sagrados do Oriente, sem a participação de seres incorpóreos<sup>24</sup> (Espíritos).

---

<sup>24</sup> Certa vez, recebendo REIKI, vi meu corpo deitado na maca e, além da pessoa que aplicava a energia, vi um japonês próximo a meus pés. Na época achei que se tratava de uma alucinação. Hoje eu sei que, na verdade, realizara um desdobramento e vira o que se passava do “outro lado”, ou seja, um ser desencarnado (de aparência oriental) fazendo um tratamento em meus pés.

Os dois kardecistas fizeram algumas sessões individuais e participaram de uma sessão de Mandala-Reiki. Alguns meses se passaram e montamos um grupo para realizar a pesquisa que consta nesse livro sobre os ensinamentos dos Espíritos em relação ao REIKI.

Eu já havia participado de algumas sessões espíritas com *incorporação* e tinha na família um *médium* famoso: meu avô paterno, Leon Sanches Marques, coordenador por muitos anos de um Centro Espírita na cidade de Tupã, uma pequena cidade do interior paulista. Isso talvez tenha me incentivado a conversar, sem receio, com os Espíritos.

Questões como reencarnação e vida após a morte nunca me perturbaram. Talvez por sempre ter me identificado com as filosofias orientais, como o budismo, e com as práticas de recolhimento e introspecção, como a meditação, o Tai Chi, o Yoga, entre outras que auxiliam na conquista de um estado ampliado de consciência e que, muitas vezes, levam-nos ao contato com o mundo dos Espíritos de uma forma também natural<sup>25</sup>.

Além dos ensinamentos sobre o REIKI, informaram-me que eu era um *capeliano* e que, na Terra, já encarnara<sup>26</sup> várias

---

<sup>25</sup> É o caso, por exemplo, da técnica chinesa *Hsuan Hsueh*, que consiste em preparar o discípulo para a realização de uma viagem astral consciente. Afirma-se que, ao retornar ao corpo físico, a pessoa se transforma. Depois de verificar empiricamente como é o mundo espiritual (o verdadeiro mundo), ela passa a ser mais cuidadosa com as suas atitudes, para que estas não afetem a vida de outras pessoas. Os relatos desses iniciados se assemelham aos casos de “quase-morte” estudados por pesquisadores ocidentais. Poderíamos falar também na Kundalini-Yoga, uma técnica que tem por objetivo aumentar a consciência do praticante, despertando a clarividência, a telepatia, a psicometria, etc., capacitando a pessoa a viver conscientemente entre os dois mundos, o dos encarnados e o dos Espíritos.

<sup>26</sup> Segundo o livro dos médiuns, de Allan Kardec, “*Deus, às vezes, permite que elas (existências passadas) sejam reveladas, dependendo do objetivo. Se for para a vossa edificação e instrução, as revelações serão verdadeiras, e, nesse caso, quase sempre feitas espontaneamente e de maneira inteiramente imprevistas. Mas nunca Deus as permite para satisfazer a vã curiosidade*”. Sei que tais revelações, de encarnações relativamente meritórias, tiveram a finalidade de me estimular a continuar na “luta”.

vezes no Oriente, tendo sido, por várias vezes, monge budista no Tibete, na China e em outros países. No Ocidente, na época do descobrimento das Américas, “representei” a personalidade de um frei franciscano, na Espanha. No século XVIII, vivi a personalidade de um filósofo espiritualista, em plena expansão iluminista e, posteriormente, a de um pajé indígena em solo brasileiro<sup>27</sup>.

Soube também que meu atual guia espiritual (*daimon*) se manifestava como uma postura simbólica de índio, utilizando o nome *Folha Verde*. Além de meu guia espiritual, ele havia sido o meu pai biológico quando encarnei no Brasil como um índio Kaingang.

Antes de prosseguirmos, acho importante levantar algumas questões sobre a comunicação com os “mortos” e a dificuldade de aceitar esse fato como natural. Lobsang Rampa, pseudônimo do inglês Cyril Hoskin, que se passava por um antigo monge tibetano, escreveu vários livros para tentar transmitir ao Ocidente a *psicosofia* (sabedoria espiritual) do Oriente. Seus livros são agradáveis e muito ricos em informações espirituais, demonstrando que, apesar de não ser um lama em missão no Ocidente, ele era, de fato, um notável especialista em cultura e filosofia tibetana. Porém, tal escritor também teve o seu “calcanhar-de-Aquiles”: aceitar a comunicação mediúcnica. Sua teoria sobre esse fenômeno é semelhante a dos primeiros teosofistas.

---

<sup>27</sup> Recebi informações também de encarnações femininas, como uma na África Central, em que fui uma camponesa e tive 6 filhos, muitos deles reencarnados e trabalhando também na ONG Círculo de São Francisco, embora não saiba quem são. Mas é importante salientar que não acho importante esse tipo de informação. O importante é o que buscamos realizar no presente, na atual encarnação, colocando mais amor em nossos atos exteriores, em suma, sendo instrumentos conscientes da Paz de Deus.

Em seus livros costuma desmerecer o trabalho espírita ao afirmar que a alma do Ser desencarnado teria atividades mais importantes para a realizar no mundo astral e não perderia tempo se comunicando em um Centro Espírita. Para explicar os mecanismos da mediunidade, o autor lançou mão de uma argumentação interessante, mas inconsistente: quem se comunica não é o Espírito, mas o corpo etérico<sup>28</sup> (duplo-etérico) de um desencarnado que ainda não se desmanchou.

Para Lobsang Rampa é esse corpo que se manifesta nas sessões espíritas. Em sua opinião, o duplo etérico, apesar de não ter consciência, seria capaz de se comunicar em razão do hábito nele impregnado. Alguns, segundo o *orientalista*, podem levar séculos para se decompor e, assim, ficariam vagando pelo mundo astral. E essa força etérica que vagaria sem rumo conseguiria deixar mensagens sem sentidos nas sessões espíritas. Em suas palavras, afirma: *“É claro que, se o tio Timóteo morreu e a tia Matilde quer entrar em contato com ele, ela irá a uma sessão e, graças ao magnetismo pessoal, atrairá o entorpecido duplo etérico do tio Timóteo. Esse duplo etérico não tem conhecimento algum, apenas hábitos, assim reagirá de modo bastante parecido com aquele pelo qual o tio Timóteo o fazia sobre a Terra e proporcionará apenas informações inúteis, porque não possui cérebro para orientá-las.”*

Já o escritor Joseph Murphy, também descrente da possibilidade de comunicação com os seres incorpóreos, no livro *Telepsiquismo* descreve e interpreta de forma bem singular uma sessão de materialização em um Centro Espírita. O escritor, na presença de outros cientistas, assistiu à materialização do Espírito de uma mulher. Além de conversar com o “fantasma”, a equipe

---

<sup>28</sup> Trata-se de um corpo fluídico importante para ligar o corpo astral (perispírito, segundo a nomenclatura espírita) ao corpo físico. Com a morte do corpo físico, esse corpo fluídico também se desmancha. A energia desse corpo costuma ser disputada pelos chamados “espíritos vampiros”, seres de baixa vibração apegados ao mundo material. Alguns videntes descrevem a situação lamentável desses seres que costumam freqüentar os cemitérios e até matadouros para absorver tais fluidos.

de cientistas mediu sua pressão e até cortou alguns fios de cabelo que, segundo Murphy, desmaterializaram-se alguns dias depois. Sua interpretação para este fato é muito criativa. O *fantasma* materializado teria sido fruto de imagens projetadas pelo subconsciente da filha da mulher já morta. Tais imagens, em contato com o ectoplasma do *médium*, teriam dado origem à materialização. Ele não chega a afirmar isso, mas era como se uma espécie de imagem holográfica, tridimensional e palpável, capaz até de conversar, tivesse sido produzida a partir do poder subconsciente da filha da mulher.

Essas duas interpretações demonstram como o tema da comunicação com os seres incorpóreos é ainda de difícil aceitação no meio espiritualista e científico, apesar da riqueza de informações transmitidas pela literatura mediúnica, durante todo o século XX.

Em breve, outras formas de comunicação com os “mortos” farão parte de nosso dia-a-dia, além da psicografia e da psicofonia. Será possível, então, para um maior número de encarnados, a comunicação com seres incorpóreos por intermédio dos mais modernos aparelhos científicos e tecnológicos. É a chamada *transcomunicação instrumental*, que até já foi capa da revista Isto é!, e já começa a chamar a atenção de alguns pesquisadores acadêmicos não dogmáticos.

Mas, como sempre, também haverá aqueles que, mesmo vendo, não acreditarão, invertendo a “polaridade” da famosa frase atribuída a São Tomé, ou ainda falarão que se trata de mais uma das estratégias *high tech* do demônio para atemorizar as mentes cristãs, passando-se por parentes e amigos desencarnados.

Quanto ao estudo do REIKI e de outras terapias vibracionais e medianímicas com os nossos instrutores incorpóreos, procuramos seguir as orientações kardequianas presentes em O Livro dos Médiuns. Os ensinamentos se concentraram na dimensão espiritual do tratamento: o papel dos médicos



desencarnados durante a sessão; a importância do aprimoramento moral do enfermo para obter a cura e também do terapeuta que quiser melhorar a qualidade de seus fluidos; o significado e papel dos símbolos que nós já conhecíamos; os novos símbolos, etc.

O tema “reforma íntima” ou “animagogia” mereceu destaque em nossos encontros e nossos instrutores sempre diziam que problemas morais não se resolviam com nenhum dos diferentes sistemas REIKI existentes sobre a Terra.

Fiquei surpreso, porém, no dia em que fui parabenizado por ter intuído corretamente a primeira forma de “Mandala-Reiki”. Ou seja, a imagem que intuía havia sido provocada por um dos instrutores, meses antes de nosso contato por vias mediúnicas mais ostensivas. Em outra aula aprendemos nova forma de conduzir o trabalho em grupo, enfatizando o tratamento de problemas emocionais através do uso de cores.

Essas revelações e ensinamentos me fizeram aceitar mais enfaticamente a reencarnação como um fato natural, assim como o é a Lei da Gravidade. Com isso, superei o conceito de “inconsciente coletivo” de Jung e passei a aceitar que a imagem de crucifixo que via frequentemente estava, de fato, em meu próprio inconsciente, ou seja, em minha alma, fruto de minha encarnação como franciscano, e não em um pretenso acervo da história da humanidade ou da herança genética de algum antepassado. Tratava-se de um saudável animismo,<sup>29</sup> importante para que eu pudesse me autoconhecer e realizar minha própria animagogia.

Quando tive a confirmação do significado simbólico daquela imagem, passei a chamar este trabalho de energização em grupo de “Círculo de São Francisco” e, com a criação da

---

<sup>29</sup> Trata-se da realização de fenômenos psíquicos por intermédio do próprio encarnado e não por ação de um desencarnado, o que seria classificado como fenômeno mediúnico, segundo o espiritismo.

ONG que recebeu esse nome, em 2003, passei a denominar a técnica como Terapia Vibracional Integrativa (TVI).

Além do REIKI, com a espiritualidade recebemos informações sobre o uso de plantas medicinais, cromoterapia, Do-in, técnicas de meditação, massagem, etc., práticas terapêuticas que passaram a compor as atividades da ONG que nasceu a partir dessa experiência mediúnica e foram se integrando ao corpo da Terapia Vibracional Integrativa (TVI).

A TVI lança mão do que chamarei de “danças numinosas”, ou seja, de movimentos corporais harmônicos que permitem a criação de um estado de hipoatividade psíquica no participante. Esses movimentos inspirados no Tai Chi Chuan e no movimento das Danças Circulares Sagradas, iniciado em *Findhorn*, comunidade espiritualista escocesa, têm por objetivo induzir o participante a uma lenta e progressiva dessensibilização dos estímulos exteriores, conduzindo-o a um estado sereno de meditação que, em alguns casos, resulta em estados extáticos similares ao *zazen* e ao *samadhi* relatados em práticas orientais.

Além de proporcionarem uma sensação de plenitude, as *danças* que antecedem o tratamento medianímico com o REIKI eliminam no participante quase todas as estruturas cognitivas que para nós ocidentais são “normais”. As categorias distintivas que compõem nosso mundo fenomênico também tendem a ser abolidas (objeto, sujeito, tempo, espaço).

Preferi chamar esses movimentos corporais de “danças numinosas” pois são formas de utilizar sistêmica e coletivamente a *mimese*, uma vez que a potência simbólica da linguagem corporal, potencializada no rito corporal, permite a comunicação/interação do fluxo energético compassivo durante o tratamento fluido-terapêutico. Assim, na TVI, elas são um meio e não um fim.

As danças numinosas oferecem ao participante uma forma de abertura lenta e gradual para estados de intro-versão e de intro-visão, importantes para que, durante o tratamento bioenergético, o participante consiga alcançar a Unidade Inefável

por trás das aparências, em suma, o absoluto por trás do contingente, a eternidade por trás do tempo, transmutando padrões estagnados de energia em seu corpo físico e também no perispírito, ao mesmo tempo em que expande a individualidade do participante e permite maior abertura ao Outro, à cooperação, à solidariedade. É por isso que a TVI é, simultaneamente, um trabalho espiritual e psicossocial.

Durante as danças que antecedem o tratamento energético pela imposição das mãos, vários participantes narram a visualização de cores, sentem muito calor nas mãos ou uma corrente energética dirigindo-se para os pés. Outros começam a bocejar, lacrimejar ou salivar. Segundo médicos taoístas, trata-se de sintomas típicos de transmutação de energia estagnada.

Por meio do contato mediúnico com alguns mentores soubemos que tais movimentos auxiliam na limpeza energética do perispírito. Daí a sensação de plenitude sentida pelo participante. As danças preparam e auxiliam a realização do trabalho seguinte: o REIKI em grupo.

É preciso salientar que é normal o participante visualizar imagens nítidas e intensas durante a prática. Quando isso acontece, significa que conseguimos nos abrir para aquela dimensão que Henry Corbin chamou de *imaginal*. Por isso, não podemos simplesmente reduzir essas visões numinosas a simples fantasias de nossa mente consciente, pois ao tentarmos dominar mentalmente essas imagens, elas simplesmente desaparecerão. O olho físico e a razão não são capazes de retê-las.

Lembro-me que, ao descobrir o significado do crucifixo e saber, por meio da espiritualidade, que eu já encarnara como franciscano, compreendi o que se passava comigo. A imagem que via era muito brilhante: ao redor do crucifixo e também em seu interior se manifestava uma cor verde intensa. A cruz continuou a aparecer em minha mente durante várias semanas.

Segundo os mentores espirituais que nos instruíram, a TVI possui duas dimensões complementares e importantes: uma

“psicossocial” e outra “fluídica” (energética). As danças ajudam, por meio dos movimentos, da respiração, dos toques físicos, etc., a criar o que chamei de *homo cooperativus*, uma vez que estimulam a vivência em grupo. Essa parte do trabalho fortalece o “emocional” do grupo e a união. Além dessa dimensão com os encarnados, as danças são importantes também para o tratamento de Espíritos desencarnados. Os fluidos liberados pelos participantes, sobretudo os fluidos de amor, amizade, carinho, etc., são armazenados pelos médicos siderais e utilizados no tratamento de desencarnados que estão se libertando de enfermidades oriundas do ódio ou do desejo de vingança ou que ainda sentem necessidade de fluidos animalizados, etc.

O trabalho fluidoterapêutico, realizado em seguida, conta com a ajuda da “espiritualidade”, ou seja, de seres desencarnados preparados para essa tarefa.

Para a realização da sessão, os procedimentos abaixo são indispensáveis:

1. Uma oração antes do início do processo de energização para que ocorra conexão mais forte entre os participantes e seus guias espirituais, afastando os Espíritos “inferiores” que tentam furar a egrégora energética.
2. O focalizador NUNCA deve comer carne no dia da sessão. Os fluidos negativos presentes na carne, pelo sofrimento do animal abatido, atraem esses seres que, apesar de desencarnados, ainda precisam desse tipo de energia densa. Os participantes também devem ser aconselhados a evitar consumir carne, fazendo uma refeição leve durante aquele dia.
3. Os participantes devem tomar um copo de água antes e um depois da sessão. Este procedimento auxilia no fluxo eletromagnético do tratamento.
4. Pessoas viciadas em drogas e que estão com muito ódio de alguém não devem participar do trabalho coletivo.

Essas pessoas devem ser encaminhadas para um tratamento individual (REIKI).

É importante salientar que problemas cármicos não se resolvem com essa técnica. Apenas alguns sintomas podem ser amenizados. O carma, para ser “desidratado”, só pode ser eliminado com o “suor do trabalho feito com amor” ou com as “lágrimas da dor”.

O tratamento fluídico, seja individual ou em grupo, é uma forma de *hierofania*. Ou seja, algo de sagrado nos é revelado. Como nos diz Eliade, tomamos conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano.

Como já salientou Eliade:

*“Para aqueles que têm uma experiência religiosa, toda a Natureza é suscetível de revelar-se como sacralidade cósmica. O Cosmos, na sua totalidade, pode tornar-se uma hierofania”.*

Para o historiador das religiões há duas modalidades de Ser no mundo: a profana e a sagrada. Esta última era a dominante nas sociedades não-modernas. Eliade, inclusive, diz que o homem dessas sociedades era o *homo religiosus*. No ambiente cibernético-informacional contemporâneo, a TVI favorece o desabrochar do *homo cooperativus*, outra modalidade de Ser no mundo capaz de integrar a sacralidade primitiva com as descobertas e a cientificidade do mundo atual.

A TVI reproduz no microcosmo o esquema dos ciclos arquetípicos que integram as diferenças entre os regimes diurno e noturno, estudados por G. Durand. E é importante afirmar que, como salientam os taoístas, sempre há a semente do outro pólo na manifestação de determinado padrão. É o que podemos

perceber no mito de *Urano* e *Gaia*, em Hesíodo, por exemplo.

*Urano*, apesar de ser um mito heróico, não deixa de representar atributos “noturnos”, pois é um mito envolvente. *Gaia*, por sua vez, apesar de ser *Yin*, é quem luta para se des-envolver dos laços de *Urano* e gerar os filhos que estão em seu ventre. Lembremos também que, ao contrário do neto *Zeus*, *Urano* praticamente não luta. Ele costuma laçar seus inimigos e trazê-los para seu lado.

Assim, simbolicamente, podemos vivenciar o jogo complementar entre a ascensão, que vai de *Gaia* (*Terra*) – que procura se des-envolver até atingir o *Ar* da transcendência –, e o processo de descida – que vai do *Ar* envolvente de *Urano* em direção à profundidade da *Terra* receptiva.

Por ser uma experiência inefável, é difícil nos reportar ao sagrado. Nesse sentido, lembrar as sábias palavras de Eliade nos traz algum conforto para tentar transmitir o que é uma vivência de TVI:

*“O sagrado manifesta-se sempre como uma realidade inteiramente diferente das realidades ‘naturais’. É certo que a linguagem exprime ingenuamente o tremedum, ou a majestas, ou o mysterium fascinans mediante termo tomados de empréstimo ao domínio natural ou à vida espiritual profana do homem. Mas sabemos que essa terminologia analógica se deve justamente à incapacidade humana de exprimir o ganz andere: a linguagem apenas pode sugerir tudo o que ultrapassa a experiência natural do homem mediante termos tirado dessa mesma experiência natural”.*

A focalização de uma vivência é muito tranqüila. Todo o processo deve ocorrer em um local limpo, preparado

exclusivamente para fins espiritualistas (aulas de Yoga, Tai Chi, meditação, etc.), podendo ser de piso frio ou não. Por meio da experiência notei que, quando o processo ocorre com os pés descalços, o fluxo de energia parece estabelecer as trocas necessárias entre os corpos físicos e o ambiente. A única vez em que focalizei uma vivência de sapatos, por uma semana senti dores na região dos tornozelos.

A aparência parece ser essencial para que a essência apareça. Assim, uma limpeza do ambiente é necessária, e não só uma limpeza das sujeiras visíveis, mas também de padrões energéticos que vibram negativamente, poluindo os ambientes.

Nesse sentido, 10 ou 20 minutos antes da vivência, o focalizador poderá enviar fluidos para o ambiente por intermédio de uma prece ou da meditação. Outra opção é utilizar abajures de cromoterapia para limpeza de ambiente.

Quando eu lecionava em uma faculdade particular em São José do Rio Preto (SP) notei que, todas as sextas-feiras, quando voltava para casa, eu passava o dia inteiro com dor de cabeça e vomitando. Eu ficava naquela cidade durante três dias (de terça até quinta-feira). Para tentar solucionar esse problema, comecei a chegar mais cedo à sala de aula e, sentado, meditava e a enviava fluidos para o ambiente, por meio de preces e meditações.

Comecei a notar que os alunos acostumados em fazer algazarra nos corredores, gritando, derrubando latas de lixo e praticando outros comportamentos “modernos”, ao pisarem em sala de aula pareciam receber um choque eletromagnético. Não posso afirmar que eles se transformavam em santos, mas o comportamento mudava significativamente.

Cheguei a fazer uma experiência a distância com uma amiga que concluía recentemente seu mestrado na Faculdade de Educação da USP e que não estava mais conseguindo lecionar em uma escola pública. Por e-mail ela me narrou a mudança no comportamento da classe durante o período em que estive

meditando e enviando bons fluidos para os alunos. Infelizmente, ela não me autorizou a dar mais detalhes de nossa experiência nem a citar seu nome com medo de perder o emprego ou ser chamada de “maluca” por seus pares incrédulos.

Incensos ou essências aromáticas não possuem nenhuma propriedade transcendental, não afastam Espíritos nem trazem sorte, mas ajudam a aromatizar o ambiente, tornando-o mais agradável. Alguns aromas ajudam a relaxar. As velas são objetos decorativos, ajudam a criar uma ambiência mais prazerosa, com iluminação aconchegante, podendo ser ou não usadas.

A prece feita com sinceridade e Fé, antes e depois da vivência, é sempre obrigatória. É ela que nos une a nossos protetores espirituais, conectando-nos aos Espíritos iluminados e benevolentes e formando uma corrente espiritual de fluidos benéficos.

Há na TVI uma simbologia manifestada na posição em que os participantes deverão permanecer durante o tratamento. Essas posições nos remetem à simbologia do centro, do círculo, da cruz e do quadrado, que atuará não no plano espiritual propriamente dito, mas na criação de uma ambiência mais receptiva ao tratamento fluídico.

Vamos aos símbolos. O centro simboliza todo princípio, o real absoluto, Deus. É no centro que se condensam e coexistem as forças opostas. Assim, é o lugar onde há a maior concentração de energia. Isso não significa que o centro seja estático. Ao contrário, deve ser considerado como o foco de onde parte o movimento da unidade para a multiplicidade, do interior para o exterior, do eterno para o temporal. Os processos de retorno, dessa forma, são movimentos de busca da unidade perdida. O centro possui uma significação esotérica: é o alimento místico que emana do centro e também o alimento biológico que emana do sangue materno. Em várias culturas, o centro é simbolizado como o umbigo da Terra.

O círculo, por sua vez, é o segundo símbolo fundamental. O círculo é um centro estendido. Como o centro, simboliza a



perfeição, a homogeneidade, a ausência de distinção ou de divisão. Por isso, o movimento circular é considerado perfeito, imutável, sem começo ou fim. O círculo remete à simbólica do tempo e também do céu. E mais especificamente ao mundo espiritual, invisível e transcendente.

No centro do círculo todos os raios coexistem numa única unidade. Essa representação é encontrada, por exemplo, tanto na simbologia do zodíaco como também na dos doze *aditya* da Índia, os cavaleiros da Távola Redonda ou o Conselho Circular do Dalai-Lama. Na Psicologia Analítica, o círculo representa uma imagem arquetípica da totalidade da psique. É o símbolo do *self*.

Por sua vez, a cruz é um dos símbolos mais antigos da humanidade. Em Creta foi encontrada uma cruz de mármore datada, possivelmente, do século XV a.C. Como o quadrado, que veremos a seguir, também simboliza a Terra, mas com uma diferença sutil: a cruz está muito mais relacionada à ligação, à intermediação. A cruz, no Ocidente, está fortemente associada à simbólica do 4, portanto, da totalidade, já que a cruz aponta para os 4 pontos cardeais. Na China, por sua vez, a cruz está relacionada ao número 5, pois considera também o centro, o ponto de interseção que coincide com o do círculo, como salientamos.

Independentemente disso, é importante ressaltar que a cruz possui uma função de síntese e de medida. Na cruz se juntam o céu e a terra, o tempo (norte/sul) e o espaço (leste/oeste). Assim, a cruz recorta, ordena e mede os espaços sagrados. Para alguns estudiosos, a cruz pode ser comparada ao *Kua* (união do Yin e do Yang) ou à *tetraklis* pitagórica.

O quadrado, o último dos quatro símbolos fundamentais, representa a matéria terrestre, o corpo e a realidade. Representa o imanente e tem fortes homologias com a simbólica do quatro, talvez muito mais do que a cruz. As mandalas tântricas são quadrados de quatro portas cardeais. O quadrado é a figura de base do espaço, assim como o círculo é a do tempo. Para os

pitagóricos, o quadrado representa a síntese dos quatro elementos (a água, o fogo, a terra e o ar).

Por fim, podemos afirmar que o círculo e o quadrado representam dois aspectos divinos complementares. O primeiro representa a unidade; o segundo, a manifestação divina. Por isso, entre eles, há ora uma relação de distinção, ora de conciliação. Em suma, o formato quadrangular representa a perfeição da esfera no plano terrestre.

O deitar ou o sentar em círculos, formando um mandala, é importante para favorecer a meditação em profundidade. Não é à toa que, na psicologia analítica, mandalas são utilizados para conservar a ordem psíquica ou para restabelecê-la.

As danças que antecedem o processo de energização costumam ocupar aproximadamente um quarto do tempo dedicado à vivência. Minha experiência mostra que as danças ajudam a criar uma ambiência propícia ao trabalho seguinte, mas quando o grupo resiste às danças é preciso respeitá-lo e iniciar diretamente o trabalho energético. Normalmente, pessoas muito racionais e que não deram a atenção devida ao próprio corpo e a suas necessidades são as que mais resistem ao trabalho propedêutico com as danças.

Notei também que as pessoas tendem a aprender determinado movimento corporal em três etapas. Na primeira, estão muito preocupadas em aprender os movimentos com a “cabeça”. Nessa etapa, também, a maioria tem medo de errar, tem vergonha de estar sendo ridícula diante dos outros, etc. Curiosamente, quanto mais tentamos dominar os movimentos mentalmente, mais nos confundimos e trocamos os passos ou os movimentos. Essa primeira etapa é um importante momento de aprendizado e de consciência corporal.

Aprendi que o focalizador precisa exercitar a paciência e deve sempre proporcionar uma ambiência descontraída e alegre para que o grupo não se intimide caso não consiga fazer os movimentos, sobretudo quando se trabalha com professores

que se consideram “críticos”.

Em uma segunda etapa, não necessariamente no segundo encontro, os participantes começam a dominar os movimentos e a se encantar. De fato, passam a mexer o corpo, pois este já consegue se movimentar sozinho, independente da razão, e o prazer alcançado se intensifica. Já riem e não têm mais a sensação do ridículo.

A terceira etapa, porém, é a mais importante. Ela acontece quando os movimentos vêm do fundo da alma. É nesse momento que a centelha do Divino é percebida. Sente-se calor nas mãos, sente-se a energia fluindo pelo corpo, aparecem cores na mente, algumas pessoas começam a bocejar, lacrimejar, salivar, etc. Todos esses sintomas são formas de transmutar energias estagnadas nos diferentes corpos que possuímos.

Nesse estágio, os participantes estão experimentando mudanças e emoções purificadoras. Velhos pensamentos começam a se dissolver e as energias negativas são descarregadas no ambiente, sendo transmutadas.

A seguir, apresento a descrição de três danças numinosas que podem ser facilmente utilizadas em uma vivência. Uma delas, a chamada Meditação de São Francisco, é a que sempre deixo para o final, pois acredito que ela possui uma carga espiritual profunda, como se fixasse os limites entre o espaço sagrado e o profano.

As danças numinosas que utilizo são inspiradas, como coloquei anteriormente, em danças circulares de intro-versão e intro-visão, e também no Tai Chi Chuan.

A mimese foi chamada por Merleau-Ponty de “magia natural”. Os ritos operatórios das danças numinosas permitem realizar essa ação “mágica”, pois são danças que utilizam sistêmica e coletivamente a mimese por intermédio da potência da linguagem corporal. As danças, quando realizadas com amor, permitem a manifestação da substância divina, do numinoso.

## **Meditação do Equinócio**

A primeira dança que descreverei, a “Meditação do Equinócio”, permite uma abertura simbólica para a energia típica das estações intermediárias, o outono e a primavera. Ela se baseia em uma coreografia de Joyce para a música “Sinfonia da Primavera” e apresenta fácil articulação entre os movimentos das pernas, dos braços e a respiração.

Os participantes, que devem estar voltados para o centro da roda, iniciam a dança com uma das mãos sobre o chakra cardíaco e a outra sobre o chakra umbilical. Não importa a ordem, apesar de a mão direita ser considerada mais *yang* que a esquerda.

Cada participante dará dois passos lentos em direção ao interior da roda e, ao mesmo tempo, suas mãos devem fazer dois giros no ar e se abrir como se fossem reverenciar o Céu. Em seguida, o participante realiza o movimento oposto, retornando à posição original.

A respiração deverá seguir o movimento. Quando o participante se dirige para o centro do círculo, inspira longa, suave e profundamente. Ao retornar, no mesmo intervalo de tempo, ele faz a expiração.

Nas primeiras experiências, o participante pode fazer os movimentos com os olhos abertos. Mas, conforme for adquirindo prática e interiorizando os movimentos, pode fazê-los com os olhos fechados. Os movimentos podem ser realizados com ou sem música.

## **Meditação da Flor**

Esta dança também é baseada em uma coreografia de Joyce. A respiração aqui é livre, de acordo com a respiração habitual de cada participante.

O movimento começa com ambas as mãos no chakra umbilical. Em seguida, com um movimento de expansão lateral

dos braços, recolhe-se a energia localizada em volta do corpo e a traz para frente do chakra. Em pouco tempo o participante sente que entre as mãos se forma uma bolha de energia. Nesse momento, deve começar a acariciá-la por inteira. Segurando a bolha, o participante levanta-a e passa-a em frente dos principais chakras. Ao chegar na altura do cardíaco, começa a abrir os braços, estendendo-os por cima da cabeça. Nesse movimento, tem-se a impressão de que os fluidos caem sobre o participante na forma de uma suave chuva.

Em seguida, o participante desce os braços até a altura do chakra umbilical e conclui levando o excesso de energia para o plexo solar. O ciclo recomeça e é repetido pelo tempo que desejar.

Cada participante deverá realizar o movimento lentamente, em seu próprio ritmo.

Essa coreografia mimetiza o ciclo de vida, com o nascimento, o crescimento, a reprodução e a morte, que originará uma nova espécie, reiniciando o ciclo. A transmutação energética é muito forte.

### **Meditação de São Francisco**

Esta dança baseia-se em coreografia de Renata Ramos e é composta de quatro etapas. Cada participante inicia o movimento com os braços para baixo. Ao inspirar, os braços devem ser levantados, lentamente, formando uma cruz na altura do chakra cardíaco. Em seguida os braços vão se fechando como se fossem abraçar uma árvore. Quando as mãos se juntam, elas se direcionam para o centro do peito. Todo esse movimento é realizado durante a expiração.

O terceiro movimento consiste em formar uma espécie de concha com as mãos e levá-las para acima da cabeça, ao mesmo tempo em que inspiramos. Por fim, o participante solta o ar descendo os braços como se estivesse vestindo um véu energético sobre todo o corpo.

Gosto de realizar esta “coreografia” com o mantra hindu *Om Nama Shiva* ao fundo.

Para concluir esse capítulo, podemos dizer que a TVI é uma técnica de meditação numinosa e *neg*-ativa (no sentido da não ação, o *wu wen* taoísta) capaz de levar o participante a atingir um estado hipermetabólico oposto ao estado de vigília ou, em outras palavras, um estado ampliado de consciência. Nas primeiras experiências a pessoa pode vivenciar apenas uma sensação agradável de descontração e tranqüilidade. Porém, no decorrer das vivências é possível chegar ao êxtase (a capacidade de colocar o organismo e todo o Ser a serviço de uma comunhão metacognitiva, acessando o *self* e permitindo a contemplação do numinoso em seu esplendor).

Muitas pessoas relatam imagens belíssimas. É preciso salientar que não se trata de meras fantasias da mente consciente. Ao contrário, por ser uma técnica que estimula o participante a se entregar às atividades metacognitivas, é possível acessar imagens que se escondem no âmago do Ser, no *self*. Nesse sentido, não se trata de um estado *alterado* de consciência, mas de um estado *ampliado* de consciência.

Do ponto de vista terapêutico, a TVI auxilia todos aqueles que buscam tratamento para as contradições da existência por intermédio do Espírito. O mundo moderno, caracterizado pela esquizofrenia, pode se beneficiar dessa técnica. Professores e outros profissionais que lidam com o público e sofrem um tipo agudo de estresse classificado pelos profissionais da saúde como *Burnout* também se sentem aliviados após cada sessão.

É importante ressaltar que o principal objetivo da técnica é auxiliar o desabrochar do *homo cooperativus*. Assim, para encerrarmos esta comunicação, gostaria de fazer uma reflexão sobre o que vem a ser o imaginário da cooperação.

O antropólogo francês Gilbert Durand, atualmente uma

das principais referências quando o assunto é o “imaginário”, identificou no *sapiens* três forças dinâmicas que formam as bases arquetípicas de todo o pensamento e de toda a ação que manifestamos no mundo fenomênico. Se isso já não fosse suficiente para o imaginário ganhar *status* acadêmico, Durand ressalta ainda que é por intermédio do imaginário que o *sapiens* encontra equilíbrio antropológico para *enfrentar* ou *diluir* a angústia em relação ao tempo que passa e em relação à consciência da própria morte. Em suma, nossa forma de pensar, sentir e agir manifesta essencialmente nosso relacionamento com a lâmina da foice de *Cronos*, da qual, mais cedo ou mais tarde, todos iremos sentir o sabor.

Essas três bases arquetípicas universais e encontradas em todos os povos ou culturas, receberam as seguintes denominações: estruturas heróica, mística e dramática.

A estrutura heróica do imaginário é aquela que se caracteriza, sobretudo, pelo combate, pela dissociação, pelo enfrentamento. É a estrutura da discriminação, tanto positiva como negativa. Essa estrutura parece ser a predominante no mundo moderno e contemporâneo, sobretudo no Ocidente, influenciando significativamente nossa linguagem, banal ou acadêmica. O conflito ou a separação aparece, freqüentemente, nas palavras-chave da modernidade (por exemplo, na expressão *desenvolvimento*, que, ao pé da letra, significa *sem envolvimento*) e também nas expressões dos militantes políticos (lutar, combater, etc.) ou dos esportistas (adversário, meta, defesa, ataque, etc.).

Não é sem razão que a hipertrofia da estrutura heróica em nossa *psique* leva a uma militarização do mundo e, como apontam vários psicólogos de linha junguiana, para uma naturalização da esquizofrenia como norma de comportamento, uma vez que a dissociação é sua força motriz. Podemos encontrar também a estrutura heróica do imaginário manifestando-se fortemente por intermédio do chamado *paradigma cartesiano*, cuja característica é a separação dos *objetos* em diferentes reinos ou

dicotomias (corpo e mente, natureza e cultura, entre outros).

O ativismo desenfreado e pouco imaginativo do Ocidente ou sua obsessão pela grandeza (um bom exemplo é o World Trade Center, nos Estados Unidos) é interpretado por James Hillman, psicólogo norte-americano junguiano, como uma forma de enfrentamento e não aceitação da morte, das emoções e da natureza.

Por outro lado, a estrutura mística do imaginário é aquela que se caracteriza pela união, pela mistura, pelo envolvimento. Não é à toa também que essa estrutura do imaginário predomina nas culturas orientais, de onde surgem expressões como YOGA (palavra do idioma sânscrito que significa integração), REIKI (expressão japonesa que significa união da energia cósmica com a vital) e outras que procuram considerar não mais a existência de dicotomias, mas sim de polaridades dentro de uma única realidade. Essa estrutura do imaginário também tende a predominar nas culturas não-modernas e esteve fortemente presente nas sociedades matriarcais.

No plano lingüístico encontramos, portanto, outras metáforas se manifestando: é o tecer, o abraçar, o envolver que costumam ser expressos com mais ênfase quando há o predomínio dessa estrutura. Segundo Yves Durand, psicólogo francês que criou um teste projetivo denominado AT-9, depois da meia-idade a estrutura mística do imaginário começa a se manifestar com mais intensidade, tomando o lugar da estrutura heróica marcante na primeira parte de nossas vidas. Jung, por sua vez, já salientava que a segunda etapa do processo de individuação não deixa de ser uma preparação para a morte. Essa mudança de sensibilidade foi denominada *metanóia*.

Experiências de quase-morte, segundo alguns pesquisadores, também costumam provocar metanóia, e a natureza, a fragilidade humana, etc. passam a ser aceitas e vividas pela pessoa que, com essa mudança de sensibilidade, começa a cultivar uma relação mais compreensiva com o outro e uma



relação mais profunda com o sagrado.

No plano científico, essa estrutura do imaginário se manifesta com mais profundidade naqueles que evocam o chamado paradigma holístico.

E a estrutura dramática? Ela, segundo Durand, é a mais difícil de ser observada, pois não seria uma simples síntese das duas anteriores, mas a estrutura que possibilita religar as duas descritas anteriormente. Este religamento, no plano científico, já havia sido assinalado por Edgar Morin e outros pensadores aos discutirem o chamado paradigma holonômico, no qual a Parte é revalorizada por também conter o Todo.

Uma metáfora que nos permite ilustrar a diferença entre essas três estruturas é a da relação entre as árvores e a floresta. A estrutura heróica, que fundamenta nossa visão militarista, ativa, desenvolvimentista, cartesiana, etc., é aquela que, quando polarizada, nos faz enxergar apenas as árvores isoladamente. Por sua vez, a estrutura mística do imaginário, fundamentando uma mentalidade holística, quando polarizada, nos leva a ver a floresta ou as relações entre as árvores, porém, extingue toda a singularidade de cada espécie. É o que Morin chamou de “redução pelo Todo”. Por fim, a estrutura dramática, uma estrutura “andrógina” por excelência ou paradoxal (*oximorônica* segundo os pré-socráticos), é aquela que nos permite valorizar simultaneamente as árvores e a floresta.

Dito isso, podemos intuir qual é a estrutura do imaginário que estimula a cooperação e, de forma recursiva, compreender qual a estrutura do imaginário que é valorizada ou expandida quando cooperamos.

Em minha opinião, a cooperação está diretamente relacionada à estrutura dramática do imaginário. É fácil identificar, por meio da apresentação resumida anterior, que a competição é uma manifestação fenomênica essencialmente “heróica”, pois valoriza a luta, a destruição ou a derrota do concorrente, do adversário, etc. Mas qual seria a manifestação

da outra polaridade, cultivada a partir da estrutura mística do imaginário? A cooperação? Não acredito, pois, se assim o fosse, seria necessária uma não aceitação da individualidade como acontece nas sociedades tradicionais e estaríamos diante de uma outra forma de reducionismo, a da redução pelo Todo, como já salientamos. É claro que é possível observar aqui uma espécie de solidariedade, de vivência comunitária, mas que parece funcionar muito mais na base da “cooptação” do indivíduo pelo sistema instituído do que pela cooperação voluntária pelo bem comum.

Assim, a cooperação, como um sentimento interiorizado e não apenas como estratégia econômica, parece ser uma forma de expressão criativa da estrutura dramática do imaginário e, portanto, uma forma de ver, sentir e agir no mundo capaz de cultivar uma formosa e densa floresta onde se é possível também se deslumbrar com a beleza singular de cada árvore envolvida em sua trama. É o que temos percebido quando praticamos a Terapia Vibracional Integrativa (TVI).

## Capítulo XI



### *O paradigma holonômico e a Terapia Vibracional Integrativa*

*“Quanto mais investiga a natureza, mais se convence o homem de que vive num reino de ondas transfiguradas em luz, eletricidade, calor ou matéria, segundo o padrão vibratório em que se exprimam.*

*Existem, no entanto, outras manifestações da luz, da eletricidade, do calor e da matéria, desconhecidas nas faixas da evolução humana, das quais, por enquanto, somente poderemos recolher informações pelas vias do Espírito.”*

***Espírito André Luiz***

Em seu livro *Mecanismos da mediunidade*, o Espírito André Luiz recorre ao conhecimento científico de Terra para tentar explicar os fenômenos mediúnicos e, também, o que mais nos

interessa neste momento: os processos de irradiação eletromagnética. Como afirma o autor incorpóreo, com o advento da mecânica ondulatória:

*“...mais da metade do Universo foi reconhecida como um reino de oscilações, restando a parte constituída de matéria igualmente suscetível de converter-se em ondas de energia.*

*O mundo material como que desapareceu, dando lugar a tecido vasto de corpúsculos em movimento, arrastando turbilhões de ondas em frequências inumeráveis, cruzando-se em todas as direções, sem se misturarem.*

*O homem passou a compreender, enfim, que a matéria é simples vestimenta das forças que o servem nas múltiplas faixas da Natureza e que todos os domínios da substância palpável podem ser plenamente analisados em linguagem matemática, embora o plano das causas continue para ele indevassado, tanto quanto para nós, as criaturas terrestres temporariamente apartadas da vida física.”*

Segundo André Luiz, nossos conhecimentos ainda não estão aptos a equacionar o meio sutil em que os sistemas atômicos oscilam. Einstein chamou esse espaço de *campo*, e o escritor incorpóreo preferiu definir o meio sutil em que o Universo se equilibra como sendo o Fluido Cósmico, a força “inabordável que sustenta a Criação”. Esse fluido seria, portanto, “a base mantenedora de todas as associações da forma nos domínios inumeráveis do Cosmo, do qual conhecemos o elétron como sendo um dos corpúsculos-base”.

No caso particular de cada criatura humana, sua aura ou halo vital será tecido por correntes atômicas sutis emanadas,

sobretudo, pelos sentimentos e pensamentos. Respeitando as leis dos *quanta* de energia e da mecânica ondulatória, a aura apresenta determinada cor peculiar, freqüentemente descrita pelos videntes. Nesse sentido, cada pessoa faz vibrar uma onda mental própria. Assim, nosso pensamento é o agente essencial para as realizações, seja no plano físico ou no extrafísico. Em outras palavras, como esclareceu André Luiz, por intermédio da indução mental:

*“(no domínio da energia elétrica) um corpo que detenha propriedades eletromagnéticas pode transmiti-las a outro corpo sem contato visível. No reino dos poderes mentais a indução exprime processo idêntico, porquanto a corrente mental é suscetível de reproduzir as suas próprias peculiaridades em outra corrente mental que se lhe sintonize. E tanto na eletricidade quanto no mentalismo, o fenômeno obedece à conjugação de ondas, enquanto perdure a sustentação do fluxo energético”.*

Podemos afirmar que o Espírito, encarnado ou não, pode, por homologia, ser comparado a um dínamo complexo. Ele é ao mesmo tempo, gerador, indutor, transformador e coletor de energia. Além disso, é capaz de assimilar correntes contínuas de força e, simultaneamente, exteriorizá-las. Segundo André Luiz:

*“Erguendo-se sobre os vários departamentos do corpo, a funcionarem por motores de sustentação, o cérebro, com as células especiais que lhe são próprias, detém verdadeiras usinas microscópicas, das quais as pequenas partículas de germânio, na construção do transistor, nos conjuntos radiofônicos miniaturizados, podem oferecer imperfeita expressão.*

*É aí, nesse microcosmo prodigioso, que a matéria mental, ao impulso do Espírito, é manipulada e expressa, em movimento constante, produzindo correntes que se exteriorizam, no espaço e no tempo, conservando mais amplo poder na aura da personalidade que se exprime, por meio de ação e reação permanentes, como acontece no gerador comum, em que o fluxo energético atinge valor máximo, segundo a resistência integral do campo, diminuindo de intensidade na curva de saturação.*

*Nas reentrâncias de semelhante cabine, de cuja intimidade a criatura expede as ordens e decisões com que traça o próprio destino, temos, no córtex, os centros da visão, da audição, do tato, do olfato, do gosto, da palavra falada e escrita, da memória e de múltiplos automatismos, em conexão com os mecanismos da mente, configurando os poderes da memória profunda, do discernimento, da análise, da reflexão, do entendimento e dos multiformes valores morais de que o ser se enriquece no trabalho da própria sublimação.”*

Assim, o Ser, encarnado ou não, é capaz de produzir e irradiar vibrações eletromagnéticas cujas frequências variam conforme os estados mentais do emissor. A alma articula, a seu redor, as radiações das sinergias funcionais. Em outras palavras, a alma se encontra envolvida em uma aura de forças eletromagnéticas. Por essa razão, tudo o que pensarmos gerará formas-pensamento que serão lançadas para o Universo, criando a nossa volta uma psicoesfera eletromagnética que atrairá forças (pensamentos, entidades, etc.) de mesma vibração. Assim, podemos compreender o “*é dando que se recebe*”, da oração de Francisco de Assis ou a lição de Paulo (6:7), de que “*iremos ceifar aquilo que semearmos*”.

Cada Espírito, pelo poder vibratório emanado, imprime um fluxo energético que está manifesto em sua personalidade. E, ao custo de inúmeras encarnações, aumenta seu padrão vibratório conforme converte sua *vontade de prazer* em *prazer em servir*. Assim, a cada vez que decide voltar para o mundo material, visando a seu aprimoramento e à purificação, o Espírito precisa de um novo equipamento especial: o corpo físico. É neste que encontrará o cérebro, um poderoso computador capaz de organizar tais correntes vibratórias, transformando-as em imagens, vozes, cores, palavras, entre outros sinais adequados às faixas de sintonia natural da Terra, o ambiente em que vivemos.

A cada nova experiência na Terra, temos a sensação de que estamos iniciando do zero uma nova jornada, uma vez que nos esquecemos de nossas antigas experiências, seja na carne ou nos intervalos entre as encarnações. Os ocultistas falam da existência de um corpo fluídico denominado “tela búdica”. Tal corpo teria por finalidade impedir que as informações que se encontram em nosso perispírito (corpo astral) cheguem a nossa mente consciente. Para os ocultistas, a mediunidade ostensiva seria um problema *cármico*, uma vez que os erros (ausência de amor) cometidos em vidas passadas danificariam essa tela. A única forma de “consertá-la” seria por intermédio da caridade (benevolência, indulgência e perdão).

Nesse ponto, ocultistas e espíritas estão de acordo. Apesar destes últimos não aceitarem a existência do corpo sutil, afirmando que a mediunidade é apenas um fenômeno orgânico, ambos defendem que a mediunidade não pode se transformar em profissão.

Voltando ao pensamento, podemos afirmar que ele é, em suma, um produto concreto da consciência do Ser. É o modo de o Espírito modelar os fluidos à sua vontade, dando-lhe formas, propósitos e, às vezes, objetivos. Isso acontece consciente e inconscientemente. É por essa razão que podemos afirmar que todos nós somos *médiuns*, pois, como agente de indução,

nosso pensamento, ao ser exteriorizado na forma de ondas, voltará para nós mesmos enriquecidos com os daqueles (encarnados ou não) que estão sintonizados com as mesmas criações mentais.

Por isso torna-se fundamental o “vigiar”, sem paranóias, obviamente. Esse “vigiar” é importante se pretendemos nos sintonizar com as esferas mais sublimes e com os Espíritos nobres, uma vez que, como nos alerta André Luiz:

*“Estamos ligados em Espírito com todos os encarnados ou desencarnados que pensam como pensamos, tão mais estreitamente quão mais estreita a distância entre nós e eles, isto é, quanto mais intimamente estejamos comungando a atmosfera mental uns dos outros, independentemente de fatores espaciais.*

*Uma conversação, essa ou aquela leitura, a contemplação de um quadro, a idéia voltada para certo assunto, um espetáculo artístico, uma visita efetuada ou recebida, um conselho ou uma opinião representam agentes de indução, que variam segundo a natureza que lhes é característica, com resultados tanto mais amplos quanto maior se nos faça a fixação mental ao redor deles.”*

Poucas pessoas se dão conta desse fato, pois, quando ligada ao cérebro, a consciência do encarnado se restringe. Além disso, há muito misticismo envolvendo o mundo oculto (invisível), criando rituais, amuletos e outras estratégias ineficientes de proteção. A única forma de se proteger dos fluidos deletérios emanados por encarnados ou desencarnados está na fórmula ensinada por Jesus: “Orar e vigiar”. Lembrando apenas que orar não é repetir palavras ou frases decoradas, mas emanar do



coração nossos mais sinceros agradecimentos e amor a Deus. E como o fluido cósmico é o caminho para a comunicação entre os Espíritos, não é preciso implorar por meio de sonoros gritos. O som se propaga no ar, mas a prece se propaga também no silêncio e no recolhimento.

É por isso que a força do sentimento e do pensamento pode ser construtiva ou destrutiva, proporcionando alcançar resultados tangíveis como a somatização de doenças, de um lado, ou a facilitação da cura, de outro. É importante mais uma vez nos lembrarmos de André Luiz quando afirma:

*“Quanto mais enobrecida a consciência, mais se lhe configurará a riqueza de imaginação e poder mental, surgindo, portanto, mais complexo o cabedal de suas cargas magnéticas ou correntes mentais, a vibrarem ao redor de si mesmo e a exigirem mais ampla quota de atividade construtiva no serviço em que se lhe plasmem vocação e aptidão”.*

Podemos observar que o pensamento é o responsável pelos comandos mentais que orientam nosso envoltório psicossomático (perispírito) em suas atividades incessantes, gerando, conforme o caso, os processos de saúde ou de enfermidade, a harmonia ou a desarmonia, etc.

Especificamente, para se atuar com a TVI, é necessário buscar sempre manter uma constante higiene espiritual, cultivando sentimentos amorosos e pensamentos elevados. Por sua vez, o paciente que busca auxílio na TVI necessita compreender que a busca pela elevação espiritual através da Fé, da mudança de atitudes e da vontade o faz ter condições de recolher em sua constituição fisiopsicossomática os fluidos magnéticos que lhe chegam através da TVI. Além disso, também precisa realizar sua higiene espiritual, a chamada reforma íntima ou

animagogia, para que possa, de fato, ser curado de alguma enfermidade, uma vez que saúde e enfermidade resultam da harmonia ou desarmonia do indivíduo diante das leis numinosas que atuam sobre o plano físico.

O Espírito Ramatís, em seu livro *Fisiologia da alma*, escreve o seguinte:

*“As moléstias, portanto, em sua manifestação orgânica, identificam que no mundo psíquico e invisível aos sentidos da carne a alma está enferma! O volume de cólera, inveja, luxúria, cobiça, ciúme, ódio ou hipocrisia que porventura o Espírito tenha imprudentemente acumulado no presente ou nas existências físicas anteriores forma um patrimônio “morbo-psíquico”, uma carga insidiosa e tóxica que, em obediência à lei da harmonia espiritual, deve ser expurgada da delicada intimidade do perispírito. O mecanismo ajustador da vida atua drasticamente sobre o Espírito faltoso; ao mesmo tempo que o fardo dos seus fluidos nocivos e doentios vai-se difundindo depois pelo seu corpo físico.”*

A medicina atual, infelizmente, ainda se preocupa muito mais com a doença (o processo de o Espírito drenar seu psiquismo doentio através do corpo físico) do que com o doente em si. Essa drenagem receberá infinitas nomenclaturas: lepra, tuberculose, câncer, Aids, etc. Isso talvez ocorra pelo fato de a causa da moléstia ser, quase sempre, dinâmica e oculta aos olhos físicos. O Espírito doentio que despeja na carne os fluidos deletérios só será pensado como doente quando o processo de materialização física se tornar evidente, alterando os tecidos, deformando órgãos, perturbando os sistemas vitais.

Como já salientamos, é por intermédio do amor e dos

pensamentos que se pode modificar a ética dos sentimentos, agindo sobre nosso temperamento e, também, sobre a organização celular do organismo físico. Enquanto encarnado, o Espírito se serve do cérebro para produzir ondas de força que circulam por todo o corpo físico e graduam-se conforme o campo energético. Ramatís faz a seguinte correlação entre os pensamentos/sentimentos e seu efeito no corpo físico:

*“...o medo ataca a região umbilical, na altura do nervo vagossimpático, e pode alterar o funcionamento do intestino delgado; a alegria afrouxa o fígado e o desopila da bÍlis; enquanto o sentimento de piedade reflui instantaneamente para a região do coração. A oração coletiva e sincera, da família, ante a mesa de refeições é bastante para acalmar muitos espasmos duodenais e contrações opressivas da vesícula hepática, assim como predispõe a criatura para a harmonia química dos sucos gástricos. O corpo físico é o prolongamento vivo do psiquismo; é a sua forma condensada na matéria, por cujo motivo sofre com os mais graves prejuÍzos os diversos estados mórbidos da mente. A inveja, por exemplo, comprime o fígado, e o extravasamento da bÍlis chega a causar surtos de icterícia, confirmando o velho refrão de que a ‘criatura quando fica amarela é de inveja’. O medo produz suores frios e a adrenalina defensiva pode fazer eriçar os cabelos, enquanto a timidez faz afluir o sangue às faces, causando o rubor. Diante do inimigo perigoso, o homem é tomado de terrível palidez mortal; a cólera congestionava de sangue o rosto, mas paralisa o afluxo de bÍlis e enfraquece o colérico; a repugnância esvazia o conteúdo da vesícula hepática que, penetrando na circulação, produz náuseas e as tonturas.”*

Os sentimentos não amorosos e o pensamento negativo afetam todas as partes do ser humano; atua no sistema nervoso, linfático, endócrino, circulatório, etc., alterando a composição e o funcionamento dos órgãos físicos. Essa é uma lei imutável e que explica a quase totalidade das enfermidades físicas. Essa explicação, aliás, já vem sendo aceita por alguns médicos da Terra. Ela demonstra como nossos “erros” (ausência de amor nos atos praticados) atuais agridem nosso corpo físico, mas como explicar as chamadas “doenças cármicas”? ou seja, aquelas adquiridas em vidas passadas?

Segundo Ramatís, a reencarnação seria também uma espécie de “homeopatia espiritual”. Ou seja, o Espírito, em um novo corpo físico, passa a sentir em si os mesmos efeitos daninhos que semeou alhures. No período de uma encarnação, ele se reeduca. Em outras palavras, tem a oportunidade de se retificar psiquicamente, renovando sua mente, pois a purificação do Ser deve ser feita de dentro para fora. Os fluidos disponibilizados em uma sessão interpenetram o perispírito imortal do enfermo, processando desde a esfera mental até as extremidades do corpo físico, atuando como catalisador que desperta energias, acelerando reações no organismo combalido e intensificando e elevando o quantum de vitalidade adormecida, desde que, como dissemos, o paciente tenha despertado sua natureza receptiva, predispondo seu campo mental e astral para a absorção da energia dinamizadora.

Esta questão demonstra que a lei do carma não é fatalista, mas que o livre-arbítrio (amor universal X egoísmo) é capaz de facilitar a cura. Vejamos o que coloca Ramatís:

*“...Mesmo a criatura mais deserdada na vida física ainda pode servir-se de sua vontade e atuar na origem ou na essência de sua vida imortal, usando de força mental positiva para desatar as algemas da infelicidade, ou sobrepujar em Espírito os próprios*

*efeitos cármicos do seu passado delituoso. Então é a própria lei cármica que passa a ser dirigida pelo Espírito em prova e que inteligentemente procura ajustar-se ao curso exato e evolutivo da vida espiritual, integrando-se ao ritmo natural de seu progresso; ele abstém-se de resistir ao impulso sábio que lhe vem do mundo oculto do Espírito e harmoniza-se paciente e confiante aos objetivos do Criador. (...) as criaturas confiantes no sentido educativo da vida humana não só extraem as mais vigorosas energias da própria dor, como ainda superam o seu sofrimento acerbo e produzem obras e trabalhos notáveis”.*

A TVI promove as forças internas que se potencializam para eliminar resíduos tóxicos que impedem a harmonia orgânica. Daí o sono e a paz descrita pelos pacientes. Porém, o sucesso da cura, no caso de enfermidades físicas, depende da maior cota de forças que se consiga economizar para que o corpo possa reparar suas desarmonias orgânicas, o que se faz necessário através da redução ao mínimo do serviço dos órgãos nutritivos e drenadores do corpo físico para melhor aproveitamento da energia disponibilizada, o que se consegue com a diminuição do consumo de cigarros e bebidas alcoólicas, com uma alimentação mais equilibrada etc.

Porém, como nos ensina Ramatís:

*“Embora a dor e o sofrimento sejam desagradáveis, a sua função é a de transformar a vestimenta perispiritual oriunda das energias telúricas do mundo animal na contextura delicada da túnica Angélica. A encarnação do Espírito nos mundos planetários é providência abençoada, que desenvolve a sua consciência e proporciona-lhe a oportunidade de alcançar a ventura pelo mérito do esforço pessoal. A*

*sua demora no contato com a matéria provém do desejo sempre insatisfeito e do apelo demasiado à grande ilusão da vida física, como se esta fora a verdadeira vida. Os entretenimentos ilusórios da matéria e as paixões perigosas, quando muito cultuados, enfraquecem a vontade e a hipnotizam de retorno à linhagem animal que constitui a base do perispírito. Mas é de lei divina que todas as almas terminem saturando-se pela mediocridade dos sentidos físicos e modifiquem seus planos e destinos, para buscarem em definitivo as compensações elevadas dos mundos espirituais.”*

Sobre a importância da Fé, da Vontade e do Merecimento para a cura, no livro *O passe: seu estudo, suas técnicas, sua prática* o escritor espírita Jacob Melo conseguiu uma síntese elucidativa. Citando Kardec, ele nos esclarece que a Fé está diretamente relacionada com a ação magnética. É por seu intermédio que o homem atuará sobre o fluido. Assim, a união da capacidade fluídica com a fé é capaz de realizar curas que, para uma pessoa que desconheça essa lei natural, passariam a ser tratadas como “milagres” ou como “prodígios”. Assim, sem a fé, faltará ao paciente o catalisador fundamental para a cura. Como nos lembra esse autor:

*“Fé, portanto, é ação. É a confiança operando. Ao contrário do que muitos imaginam, a fé não é passividade acomodada nem a expectativa contemplativa; ela nos solicita raciocínio, razão, paciência, trabalho e humildade. Daí nos preocuparmos com os esclarecimentos que devem ser dados aos pacientes e aos espíritas em geral, a fim de, compreendendo a maneira como se dão as curas, possamos usar a razão, que nos fará rejeitar os*

*absurdos, com a paciência humilde do ‘Pai Nosso, (...) seja feita a vossa vontade’ – e não necessariamente ‘a nossa’–, confiantes de que nossas dores de hoje, se bem suportadas, transformar-se-ão nas glórias de amanhã.”*

Por sua vez, para entender o valor do merecimento, é necessário aceitarmos a teoria reencarnacionista. O merecimento está relacionado, diretamente, ao *quantum* de amor emanado pelo Espírito. Quando este consegue, independentemente das vicissitudes da vida humanizada, emanar sempre amor, não importando se está diante de uma situação material agradável ou não, positiva ou negativa, mais ele liberta-se do chamado Ego e mais saudável tende a ser sua vivência na Terra. Em outras palavras, uma doença física decorrente da purificação do perispírito comprometido em encarnações anteriores, poderá ser curada ou aliviada se, na atual encarnação, o enfermo se esforçar para melhorar seu padrão vibratório, amando universalmente.

Assim, assumir a responsabilidade pela própria cura é um importante caminho para a aquisição de méritos. No meio espírita, ocultista ou esotérico, sabe-se que muitas vezes enfrentamos moléstias que nós mesmos solicitamos antes de nossa reencarnação, com o objetivo de purificarmos nosso corpo astral ou perispírito. Neste caso, passar por vicissitudes negativas sem se frustrar ou sofrer é o melhor caminho para superar tais acontecimentos, e sem perder a Fé e a felicidade, que é um estado natural do Espírito.

É por isso que a expiação, ou seja, a necessidade de vivenciar as vicissitudes, não é uma punição imposta por Deus, mas trata-se de uma bênção divina para que o Espírito, em sua jornada eterna, possa colocar em prática o amor universal e não se frustrar ou sofrer diante de uma vicissitude negativa.

Quanto à vontade, tanto a do terapeuta em auxiliar na

cura como a do paciente em ser curado aumentam de forma significativa a intensidade dos fluidos emitidos e a capacidade de absorção, respectivamente. Em suma, *similia similibus curantur*, ou seja, os semelhantes curam os semelhantes. Este princípio caro à homeopatia também vale para a TVI.

Em suma, podemos concluir que nem todos os enfermos terão sucesso com a TVI, apesar de termos observado a melhora significativa de portadores de deficiência física e até de deficientes mentais nesses mais de cinco anos de prática. Obviamente que, alguns Espíritos humanizados, ainda necessitarão das medicinas agressivas e invasivas em razão de seu atual padrão vibratório. Assim, o paciente eletivo, que apresenta predisposição para o tratamento fluídico, é aquele que dinamiza em si uma disposição animadora para as vibrações curativas. O excesso de condições psíquicas negativas dificultará sua incorporação energética. Por isso se diz que a Fé, a Vontade e o Merecimento são necessários.

E como vimos, essas condições não vêm de fora, pois cabe ao próprio indivíduo adquirir merecimento mudando o padrão de seus sentimentos e pensamentos. A crença nas forças magnéticas e a convicção na sobrevivência da alma são fatores que ajudam a avivar e a clarear o campo da aura, permitindo que a energia circule e seja absorvida com mais facilidade durante a sessão. Caso contrário, a mente enferma pode formar uma barreira que dispersa as vibrações enviadas pelo terapeuta.

Infelizmente, há quem acredite que, quanto mais cara uma sessão de cura vibracional, independente da técnica utilizada, mas eficiente é o terapeuta. Na verdade, a cura depende mais do enfermo do que do terapeuta. Por exemplo, o glutão, o impiedoso, o descrente, o libidinoso, o alcoólatra, o colérico, o avarento terão menos condições de ser curados (não são pacientes eletivos) do que a pessoa frugal, piedosa, pacífica, honesta, casta, espiritualista, abstinência, etc., independente do valor pago pela sessão.

Livre das energias inferiores ou do bombardeio de petardos



tóxicos da mente desordenada, o paciente terá mais sensibilidade espiritual e se sintonizará com mais facilidade às forças magnéticas da TVI. Assim, quanto mais consciente e convicto da sobrevivência espiritual, mais receptivo estará à ação terapêutica vibracional. O filósofo alemão Schopenhauer, estudioso do budismo, escreveu: “*Hoje em dia (século XIX), quem não acredita no magnetismo não é cético, é um ignorante*”. O que poderia ser dito, então, neste limiar de século XXI?

Infelizmente, o número de pessoas cujas condições mentais e emotivas são ideais para um tratamento terapêutico vibracional ainda é pequeno. A maior parte dos enfermos está viciada em procurar uma doença, sem saber que é seu psiquismo perturbado, nesta ou em outra encarnação, que gerou seu problema mórbido.

Para estes, infelizmente, resta apenas submeter-se à medicação tóxica e à peregrinação por consultórios médicos, nos quais todo o seu organismo é minuciosamente esquadrinhado sem que um resultado satisfatório apareça, pois, na maioria dos casos se está buscando apenas uma diagnose externa.

Em outras palavras, a cura depende, sobretudo, do próprio paciente. Serão seu zelo, perseverança, paciência, mudanças de atitudes (emanação de sentimentos amorosos ao invés de egoístas), crença nos propósitos sábios e educadores da vida na Terra, etc. que abrirão caminho para sua desintoxicação psicossomática. Sem a reforma íntima, ou seja, de um amplo processo de animagogia, a TVI será também inócua. De nada adiantará o paciente sair *pisando em nuvens* após a sessão se o restante do dia for feito de cólera, ódio, ciúme, etc.

A TVI ajuda a aliviar a carga mórbida de seu psiquismo, mas não tem forças para violar o “livre-arbítrio” de ninguém, pois não tem como modificar o caráter espiritual de um Ser.

Uma criatura que não emana amor irá, com o tempo, comprometer novamente seu psiquismo caso volte a perpetrar

os mesmos desatinos espirituais. A TVI não tem como impor os princípios morais superiores. Isso é obtido pelo próprio enfermo por intermédio de sua *animagogia*. A TVI proporciona condições mais otimistas e estimulantes para o autoconhecimento e para a cura. Porém, se não houver a contrapartida do enfermo, nenhum êxito ele encontrará nesse tipo de tratamento.

Lembrando novamente as sábias afirmações de Ramatís:

*“É evidente que, por maior abnegação e amor existentes num médium ou passista magnético, o seu trabalho resultará quase inútil desde que o paciente não empreenda a sua renovação mental e se integre ao evangelho de Jesus, ou mesmo aos princípios nobres e elevados de qualquer outra doutrina louvável de pedagogia espiritual”.*



## Conclusão

*Crê-se geralmente que, para convencer, basta mostrar os fatos; esse parece com efeito o caminho mais lógico, e, todavia, a experiência mostra que não é sempre o melhor, porque vê-se, freqüentemente, pessoas às quais os fatos mais patentes não convencem de modo algum. A que se deve isso?*

Allan Kardec

Este livro encerra nosso estudo sobre o REIKI, iniciado em 2001, através do contato mediúnico com as entidades espirituais que se identificaram, ao longo do trabalho com um nome coletivo: Espírito de Liberdade. Esta é a quarta e definitiva edição.

A resposta da espiritualidade aos nossos questionamentos enfatizou a necessidade da animagogia (reforma íntima), o valor da Fé e do merecimento para se obter a cura, não importando a técnica utilizada. Também esclareceu o papel dos símbolos, reconduzindo-os ao seu lugar, ou seja, como representação de ensinamentos morais, relacionados, diretamente, ao caminho da Iluminação, dentro da tradição oriental.

Nesse sentido, foi enriquecedor e ilustrativo compreender o significado moral de cada um dos símbolos, o chakra a ele

relacionado e também descobrir dois símbolos pouco difundidos no Ocidente, relacionados aos chakras frontal e coronário.

Porém, um dos ensinamentos mais importantes é o valor do sentimento e dos pensamentos positivos ou elevados para salvaguardar nosso processo de libertação espiritual, evitando, assim, os atalhos que podem nos levar ao “precipício”.

Em nosso primeiro livro (*Dharma-Reiki: o aprimoramento espiritual e a caridade como caminhos para a cura – ed. Sírius, 2004*), classificamos o REIKI como um tratamento vibracional, medianímico e bionerético. Naquele livro, já salientávamos que o REIKI não cura a causa da enfermidade. Esta deve ser curada com a animagogia, através da mudança de sentimentos e pensamentos. O REIKI ou a TVI apenas alivia a carga deletéria que se encontra plasmada em nossos corpos, no físico e nos sutis.

Hoje temos muito mais evidências empíricas de que são os pensamentos, as emoções e as atitudes não amorosas que afetam a constituição física de uma pessoa. Portanto, para curar uma enfermidade que se encontra no corpo físico, deve-se, sempre, ir à causa. O REIKI e a TVI tratam o que chamamos de sintomas primários, mas que continuam sendo sintomas e não a causa. Em outras palavras, uma mente descontrolada pode emitir fluidos deletérios que irão se concentrar no corpo energético (perispírito). Para ser drenado, chegarão ao corpo físico podendo somatizar-se em alguma enfermidade. Assim, o que a medicina chama de “doença” é o sintoma secundário de uma enfermidade que está na alma. Em essência, não existem doenças, existem doentes.

Quando acumulado no corpo energético, estamos diante do sintoma primário. É nesse nível que o REIKI e outras terapias podem melhor atuar, ajudando a eliminar essa toxidade energética sem que ela cause maiores prejuízos ao veículo físico daquela pessoa. Porém, o controle dos sentimentos e dos pensamentos que geraram tal carga energética deletéria não está ao alcance do REIKI. O próprio enfermo é quem deve fazer as

transformações interiores necessárias. É por isso que a participação ativa do enfermo é sempre fundamental para que se possa obter a verdadeira cura. Sem a sua animagogia, todo o processo é inócuo.

A pessoa que paga para receber REIKI, costuma jogar a responsabilidade pela cura nas costas do terapeuta. É mais fácil pagar para alguém o tratar do que se esforçar para se transformar interiormente.

E como foi possível aprender com a espiritualidade, não é o símbolo quem cura, mas o seu ensinamento possui uma lógica “iniciática”. Em outras palavras, os símbolos permitem que a pessoa se abra às realidades mais sublimes e, dessa forma, ative energias antes estagnadas ou adormecidas em seu chakra básico.

Como vimos, o chakra básico está ligado à sobrevivência. Normalmente, a pessoa que se encontra deprimida ou com idéias suicidas possui este chakra sem energia. Pessoas insensíveis ou sem contato com a realidade material também. Por outro lado, pessoas violentas costumam ter o chakra umbilical superativado.

O plexo solar costuma sediar as emoções ditas “inferiores”: ira, ódio, ressentimento, ansiedade, medo, egoísmo. Tais energias tornam-no superativado. Em harmonia, torna-se a sede da coragem, da perseverança e do desejo de vencer as provas terrestres.

O chakra cardíaco está relacionado diretamente como os sentimentos mais elevados, tais como a serenidade, a paz, a bondade, a gentileza, a ternura, a prudência, a paciência, o perdão etc. Ao ser ativado, ajuda a canalizar as formas elevadas de energias emocionais.

O chakra laríngeo é ativado em atividades como o estudo, a arte, o planejamento etc. Está relacionado com a nossa capacidade mental concreta, mas pode ser ativado para a criatividade superior/espiritual.

O chakra frontal normatiza nossa capacidade mental superior, abrindo o ser para uma consciência cósmica, enquanto o chakra da coroa (coronário), abre-se para as esferas transpessoais, intuitivas e medianímicas. Portanto, para além do raciocínio dedutivo ou indutivo.

Os chakras, nesse sentido, além de centros de energia, são sedes de funções psíquicas e, portanto, nossas atitudes (amorosas ou egoístas), pensamentos ou sentimentos podem produzir energias (vibrações) que podem facilitar ou dificultar seu funcionamento saudável. Nossos pensamentos e sentimentos são capazes de nos afetar e nos vincular a outras pessoas, encarnadas ou não. Quantas pessoas morrem de medo de macumba e de feitiços, mas se esquecem da fonte de tudo isso: o pensamento. A inveja pode causar mais estragos em uma pessoa do que um trabalho em uma esquina, quando o “macumbeiro” se concentra mais na forma do ritual do que na intenção desejada. Nossa mente é uma grande usina atômica que pode ser utilizada para o Bem (amor incondicional) como para o Mal (egoísmo).

Os ensinamentos morais que cada símbolo do REIKI traduz, procuram indicar um caminho possível para superar esse ciclo doentio. Quando o REIKI passa a ser difundido apenas como mais uma terapia exterior, perde completamente o seu sentido profundo.

Devemos nos lembrar que os verdadeiros mestres da Meditação, do Yoga e de outras práticas espiritualistas orientais ensinam que todas estas atividades devem ser precedidas por uma rigorosa preparação que inclui o estudo moral e o altruísmo. Sem esta base espiritual, tais práticas podem resultar em experiências desagradáveis. O mesmo acontece com o REIKI e a TVI, neste livro estudadas.

Segundo a espiritualidade, um dos maiores campos de prova para o Espírito humanizado é o REIKI. Está técnica se tornou a coqueluche do momento, com revistas e livros “especializados”. Rituais e malabarismos são criados diariamente

para criar espetáculos cada vez mais caros. A “sintonização” na técnica costuma ser mais cara quanto mais apetrechos são utilizados no ritual-espetáculo. Alguns “mestres” assopram as mãos do iniciante, outros usam penas, outros espadas e assim por diante. Porém, as únicas coisas realmente necessárias para se enviar energia ou REIKI é a boa vontade, o amor e o pensamento elevado.

O REIKI nada mais é do que a emissão de nossa energia vital ou ectoplásmica. Todos nós temos energia para doar, uns mais outros menos. No espiritismo, a pessoa que tem muita energia para doar é chamada de “médium de cura”. Estas pessoas são as que terão melhores condições para aplicar o REIKI. Uma pessoa que não tenha energia para doar, mesmo que faça o curso com o mais popular mestre de REIKI, não terá como ajudar a espiritualidade socorrista. E quanto mais Fé e amor disponibilizar, mais auxílio do Alto ela obterá.

Ninguém precisa de mestre, de símbolos ou de qualquer outro objeto material para enviar energia, mas alguns “mestres” ensinam que somente o “kit esotérico” comprado em sua própria loja é capaz de ajudar a pessoa a enviar REIKI, entupindo o incauto de espelhos, cristais, flautas de bambu e outros apetrechos materiais. Mas como disse a espiritualidade, somos todos instrumentos para a prova do outro. Aquele que acredita nessa história é porque merecia passar por isso e Deus aproxima o que deseja “enganar” daquele que necessita ser “enganado”.

A pessoa que acredita que só será “sintonizada” quando alguém falar algumas palavras de ordem, assoprar suas mãos, fazer com que fique em posições ridículas, como colocando as mãos entrelaçadas sobre a cabeça por cinco minutos e, além disso, paga quinhentos, mil ou até cinco mil reais por este teatro, desconhece que a realidade espiritual é muito mais simples e que está sintetizada na frase de Jesus: “bata e a porta se abrirá”.

O ensino do REIKI é importante, mas em relação ao como proceder para enviar energia sem se enfraquecer, sem sofrer

nas mãos de entidades obsessoras e para enfatizar a importância da animagogia (reforma íntima) e os ensinamentos morais dos símbolos. E como afirmou Kardec (G, p. 10), o espiritismo deve ser a resultante do ensinamento concordante e coletivo dos Espíritos. E, mesmo que alguns “espíritas” não aceitem que o REIKI é um “fato espírita”, os Espíritos, em vários trabalhos mediúnicos pelo Brasil afora, vem se manifestando e afirmando que ele é uma técnica que deve ser praticada sempre de forma desinteressada e amorosa.

E como foi possível compreender nas respostas da espiritualidade, sintonização, símbolos e outros elementos materiais não são necessários para se canalizar energia. Apenas a boa vontade, o pensamento elevado e o desejo sincero de auxiliar o próximo são necessários para realizar esse trabalho caritativo. E, essencialmente, quem realmente cura é Deus, quando a pessoa possui o merecimento para se livrar de uma determinada enfermidade. Para isso, são seus instrumentos os Espíritos desencarnados preparados para essa missão e os encarnados que participam doando ectoplasma, ou energia zôo.

A transformação interior seja do atendente ou do consulente, é o que mais importa. Daí a necessidade de se enfatizar os ensinamentos morais dos símbolos, já que eles são um verdadeiro tratado de animagogia (educação espiritual).

Gostaria de encerrar esse livro com duas mensagens psicografadas, uma por Divaldo Franco e outra por Chico Xavier. Na primeira, o Espírito que se identifica como Joanna de Angelis comenta o valor das filosofias e das práticas orientais no mundo contemporâneo:

*“A grandiosa contribuição do pensamento oriental, de Buda a Vivekananda, a Ramakrishna e outros, dos taoístas tibetanos aos físicos nucleares, enseja a revisão dos parâmetros aceitos, bem como dos modelos*



*estabelecidos, propondo a identificação de fórmula com aparência diversa, no entanto, que se harmonizam, unindo duas culturas – a do passado e a do presente – em uma síntese perfeita, em favor de um homem e de uma mulher holísticos, completos, ao revés de examinados em partes.*

*Esse concurso que se vinha insinuando multissecularmente, logrou impor-se através das terapias libertadoras de conflitos, tais a meditação, a respiração, a oração, a magnetização da água, a bioenergia, os exercícios de tai-chi-chuan, o controle mental de inegáveis resultados nas mais variadas áreas do comportamento, do inter-relacionamento pessoal, da saúde ...*

*(...) Somente quando estudado na sua plenitude – Espírito, perispírito e matéria – podem-se resolver todos os questionamentos e desafios que o compõem, alargando-lhe as possibilidades de desenvolvimento do deus interno, facultando completude, realização plenificadora, estado de Nirvana, de samadhi, ou de reino dos Céus que lhe cumpre alcançar”.*

A outra mensagem, é do Espírito Batuíra, psicografada por Chico Xavier, e que serviu de inspiração durante o período de aprendizado com a espiritualidade, além de nos dar força para enfrentar todas as críticas e preconceitos enfrentados durante essa jornada:

*“É imperioso fortalecer o coração e não permitir que o desânimo sobrevenha; permanecer no campo das obrigações próprias e trabalhar, confiar e esperar.*

*O senhor é conosco. Somos o instrumento humilde em suas mãos. Basta que guardemos o coração em*

*posição de alerta, a fim de que lhe assimilemos a mensagem de amor e luz.*

*Guardemos calma e coragem, perseverança e fé. Abençoemos os obstáculos, buscando transpô-los. São eles ensinamentos vivos ao coração.*

*Quanto mais serenidade, mais entendimento; quanto mais resistência moral diante das tentações que nos visitam, maiores recursos de aproveitamento do Amparo Divino.*

Assim seja!



## Glossário

**Animagogia** – programa de educação espiritual de cunho universalista e ecumênico cujo objetivo é auxiliar no processo de libertação do Ego. Em suma, promove a “reforma íntima” do Espírito humanizado.

**Derrelição** – processo que pode lembrar a depressão, mas que caracteriza uma desilusão, a ruptura com uma forma instituída de pensar o mundo. Trata-se de uma experiência comum e que antecede a metanóia (veja abaixo).

**Ego** – expressão muito comum nas filosofias orientais para identificar a consciência do espírito humanizado, ou seja, daquele que se encontra com sua consciência espiritual velada para vivenciar na Terra mais uma aventura encarnatória.

**Espiritologia** – ciência que estuda todos os fatos espíritas, ou seja, causados por inteligências incorpóreas, tendo como heurística a história oral com espíritos, seguindo as orientações para entrevistá-los presentes em O Livro dos Médiuns, de Allan Kardec. Entre outros assuntos, estuda a arte da Umbanda, as terapias vibracionais, a transcomunicação instrumental, a apometria, a animagogia (reforma íntima) e técnicas de hipnose e regressão.

**Metanóia** – identifica um processo de mudança de sensibilidade. Trata-se de um processo comum em casos de experiências de quase morte, por exemplo.

**Paradigma holonômico** – abordagem científica que parte da concepção de realidade como sendo um campo de trocas energéticas e vibracionais. Dentro dessa concepção, o mundo material é uma ilusão criada dentro do cérebro, ou seja, uma realidade imaginária.

**Psiconomia** – expressão usada para identificar as diferentes formas de organizar o intercâmbio com os seres incorpóreos. No Brasil, as Psiconomias mais populares são: o “kardecismo”, a umbanda e a apometria.

**Psicosofia** – nome para identificar a sabedoria espiritual de cada mestre, diferenciando-a das religiões que foram criadas a partir desses ensinamentos. Por exemplo, a Psicofia de Lao Tsé não se confunde com os diferentes taoísmos, com suas doutrinas e rituais específicos; assim como a Psicofia de Jesus não tem relação com as diferentes religiões cristãs que se digladiam cotidianamente.

**Universalismo** – corrente do pensamento espiritualista que valoriza, a partir do ecletismo criativo, os ensinamentos espirituais (Psicofia) de mestres como Lao Tsé, Krishna, Buda, Jesus, Espírito de Verdade etc., não se constituindo em religião, seita ou doutrina exclusivista.